

PRISCILA PUGSLEY GRAHL

**CULTURA E PODER NA PALESTINA ARCAICA:
AS LEIS DE GUERRA DOS HEBREUS
DEUTERONÔMIO XX**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Dalledone Siqueira

CURITIBA

2002

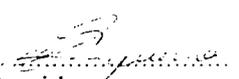


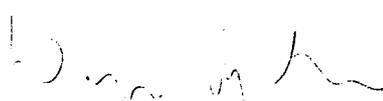
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua General Carneiro. 460 6º andar fone 360-5086 FAX 264-2791

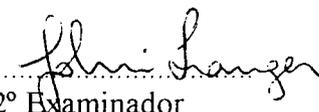
PARECER

Os Membros da Comissão Examinadora designados pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História para realizar a arguição da Dissertação da candidata **Priscila Pugsley Grahl**, sob o título "**(Cultura e Poder na Palestina Arcaica: as leis de guerra dos hebreus – Deuteronômio 20)**", para obtenção do grau de **Mestre em História**, após haver realizado a atribuição de notas são de Parecer pela ~~aprovacao~~ com conceito "B..." sendo-lhe conferidos os créditos previstos na regulamentação dos Cursos de Pós-Graduação em História, completando assim todos os requisitos necessários para receber o grau de **Mestre**.

Curitiba, 31 de janeiro de 2002.

Prof. Dr. 
Presidente

Prof. Dr. 
1º Examinador

Prof. Dr. 
2º Examinador

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas estiveram envolvidas nas diversas fases desse trabalho: professores, familiares, amigos, interessados no tema, entre outros. Algumas marcaram profundamente a elaboração e redação do material merecendo um agradecimento especial e, por isso, estão mencionadas aqui. Merece destaque a Professora Márcia Siqueira por todo o incentivo, orientação, conselhos, em todos os anos que trabalhamos juntas com essa pesquisa ou com outras envolvendo a história dos hebreus, sem seu auxílio seria impossível começar e finalizar um trabalho como esse; também merece menção os professores Sérgio e Iara Feldmann que tanto me auxiliaram numa maior compreensão do mundo hebreu ensinando sobre a história hebraica, costumes, língua e emprestando uma série de livros que com certeza foram muito úteis. Gostaria de agradecer também aos professores que estiveram em contato comigo desde o início dos créditos até a qualificação: Fátima, Renan, Marion, Ribeiro e Dennison, muito obrigada. Quanto aos meus familiares, todos tiveram seu papel especial, seja aconselhando, lendo o trabalho, incentivando para continuá-lo e até corrigindo os textos, Disnei, Luci, Martha, Lili, Nadir e João Arthur, agradeço por toda a força que me deram. Meus amigos e colegas tiveram um papel muito importante em todo o trajeto da dissertação, dando as mãos, aconselhando, ajudando, estudando juntos, indicando bibliografias. Vocês com certeza marcaram essa fase da minha vida e sempre estarão relacionados com a minha história. Liliane, Fernando, Nice, Joca, Maria Helena, Ana Letícia, Aldo, Lilian, muito obrigada. Também gostaria de agradecer a todos os meus companheiros de trabalho pelo apoio nas diversas horas: Luciana, Paula, Júlio, Marcus, Augusto, Bohdan, Ederson, Radamés e Ricardo, muito obrigada. A todos os outros que me auxiliaram de alguma forma, muito obrigada.

Espero poder um dia retribuir a todos vocês tudo o que fizeram por mim.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	iv
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
1. INTRODUÇÃO	01
2. ISRAEL E POVOS VIZINHOS	10
2.1 A HISTÓRIA HEBRAICA RELATADA NA BÍBLIA	10
2.2 POVOS QUE HABITARAM A PALESTINA	16
2.3 VIZINHOS	17
2.4 EGITO	17
2.5 MOISÉS, A FIGURA CENTRAL	18
2.6 A PROMESSA DA TERRA	19
2.7 A SOCIEDADE DE ISRAEL	20
2.7.1 OS SEMI-NÔMADES ISRAELITAS PRIMITIVOS	20
2.7.2 A RELIGIÃO DOS PATRIARCAS	21
2.7.3 ECONOMIA E MODO DE VIDA	22
2.7.4 ORGANIZAÇÃO, CONDIÇÕES SOCIAIS E COSTUMES	24
2.8 CANANEUS	26
2.8.1 PALESTINA E SÍRIA MERIDIONAL NA ÉPOCA DO BRONZE RECENTE	31
3. O LIVRO DE DEUTERONÔMIO	38
3.1 APRESENTAÇÃO	38
3.2 DIVISÃO	39
3.3 A CRÍTICA DO PENTATEUCO	41
3.4 ESTILO E GÊNERO LITERÁRIO	44
3.5 AS LEIS E O DEUS ÚNICO: TEMÁTICAS DO DEUTERONÔMIO	46
3.6 A HISTÓRIA DO LIVRO	49
3.6.1 OS LEVITAS ITINERANTES	50
3.6.2 A REFORMA DE EZEQUIAS (715-687 A.C.)	52
3.6.3 A REFORMA DE JOSIAS (640-609 A.C.)	52
3.6.4 A ESCOLA DEUTERONOMISTA (A PARTIR DE 620 A.C.)	54
3.6.5 O EXÍLIO DA BABILÔNIA (587-538 A.C.)	54
3.6.6 O PÓS-EXÍLIO (CERCA DE 400 A.C.)	55
4. AS LEIS DE GUERRA – DEUTERONÔMIO CAPÍTULO 20	57
4.1 DEUTERONÔMIO 20: 1	57
4.2 DEUTERONÔMIO 20: 2, 3 e 4	61
4.3 DEUTERONÔMIO 20: 5, 6 e 7	63
4.4 DEUTERONÔMIO 20: 8	66
4.5 DEUTERONÔMIO 20: 9	68
4.6 DEUTERONÔMIO 20:10-14	69
4.7 DEUTERONÔMIO 20: 15-18	75
4.8 DEUTERONÔMIO 20:19 e 20	83
5. CONCLUSÃO	85
ANEXO –CRONOLOGIA	88
ANEXO –AS LEIS ACERCA DA GUERRA	89
ANEXO –ILUSTRAÇÕES	91
ANEXO –GLOSSÁRIO – DEUSES CANANEUS.....	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. MAPA – O ORIENTE MÉDIO ANTIGO	91
2. MAPA – O EGITO E O SINAI NO TEMPO DO ÊXODO	92
3. MAPA – ISRAEL E JUDÁ ANTES DO EXÍLIO	93
4. “INSÍGNIA DE UR” – LADO DA GUERRA	94
5. SOLDADO FAZENDO MIRA COM UMA FUNDA	95
6. SOLDADO SUMÉRIO COM ARMAS	96

RESUMO

O livro bíblico de Deuteronômio contém diversas leis que devem ser executadas antes, durante e depois do estabelecimento do povo hebreu em Canaã, atual Palestina. As normas contemplam diversos aspectos da vida dos hebreus incluindo o cotidiano, a organização social e política, a economia, a religião, as festas, entre outros. Dentro das leis – geralmente divididas em capítulos temáticos – foi escolhido para a pesquisa o capítulo 20. Esse capítulo aborda aspectos relacionados à guerra para a conquista da “Terra Prometida” (Canaã) e recebe o nome de “As leis da guerra”. Analisando os versículos desse capítulo, foi observada a relação dos hebreus com os diversos povos interessados em possuir o território mencionado. Os trechos da legislação mostram alguns dos procedimentos que deveriam ser seguidos durante a guerra, desde o recrutamento de soldados até estratégias para o sítio e conquista de cidades. Utilizando esses relatos bíblicos como fonte histórica, e executando uma análise detalhada do capítulo citado, foram conhecidos fatos da vida militar dos hebreus na antigüidade. Além disso, foram descobertos diversos aspectos relacionados a esse povo, incluindo sua relação com outros povos que viviam no Oriente Próximo.

Palavras-chaves: Hebreus, História Militar, Deuteronômio

ABSTRACT

The Biblical book of Deuteronomy contains many laws that should be executed before, during and after the establishment of Hebrew people in Canaan, where nowadays we have Palestine. The norms contemplate many aspects of Hebrew culture, including everyday life, social organization, politics, economy, religion, parties, et coetera. Of all the laws – which are generally divided into thematic chapters – the 20th chapter was chosen for the research. This chapter, named “The Laws of War”, discusses aspects related with the war for the conquest of the “Promised Land” (Canaan). Analysing this chapter’s verses, we observed the relation of the Hebrews with many peoples interested in having the above-mentioned territory. The passage on legislation shows some conduct principles that must be followed while on war, from the recruiting of soldiers to strategies to siege and conquest cities. Upholding these biblical reports as historical sources, and proceeding a detailed analysis of the chapter, we come across many facts of the Hebrew military life in antiquity. Besides, many aspects related to the Hebrews have been discovered, including their relation with other peoples who lived in the Near East.

Keywords: Hebrews, Military History, Deuteronomy

1. INTRODUÇÃO

A Palestina possui uma história de cobiças e lutas. Na antigüidade foi palco de disputas entre cananeus, egípcios, amorreus, filisteus, hebreus, macedônios, romanos, entre outros povos. No período Medieval, árabes e cristãos se digladiaram pela sua posse. Na Idade Moderna, a Palestina, assim como o resto da Síria, tornou-se província turca e permaneceu sobre o domínio otomano até a Primeira Guerra Mundial, quando foi tomada pela Inglaterra que recebeu da Liga das Nações mandato para governá-la. Após a Segunda Guerra Mundial, foi criado o Estado de Israel. Desde então, palestinos e judeus tentam conquistar a região ou manter seu domínio sobre ela, num conflito que ainda não se resolveu.

Por razões econômicas, comerciais, religiosas, estratégicas ou mesmo de segurança territorial, a localidade sempre trouxe algum tipo de vantagem para seus possuidores. Os hebreus, talvez tenham sido o povo que mais se empenhou em dominar a região. Até hoje, seus descendentes, os israelitas, tentam garantir a posse do local, guerreando, ocupando e juntando forças, nas vitórias do passado, buscando garantir a posse completa para o futuro.

A guerra foi um dos meios utilizados pelos hebreus como tática para obter o domínio da região. Por esse trabalho estar relacionado com a história da guerra, torna-se importante narrarmos alguns aspectos referentes ao estudo do tema e sua ligação para com os hebreus.

*A guerra é quase tão antiga quanto o próprio homem*¹. Tema polêmico, a guerra tem prendido a atenção de governadores, pesquisadores e curiosos. Prever, evitar e estudar este fenômeno é uma das preocupações das ciências do nosso tempo. Muitos filósofos e

¹ KEEGAN, John. **Uma história da guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

historiadores dedicaram-se ao estudo da guerra: Kant, Hegel, Nietzsche, Carl von Clausewitz...; alguns contribuíram com idéias, outros com tratados.

“A guerra é uma atividade cultural”; “a guerra está indiscutivelmente ligada à economia, à diplomacia e à política, como demonstram os teóricos”; “a guerra precedeu o Estado, a diplomacia e a estratégia por muitos milênios”; “todas as civilizações devem sua origem ao guerreiro”. Essas são frases do famoso historiador militar, John Keegan, encontradas no livro *Uma História da Guerra*². Elas nos fazem refletir sobre muitas questões relativas ao assunto, mas, para esta pesquisa, essas frases nos levam a pensar sobre a guerra e sua relação com os hebreus.

A guerra como principal atividade cultural, não fazia parte do cotidiano dos israelitas – como parece fazer parte do cotidiano dos astecas³, por exemplo. O hebreu não possuía uma cultura guerreira forte. A atividade bélica entrou em sua história como necessidade; era necessária para a proteção e, a partir de um momento especial, como medida de conquista. Quando não era essencial, ficava esquecida, em segundo plano, principalmente nos primórdios da história hebraica, quando Israel não possuía nem exército regular.

A guerra para os hebreus, por mais que não fosse uma atividade cotidiana, estava intimamente ligada à economia, à diplomacia, e à política. Para a economia, os combates eram importantes, pois geravam muitos bens, frutos dos butins⁴. As lutas travadas pelo povo, estavam intimamente ligadas a diplomacia – era previsto por lei, acordos com algumas nações estrangeiras visando a evitar a guerra. Dentro do campo das relações políticas, a guerra era um meio capaz de proporcionar aos hebreus, uma terra, um Estado e

². KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo : Companhia das Letras, 1995. p.10;16;17;19

³ A guerra entre os astecas é analisada de forma muito interessante por Keegan, nas páginas 124-132, do livro *Uma história da guerra*, já citado.

⁴ Butim: despojo do inimigo, de que o vencedor se apropria; saque, pilhagem.

muito tempo depois, uma nação. A civilização hebraica deve sua origem aos guerreiros – que lutavam para conquistar Canaã – mas, além disso, deve sua origem também a fé. A crença de que Deus controlava sua história proporcionou ao hebreu o estímulo e a confiança na vitória.

A guerra aparece na história hebraica ligada à lei; ao sagrado e ao profano; à idolatria; à vitória; à derrota; nas canções nacionais; nos poemas; nas sagas de grandes heróis; na memória; como fruto da vingança de Deus e como meio necessário a realização de uma promessa.

Na Antigüidade, os hebreus travavam combates com cananeus e outros povos, no presente, os israelenses travam lutas contra os palestinos, e o motivo, pelo menos em parte, continua o mesmo: possuir e manter seu pedaço de terra no Oriente Próximo. Devido a importância desse tema na história dos hebreus e tendo em vista a permanência tão longa de conflitos numa mesma região, torna-se importante e justifica-se estudar, pesquisar e investir em temas relacionados a Palestina e em problemáticas relacionadas com a guerra e sua origem na vida do povo hebreu.

Quando observamos esse brevíssimo panorama da região e da guerra para os hebreus, algumas questões nos vêm a mente: quando se iniciou o interesse dos hebreus pela região da Palestina e como eles tencionavam conquistá-la? Com que povo (ou povos) os hebreus precisaram lutar para garantir a posse inicial da Terra Prometida? Essas e outras questões que atiçam nossa curiosidade serão respondidas no decorrer desse trabalho.

Durante a elaboração da pesquisa, alguns passos foram tomados como: apresentação do contexto em que se inseriam os hebreus e seus inimigos; apresentação da fonte e dos responsáveis pela sua autoria e descrição das leis que mostram como deveria ser procedida uma guerra.

Os primeiros elementos da história da Palestina são encontrados na Bíblia e na evidência arqueológica. É nesse livro, e especialmente no *Deuteronômio* que se encontra a principal fonte de estudo utilizada nesse trabalho. As evidências arqueológicas serão um apoio para esse estudo e os principais autores que nos auxiliarão mostrando dados relativos a elas são Winfried Thiel, John Keegan e Adolf Lods. Em muitos casos, quando as fontes arqueológicas não eram suficientes, recorri a metodologia sugerida por Kaufmann para situações parecidas com a minha: “Os vestígios materiais daquela era são relativamente escassos. Não há esfinges, pirâmides, templos – nem mesmo inscrições ou quadros do Israel bíblico sobreviveram em qualquer quantidade apreciável. As descobertas da arqueologia são de valor limitado para esclarecer o pensamento dessa época. Mas é dentro da própria Bíblia que devem ser encontrados os dados que se originam de períodos diferentes, várias fontes e gêneros literários (por exemplo, narrativa, leis, profecia), - materiais que juntos se harmonizam”⁵. Inspirada pela metodologia proposta por Kaufmann, relatei os textos do *Deuteronômio* com o dos demais livros do Pentateuco e com o restante da Bíblia.

É na Bíblia, no Antigo Testamento⁶, que se encontra a principal fonte histórica utilizada nessa pesquisa. Em razão disto, torna-se fundamental relatar um pouco de sua história.

A Bíblia é a denominação do conjunto de livros sagrados de cristãos e judeus. Ao todo é composta por 66 livros, divididos entre Antigo Testamento e Novo Testamento – conforme a versão, pode atingir até 72 livros.

⁵ KAUFMANN, Yehezkel. **A religião de Israel**. São Paulo : Perspectiva : Editora da Universidade de São Paulo ; Associação Universitária da Cultura Judaica, 1989. p.7.

⁶ O período que os cristãos chamam de Antigo Testamento cobre a história do povo israelita desde as suas origens até a era cristã.

Os livros que fazem parte da Bíblia foram escritos ao longo de muitos séculos. A partir do século X a.C., os feitos dos principais patriarcas hebreus e a história de Israel – até o rei Davi – começaram a ser compilados por escribas, compondo-se assim os primeiros livros da Bíblia. Para esse trabalho de compilação, os escribas utilizaram-se da tradição oral do povo hebreu, conservada e transmitida de geração a geração.

No século VIII a.C., com o surgimento dos profetas, foi dado um novo formato a Bíblia. Pesquisas recentes indicam que a partir dessa época, as mensagens dos profetas passaram a ser recolhidas e conservadas por discípulos que se reuniam em escolas proféticas. O trabalho deles, resultou em novos livros bíblicos. No final do século II a.C., a composição do Antigo Testamento estaria próxima daquela que conhecemos hoje⁷.

O Antigo Testamento, ou Bíblia Hebraica é dividido em três coleções: "A Lei", "Os Profetas" e "As Escrituras". Estas três partes, especialmente a terceira, não haviam sido fixadas e encerradas antes do Concílio Judaico de Jamnia (ao redor de 95 d.C.)⁸.

Os livros da Bíblia Hebraica foram escritos em longos pergaminhos. No terceiro século a.C., foram traduzidos para o Grego para serem utilizadas pelas comunidades israelitas de língua grega. Esta tradução recebeu o nome de *Septuaginta*. A *Septuaginta* continha 7 livros⁹ que não faziam parte da coleção hebraica; eles não estavam incluídos quando o cânon do Antigo Testamento (ou lista oficial) foi estabelecido por exegetas israelitas ao final do primeiro século d.C.

Quando Teodósio, no final do quarto século, proclamou e impôs o cristianismo como religião oficial no Império Romano, surgiu uma nova demanda por boas cópias de

⁷ É importante mencionar que o texto bíblico do Antigo Testamento foi escrito em sua maioria em hebraico, apenas alguns capítulos em dialeto aramaico.

⁸ Foi no Concílio de Jamnia que se decidiu o cânone judaico.

⁹ Estes 7 livros são chamados "Apócrifos" ou "Deuterocanon".

livros do Novo Testamento. É provável que esta tenha sido a primeira vez em que o Antigo e o Novo Testamentos foram apresentados em um único volume, agora denominado Bíblia.

Sobre as traduções da Bíblia, podemos considerar como a primeira grande tradução, a *Vulgata de S. Jerônimo*¹⁰ – versão em latim, requisitada pelo Bispo de Roma em 382 d.C. Jerônimo, o autor da tradução, foi à Palestina, onde viveu durante vinte anos; estudou hebraico com rabinos famosos e examinou todos os manuscritos que conseguiu localizar. A princípio, sua tradução foi rejeitada, mas logo passou a ser considerada tradução oficial, ainda hoje utilizada pela Igreja Católica.

Existem no mundo inúmeras versões parciais e totais da Bíblia e diversas traduções das escrituras para muitos idiomas¹¹. Os mais antigos registros de tradução de trechos da Bíblia para o idioma português são do final do século XV – 1495 – porém dezenas de anos se passaram até que a primeira versão completa estivesse disponível, em 3 volumes, em 1753.

Em língua portuguesa é mais corrente a versão de João Ferreira de Almeida, que iniciou seu trabalho com a tradução do Novo Testamento, baseado nas versões em italiano, espanhol e latim. Em 1656, Almeida começou a estudar hebraico e grego. Em 1663 iniciou a tradução do Novo Testamento, direto do grego e também do Antigo Testamento (A.T.), a partir dos originais em hebraico. Não conseguiu terminar a tradução deste último, falecendo em 1691. A tradução do A.T. foi terminada em 1694 por Jacobus Akker, somente publicada em 1748.

A primeira impressão da Bíblia completa em português, em um único volume, aconteceu em Londres, em 1819, com a versão de João Ferreira de Almeida. No final do século XIX, foi feita uma grande revisão na Versão de Almeida. Esse trabalho é conhecido

¹⁰ Conhecida como "Vulgata" por ser escrita na língua de pessoas comuns, "vulgus".

¹¹ É importante lembrar que o primeiro livro de grande porte produzido por Gutenberg foi a Bíblia em Latim. A invenção da máquina de imprimir facilitou a divulgação deste livro em outras línguas.

como a Bíblia na *Versão Revista e Corrigida de Almeida*, e ainda é utilizado até hoje. Na década de 40 do século passado, uma comissão de especialistas passou anos revendo a tradução e foi publicada a *Versão Revista e Atualizada de Almeida* (1ª edição), a versão mais lida e conhecida da Bíblia no Brasil.

Existem outras versões da Bíblia em português. A *Versão de Figueiredo*, feita a partir da *Vulgata*, pelo Padre católico Antônio Pereira de Figueiredo – foi publicada em 7 volumes em 1790, depois de dezoito anos do início do trabalho. A *Versão Brasileira*, iniciada em 1902 e terminada em 1917, foi feita a partir dos originais, produzida por uma comissão de especialistas e com a colaboração de alguns ilustres brasileiros como consultores dessa comissão – entre eles Rui Barbosa, José Veríssimo e Heráclito Graça. Outras versões também são importantes como a de Matos Soares, feita em Portugal e publicada pela primeira vez em 1932; a dos Monges Beneditinos, traduzida do francês para o português e publicada em 1959; a Versão dos Padres Capuchinhos, feita a partir das línguas originais para o português e publicada em 1968; a Bíblia Vozes, traduzida por uma comissão da Igreja Católica, a partir dos originais para o português (publicada em 1982) e a Bíblia na Linguagem de Hoje¹².

A versão escolhida para este trabalho foi *A Bíblia de Jerusalém*¹³. Isso se deve ao fato de estudiosos de diversos países considerarem-na uma das melhores traduções das Sagradas Escrituras. Além disso, é considerada a mais adequada para estudos bíblicos e é de fácil acesso, sendo encontrada em livrarias comuns e livrarias especializadas – católicas e protestantes. A maioria dos livros utilizados para esta pesquisa fazem uso dela em suas citações.

¹² HISTÓRIA DA BÍBLIA. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.sbb.org.br/portugues/historia/index.html>. Arquivo capturado em 29 de outubro de 1999.

¹³ BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. 7. ed. rev. São Paulo : Paulus, 1995.

A *Bíblia de Jerusalém* foi traduzida diretamente dos originais hebraicos, aramaicos e gregos para o francês, na Bélgica, e depois traduzida para o português e publicada em 1976¹⁴. Salvo indicações em contrário, as citações contidas no estudo foram extraídas da *Bíblia de Jerusalém*.

Sobre a Bíblia, é importante ressaltar que ela é uma das principais fontes de conhecimentos sobre o povo hebreu. Registra a tradição oral, os princípios morais, as leis, os acontecimentos políticos e religiosos, parte dos primeiros séculos da história desse povo conhecido também como judeu ou israelita. Sua linguagem, muitas vezes figurada, obriga seus estudiosos a uma análise crítica minuciosa para obter o verdadeiro significado da passagem estudada.

As escrituras contém uma variedade muito grande de temas: historiografia, narrativas ficcionais, listas de leis, profecias – tanto em verso quanto em prosa – obras aforísticas e de meditação, poemas de culto e devoção, elegias, hinos de vitória, poemas de amor, genealogias, contos, Além disso, aparecem nela concepções de: história, ética, psicologia; dos papéis da lei e do culto; do sacerdócio e da vida laica; de Israel e das nações; mesmo de Deus.

Como afirma Chouraqui, a Bíblia constitui um fabuloso reservatório de informações. “Em suas leis ou em suas narrativas históricas, ela não despreza nenhum detalhe: nem o preço de uma carruagem ou cavalo na época de Salomão, nem as intrigas da corte e do harém, nem as artes do sacrifício ou da guerra”¹⁵. Além de todos esses fatores, a

¹⁴ Algumas observações da Bíblia de Jerusalém sobre a tradução: “A tradução foi feita a partir dos textos hebraicos, aramaicos e gregos. Para o Antigo Testamento utilizou-se o texto massorético, isto é, o texto hebraico estabelecido entre os séculos VII e IX d.C. por sábios judeus, que fixaram sua grafia e vocalização. É o texto reproduzido pela maioria dos manuscritos. Quando esse texto apresenta dificuldades insuperáveis, recorre-se a outros manuscritos hebraicos ou a versões antigas, principalmente a grega, a siríaca e a latina”. BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. 7. ed. rev. São Paulo : Paulus, 1995.

¹⁵ CHOURAQUI, André. *Os homens da Bíblia*. São Paulo : Companhia das Letras : Círculo do Livro, 1990. p. 15.

Bíblia é uma declaração de teologia: um relato do relacionamento direto, muitas vezes íntimo, entre o povo hebreu e seu Deus¹⁶.

O Antigo Testamento descreve a história de um povo, o povo de Israel, que passou séculos tentando conquistar e garantir a posse de Canaã, a Terra Prometida. É a partir dos relatos – de leis – que narram os procedimentos que deveriam ser adotados na conquista dessa terra, que se desenvolverá este estudo.

¹⁶ JOHNSON, Paul. **História dos judeus**. Rio de Janeiro : Imago Ed., 1995. p. 28.

2. ISRAEL E POVOS VIZINHOS

2.1 A HISTÓRIA HEBRAICA RELATADA NA BÍBLIA

A Bíblia nos narra a saga do relacionamento de um povo com seu Deus, de Israel com Iahweh¹⁷. Este relacionamento começa desde a criação, quando Deus cria o homem e depois a mulher e lhes cede a Terra para ser habitada. Segundo os relatos do Livro de Gênesis¹⁸, o homem desobedece a Deus e é obrigado a sobreviver de seu próprio sustento, colhendo do campo e vivendo do suor de seu trabalho. As gerações passam, o homem cresce e se multiplica. Deus inúmeras vezes se entristece com ele e se arrepende de tê-lo criado; a desobediência é o que afasta o homem de seu criador. Deus espera por alguém que dê ouvidos à sua voz e seja fiel.

Todo esse relato faz parte do mito de criação hebreu. Durante os primeiros capítulos de Gênesis, vemos o homem descobrindo o mundo, sendo exterminado por não se portar corretamente, procriando, construindo e se dividindo em línguas, povos e credos e habitando a Terra. Surge neste panorama um homem diferente, Abrão. Deus resolve tentar novamente um relacionamento com o homem e propõe um acordo, expresso através de uma promessa a Abrão: *Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê uma bênção!*¹⁹ Abrão aceita o desafio e decide ir com sua família (esposa e sobrinho) até a terra então desconhecida, chamada de Canaã. Aqui começa a trajetória do

¹⁷ Iahweh. Nome particular do Deus de Israel. Também representado pelo tetragrama YHWH. O nome aparece 6823 vezes na Bíblia Hebraica. Iahweh pode ser chamado também de Senhor, Eloim e Jeová.

¹⁸ Primeiro livro da Bíblia. Relata a história da Criação, e dos principais patriarcas do povo hebreu.

¹⁹ Relato do livro de *Gênesis*, capítulo 12, versículos 1 e 2. As próximas notas virão trazendo o nome do livro bíblico por extenso, do capítulo e do versículo: Ex.: *Gênesis*, 12, 1-2.

povo hebreu²⁰. A promessa da Terra, proferida por Deus, sua busca e conquista vão nortear toda a sua história. Deus faz uma aliança com Abraão e suas futuras gerações que pode ser observada no livro de *Gênesis*, capítulo 17:

Eu sou El Shaddai, anda na minha presença e sê perfeito. Eu instituo minha aliança entre mim e ti, e te multiplicarei extremamente. (...) "Quanto a mim, eis a minha aliança contigo: será pai de muitas nações. (...) Estabelecerei minha aliança entre mim e ti, e tua raça depois de ti, de geração em geração, uma aliança perpétua, para ser o teu Deus e o de tua raça depois de ti. A ti e a tua raça depois de ti darei a terra em que habitas, toda a terra de Canaã, em posse perpétua, e serei o vosso Deus." Deus disse a Abraão: "Quanto a ti, observa a minha aliança, tu e tua raça depois de ti" (...)²¹.

A promessa passa de Abraão²² para seus filhos e netos²³, que perpetuam o pacto entre Deus e o homem, até que, em cerca de 1600 a.C., surge uma nova personagem que desviará a população de Canaã: a fome. Esta chega ao país e obriga a população descendente de Abraão a sair em busca de um lugar fértil, que possa proporcionar sua subsistência. Migram para o Egito, e lá permanecem por alguns séculos. A migração ao Egito é descrita no capítulo 46 de *Gênesis*:

Israel partiu com tudo o que possuía. Chegando a Bersabéia, ofereceu sacrifícios ao Deus de seu pai Isaac, e Deus disse a Israel, numa visão noturna: "Jacó! Jacó!" E ele respondeu: "Eis-me aqui.". Deus retornou: "Eu sou El, o Deus de teu pai. Não tenha medo de descer ao Egito, porque lá eu farei de ti uma grande nação. (...) Eles

²⁰ Os hebreus tiveram sua origem nos ramos semitas que viviam no final do segundo milênio antes de Cristo, perto de Ur, na Mesopotâmia. Nessa época, iniciaram um deslocamento populacional que segundo a Bíblia teve caráter religioso: a procura da Terra Prometida (Terra de Canaã ou Palestina). No período de migração para a Palestina, esses semitas estavam organizados em clãs, dirigidos por um patriarca. O primeiro patriarca dos hebreus foi Abraão, ele foi o responsável pela chegada do povo em Canaã e ao mesmo tempo, responsável pelo início da história religiosa dos hebreus.

²¹ *Gênesis*. 17: 1-10.

²² Não cabe aqui contarmos toda a história deste patriarca hebreu mas esta pode ser conferida nos capítulos de 12 a 25 do livro de *Gênesis*.

²³ Convencionou-se chamar a história de Abraão, de seus filhos e netos, de "Período dos Patriarcas". A história patriarcal, durante muito tempo, foi considerada pela crítica como lendária, mas graças às descobertas arqueológicas, alguns de seus aspectos passaram a ser considerados históricos. Se os relatos dos patriarcas não são de todo verdadeiros, pelo menos, nos dão pistas de como ocorreu a migração dos hebreus para a Palestina e como era a vida e a religião nesse período.

tomaram seus rebanhos e tudo o que tinham adquirido na terra de Canaã e vieram para o Egito, Jacó e todos os seus descendentes com ele: seus filhos e os filhos de seus filhos, suas filhas e as filhas de seus filhos; todos os seus descendentes ele levou consigo para o Egito²⁴.

Segundo os relatos Bíblicos, os hebreus prosperaram muito no começo de sua vida no Egito. Compraram terrenos e se multiplicaram. Tornaram-se numerosos e poderosos²⁵, até que se levantou um novo Faraó²⁶ que começou a perseguir-los imputando-lhes trabalhos pesados: *Portanto impuseram a Israel inspetores de obra para tornar-lhe dura a vida com os trabalhos que lhe exigiam (...)*²⁷. O Egito também decidiu tomar medidas drásticas para coibir o crescimento dos hebreus: ordenou a morte de todos os seus primogênitos. *Então, Faraó ordenou a todo o seu povo: “Jogai no rio todo o menino que nascer(...)*²⁸. É nesse contexto que surge o herói do Pentateuco, o líder que tem a missão de libertar o seu povo, Moisés. Vamos conhecer uma parte de sua história.

Uma mulher, durante a perseguição aos primogênitos, concebeu um filho e escondeu-o para que não fosse morto. À medida que o menino crescia, ficava impossível conter seu choro e havia o risco de ser descoberto. A mãe preferiu fabricar um cesto de betume e jogar seu filho ao mar, esperando a providência divina. O cesto chegou as mãos da filha de Faraó, que decidiu criá-lo e deu-lhe o nome de Moisés, que significa, “eu o tirei das águas”. O menino Moisés foi criado na corte, e educado nos costumes egípcios. Contam os relatos bíblicos que Moisés descobriu um dia não ser egípcio e sim hebreu e

²⁴ *Gênesis*, 46: 1-6.

²⁵ *Êxodo* 1: 7, narra o fato: “Os filhos de Israel se multiplicaram; tornaram-se cada vez mais numerosos e poderosos, a tal ponto que o país ficou repleto deles”.

²⁶ Alguns teóricos afirmam que o Egito, quando recebeu os hebreus, estava sob domínio Hicso (1600 a.C.), e que em 1550 passa a ser governado novamente por faraós que expulsam os hicsos e iniciam uma outra fase imperial. Segundo eles, surge uma nova dinastia forte que restaura o prestígio egípcio com Ramsés I e Seti I.

²⁷ *Êxodo*, 1: 11.

²⁸ *Êxodo*, 1: 22.

decidiu lutar por seu povo. Vendo a aflição de "seus irmãos", matou um egípcio que castigava um hebreu e decidiu fugir, temendo por sua própria segurança.

Moisés viveu por algum tempo no deserto, onde se casou e se tornou pastor, até que um dia recebeu um chamado de Deus para uma missão²⁹: libertar o povo da terra do Egito e levá-lo à Terra Prometida, a Canaã. Aqui surge um líder, que posteriormente será um legislador do povo hebreu. Deus apresenta-se a Moisés como o Deus único, mostra-se disposto a libertar o povo hebreu, e Moisés, depois de questionar sua capacitação para a tarefa, assume o papel de libertador e retorna ao Egito. Nos episódios que se sucederão, Moisés negociará com o Faraó a libertação do povo de Israel. Como o Faraó resiste em dar liberdade aos hebreus, Deus envia suas pragas ao Egito³⁰. Depois de muita resistência, o Faraó decide libertar o povo que começa a marchar até à Terra Prometida.

Durante a marcha, as tropas do Faraó perseguem os hebreus, que têm duas opções: atravessar o mar ou esperar a morte pelo fio da espada. Milagrosamente o Mar Vermelho se abre, o povo atravessa-o durante a noite e depois que todos os hebreus passam, o mar se fecha, matando os soldados do Faraó. O episódio da fuga do Egito e da derrota do Faraó, ficou conhecido na história hebraica com o nome de êxodo.

Estes relatos fazem parte das memórias do povo hebreu. São histórias nacionais, em que o povo é vencedor, e o Deus deste povo é quem capacita seus adoradores para a vitória. O Êxodo³¹ será muito lembrado na história hebraica, virará motivo de festa – a Páscoa – e será um conforto nos dias difíceis. A promessa da terra incentivará o povo a lutar e a prosseguir até possuí-la, e a libertação da escravidão no Egito lembrará o povo da mão forte do Deus que ele optou por servir.

²⁹ O encontro de Moisés com Deus é relatado no Capítulo 3 e 4 do livro de *Êxodo*.

³⁰ O relato das 10 pragas está contido no livro de *Êxodo*, capítulos de 7 a 11.

³¹ Parece certo que o êxodo reflete um acontecimento histórico, entretanto, não se trata da saída do povo inteiro, mas apenas de um grupo, e exatamente, do grupo conduzido por Moisés. ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas*. Rio de Janeiro : Zahar Ed., 1978. p. 211.

O povo está a caminho da Terra Prometida. Deus supre suas necessidades alimentares e físicas e Moisés torna-se além de grande líder, um legislador. Na marcha para a Terra Prometida, muitos episódios se sucedem. Segundo a Bíblia, Deus renova a aliança com Moisés e dá a ele o Decálogo, os mandamentos principais que o povo de Israel deveria seguir. Institui-se o monoteísmo, fato que era altamente inovador no contexto dos demais povos da época. Leis específicas são criadas; leis sociais, morais e religiosas.

Enquanto Moisés está no monte Sinai, formulando a legislação de Israel, na terra, os homens decidem que não necessitam de um Deus que não conseguem enxergar e criam seu próprio deus, um bezerro de ouro. Deus mais uma vez se ira com o homem e quer destruí-lo, mas Moisés intercede pelo seu povo. Iahweh renova sua aliança, e coloca a condição principal para seu relacionamento com o homem: a fidelidade.

No final do livro de Êxodo e durante o livro de Levítico, o povo está recebendo leis específicas ao sacerdócio e a sua vida diária. Estes livros, apesar de não serem os principais para esta pesquisa, constituem uma grande fonte de informação, permitindo que se reconstruam muitas características da vida social da época antiga do povo hebreu. Números é o próximo livro da legislação, que além de trazer leis, apresenta muitas estatísticas e genealogias. Também traz um pouco de história e contextualiza o povo num momento em que ele está muito próximo de Canaã.

Para verificar a terra dos cananeus, Moisés manda doze espias³². O objetivo deles era verificar como era a região, e mostrar quais seriam as condições para uma posterior conquista. Estes homens passam um tempo explorando a terra e, ao voltarem, dez deles afirmam ser impossível conquistá-la por diversas razões, e só dois, Josué e Caleb afirmam a possibilidade de uma conquista³³ e propõe que o povo de Israel marche para conquistar a

³² O povo estava dividido em 12 tribos, foi mandado um homem de cada tribo.

³³ Acontecimentos descritos no livro de *Números*, capítulo 20.

terra. Os relatos pessimistas dos dez espias contagiam o povo, que começa a murmurar e pedir para voltar ao Egito. Deus se irrita com esta atitude e mais uma vez é necessária a intervenção de Moisés para salvar o povo da ira divina. O povo é perdoado, mas recebe um castigo – vagaria durante 40 anos no deserto³⁴. Os homens do povo que murmuraram, não chegariam a ver a terra e morreriam durante a peregrinação.

Os hebreus vagaram por estes anos no deserto e chegaram à fronteira de Canaã. *No quadragésimo ano, no primeiro dia do décimo primeiro mês, Moisés falou conforme tudo o que Iahweh lhe ordenara a respeito deles*³⁵. Este é um relato do começo do livro de *Deuteronômio* e faz parte de um discurso de Moisés³⁶, dirigido ao povo com o objetivo de lembrar a obediência a Deus e a observância dos seus mandamentos. Aqui está o contexto da nossa pesquisa: o povo de Israel está na fronteira da terra e Moisés está repetindo algumas leis que deveriam ser observadas quando o povo entrasse para conquistá-la e habitá-la³⁷.

O começo de *Deuteronômio* retoma todos os grandes feitos de Israel. A partir do capítulo 12 do livro, um dos mais importantes códigos da história hebraica é dado ao povo – O Código *Deuteronômio*, a repetição de antigas e importantes leis do passado que são repassadas de forma clara e prática. Dentro deste código existem leis acerca da guerra, que determinam instruções para o procedimento em caso de combate. Estas leis se referem a conquista da Terra Prometida, Canaã³⁸. O capítulo 20 apresenta essas regras e é o objeto de análise desse trabalho.

³⁴ Este número simboliza uma geração.

³⁵ *Deuteronômio* 1: 3.

³⁶ Muitos críticos bíblicos rejeitam a autoria de Moisés para o livro de *Deuteronômio*, mas o importante a ser observado é o que sua suposta autoria representa.

³⁷ Muitos dos relatos citados acima, não possuem comprovação histórica e foram narrados, somente para colocar o leitor a par – em poucas páginas – das histórias narradas no Pentateuco.

³⁸ O assunto tratado nesse parágrafo será explorado detalhadamente mais adiante.

2.2 POVOS QUE HABITARAM A PALESTINA

A Palestina, até onde é possível remontar no tempo, possuiu uma população muito mesclada. Os semitas, ramo ao qual pertencem os hebreus, não parecem haver penetrado nela senão em meados do terceiro milênio. A população semítica da Palestina é designada por um dos termos genéricos de cananeus e amorreus. Trata-se de um só povo ou de hordas sucessivas de migrações.

Os primeiros homens que ocuparam a Palestina eram, ao que parece, gente de raça caucásica. Os semitas só vieram bem mais tarde. Entre os povos que se estabeleceram no local estão os amorreus³⁹, hicsos⁴⁰, egípcios⁴¹, hurritas, hititas, povos do mar⁴² e israelitas.

É na Palestina⁴³ que se encena grande parte da história hebraica. Esse pedaço de terra corresponde ao território dos atuais estados de Israel e da Jordânia e dos territórios palestinos. Israel era a encruzilhada de caminhos e mundos. A zona de trânsito para as migrações e para as empresas conquistadoras; para o comércio e intercâmbio de idéias. Territórios fronteiriços como Síria, Egito, Babilônia e povos, como “os povos do mar”, egeos, hititas, entre outros, fizeram parte da história desse território. Por estar numa região

³⁹ Nos séculos XXII ou XXI, uma onda de amorreus deixou a Mesopotâmia e se estabeleceu na Palestina.

⁴⁰ No século XVIII, os hicsos invadiram a região.

⁴¹ Na metade do século XIV os egípcios retomaram sua autonomia sob a Palestina.

⁴² Entre os “povos do mar”, os mais importantes para a história dos hebreus foram os filisteus, que se estabeleceram na Palestina no século XII.

⁴³ O nome Palestina é a forma grega do termo aramaico *P^lishta'in* (em hebraico *P^lishtim*) e designava originalmente o território povoado pelos filisteus na planície litorânea. Após a segunda revolta judaica (132-135 d.C.), os romanos mudaram o nome da província de *Judaea*, instituída por eles, para *Palaestina*, designando com esse termo não só a planície litorânea, mas também as regiões montanhosas da Cisjordânia.

tão importante para o comércio e para a guerra, a Palestina era muito cobiçada. Os hebreus tiveram em parte que lutar para garantir a terra, e depois, protegê-la.

2.3 VIZINHOS

Durante toda a época bíblica, a história do povo de Israel não deixou de ser influenciada pela presença de poderosos vizinhos, tanto ao sul como a nordeste. Na sua fronteira meridional, ora aliado, ora hostil, o Império Egípcio constituía um fator permanente de preocupações. Em nenhum lado o caráter imprevisível das relações com o Egito é melhor ilustrado do que nos episódios que contam a presença de José nessa região e os que narram o Êxodo. Em primeiro lugar, José, depois de ter sido vendido pelo seus irmãos, acaba por tornar-se um dos personagens mais importantes do Egito, onde sua família é acolhida de braços abertos⁴⁴; seguidamente, os descendentes dessa família, os israelitas, são reduzidos a escravatura⁴⁵. O Egito sempre procurou dominar Israel quando a oportunidade se lhe apresentava. Já o poderoso vizinho do nordeste, a Assíria, em 721 a.C., dominou a Palestina pondo fim a independência de Israel⁴⁶.

2.4 O EGITO

O império dos faraós era uma terra mais fértil do que Israel. Mais de uma vez, nas épocas de fome, os habitantes de Canaã precisaram dirigir-se para lá, quer para ali se estabelecerem, quer para obterem víveres. Foi o que aconteceu com Abraão: *Houve uma*

⁴⁴ *Gênesis*, 37 e 39-40.

⁴⁵ *Êxodo*, 1-14.

⁴⁶ ROGERSON, John. **Bíblia** : os caminhos de Deus. Madrid : Edições del Prado, 1996. p. 216.

*fome na terra e Abraão desceu ao Egito, para aí ficar, pois a fome assolava a terra*⁴⁷. Foi esse também o motivo que levou os filhos de Jacó a buscarem trigo no Egito, onde seu irmão José tinha se tornado um dos principais administradores. A prosperidade do Egito dependia do Nilo. Com suas cidades suntuosas ao longo do Nilo, o Egito representava a riqueza, a fertilidade, o poder e a sabedoria⁴⁸.

2.5 MOISÉS, A FIGURA CENTRAL

Na história judaica, o eixo em torno do qual tudo gira é Moisés. Se Abraão, foi o antepassado da raça, Moisés foi a força essencial criativa, o modelador da população; através dele, os hebreus tornaram-se um povo distinto. Acima de tudo ele era um legislador e um juiz. Um homem que não apenas atuava como intermediário entre Deus e o homem, mas que buscou traduzir o mais intenso idealismo na prática da arte de governar⁴⁹.

Se Abraão revela à história sua fé, Moisés revela uma nova idéia: a idéia de que a vontade de Deus governa tudo. Como personagem histórico, ele está vinculado ao relato da libertação de Israel da escravidão no Egito e também ao Pacto do Sinai⁵⁰. É o legislador que dita o código moral⁵¹.

⁴⁷ *Gênesis*, 12:10.

⁴⁸ ROGERSON, p. 217.

⁴⁹ JOHNSON, Paul. **História dos judeus**. Rio de Janeiro : Imago, 1995. p. 38.

⁵⁰ O Pacto do Sinai aparece na Bíblia em *Êxodo* 20: 1-17 e 24: 7, 8. Em *Êxodo* 20, são passados os “Dez Mandamentos” ao povo, em 24, o pacto é concluído. “Tomou o livro da Aliança e o leu para o povo; e eles disseram: ‘Tudo o que Iahweh falou nós faremos e obedeceremos.’ Moisés tomou do sangue e o espargiu sobre o povo, e disse: ‘Este é o sangue da aliança que Iahweh fez convosco, através de todas essas cláusulas.’” (*Êxodo* 24: 7, 8)

⁵¹ JOHNSON, p. 38.

2.6 A PROMESSA DA TERRA

A promessa da terra e a eleição de Abraão e de seus descendentes para um papel especial na providência de Deus são inseparáveis na apresentação bíblica da história. Segundo a Bíblia, os hebreus são os eleitos, a terra é deles, por graça e por favor sempre revogáveis, como mostra *Deuteronômio*:

Se Iahweh se afeiçãoou a vós e vos escolheu, não é por serdes o mais numeroso de todos os povos – pelo contrário: sois o menor dentre os povos! – e sim por amor a vós e para manter a promessa que ele jurou a vossos pais; por isso Iahweh vos fez subir com mão forte e te resgatou da casa da escravidão, da mão do Faraó – rei do Egito. Saberás portanto que Iahweh é o único Deus, o Deus fiel, que mantém a aliança e o amor por mil gerações, em favor daqueles que o amam e observam os seus mandamentos; mas é também o que retribui pessoalmente aos que o odeiam: faz com que pereça sem demora aquele que o odeia, retribuindo-lhe pessoalmente. Observa, pois, os mandamentos, os estatutos e as normas que hoje eu te ordeno cumprir³².

É através das promessas que o “deus de Abraão” se manifesta para seus adoradores. É com elas que a história dos hebreus vai caminhar e se desenvolver. A principal promessa, intimamente ligada a trajetória do povo e, por conseqüência, das guerras por ele travadas, é a promessa da terra.

A dádiva da terra está presente no princípio da história hebraica, já com Abraão. O fato é comprovado no versículo 1 de *Gênesis* capítulo 12: *Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei*. Esta terra aqui referida é a Palestina.

A promessa continua a ser lembrada em muitos capítulos da história dos hebreus. Não valia só para Abraão, mas também para seus descendentes, desde que cumprissem com as expectativas divinas. O pacto entre Deus e Abraão foi renovado para o povo inteiro no Monte Sinai e a promessa passou a valer para toda a geração. O Deus da promessa é o

que recorda, pois se libertou o povo do Egito, é por que não esqueceu a promessa feita a seus antepassados. E por isso, levará o povo até a Terra Prometida.

Antes de observarmos o processo seguido pelo povo até a Conquista da Terra, precisamos, porém, conhecer aspectos da sociedade hebraica e da cananéia, que serão expostos a seguir.

2.7 A SOCIEDADE DE ISRAEL

Para entendermos a conquista da Terra Prometida e as leis envolvidas nesta, é necessário conhecermos alguns aspectos da sociedade de Israel e da de seus vizinhos. A principal obra que auxiliará nessa compreensão é *A sociedade de Israel na época Pré-Estatal*⁵³. Nos relatos a seguir poderão ser percebidas algumas das idéias encontradas nesse livro quanto a história e organização social da Palestina e dos povos ao redor dela.

2.7.1 OS SEMI NÔMADES ISRAELITAS PRIMITIVOS

As fontes mais importantes para a pré-história de Israel são encontradas no livro de Gênesis capítulos de 12 a 50. Não são poucas as vezes que os relatos encontrados nessas passagens – que deveriam refletir a vida nômade – refletem fases de desenvolvimento posteriores, possivelmente por terem sido escritos numa época após aos acontecimentos narrados, portanto, para identificar as passagens que refletem realmente costumes da

⁵² Deuteronômio 7: 7-11.

⁵³ THIEL, Winfried. **A sociedade de Israel na época pré-estatal**. São Leopoldo : Sinodal; São Paulo : Paulinas, 1993.

época, os textos devem sofrer uma análise crítica. No caso dos capítulos citados acima, deve ser localizado o estilo de fonte utilizado no relato que pode ser Javista ou Eloísta⁵⁴.

Segundo Winfred Thiel, os personagens de Gênesis eram “realmente pessoas históricas, decerto dos tempos da ‘migração aramaica’, destinatários de revelações e promessas de um ‘Deus dos pais’ e fundador de um culto, e que viviam como pastores nômades nas cercanias da Palestina”⁵⁵.

2.7.2 A RELIGIÃO DOS PATRIARCAS

A religião no período patriarcal, como cita Mircea Eliade, é caracterizada pelo culto do “deus do pai”⁵⁶. (...) *Deus de meu pai Abraão e Deus de meu pai Isaac. Iahweh, que me ordenaste (...)*. “O ‘deus do pai’ é primitivamente o deus do antepassado imediato, que os filhos reconhecem. Ao revelar-se ao antepassado, ele atestou uma espécie de parentesco. É um deus dos nômades, que não está ligado a um santuário, e sim a um grupo de homens a quem acompanha e protege”⁵⁷.

O Deus de Abraão é o Deus dos antepassados. Quando abordarmos adiante a questão da guerra, devemos reconhecer Iahweh não mais como o “deus do pai”, mas o Deus de um povo, o senhor dos exércitos.... Já o Deus de Moisés, é visto como o Deus do ancestral, mas vai além, é o Deus Todo Poderoso que estende sua mão para impor justiça⁵⁸.

⁵⁴ Para entender melhor sobre as fontes existentes no Pentateuco, ver o tópico 3.3 “A Crítica do Pentateuco”.

⁵⁵ THIEL, p. 23.

⁵⁶ ELIADE, **História das...**, p. 204.

⁵⁷ ELIADE, **História das...**, p. 204.

⁵⁸ Na época de Moisés a visão dos hebreus é de que Deus está no centro de sua história e é ele que conduz seu povo às lutas, às vitórias, a Terra Prometida.... Deus é o Senhor da História hebraica. O hebreu, pelo menos no que diz respeito aos anseios dos legisladores, deveria ter fé; precisava crer na intervenção divina, miraculosa. A fé modelo é representada por Abraão e é chamada de fé abraâmica. Abraão, durante a sua trajetória até Canaã, mostrou fé incondicional e crença em um Deus de quem, até se revelar a ele, nunca

2.7.3 ECONOMIA E MODO DE VIDA

No livro de Gênesis podemos perceber que os patriarcas eram semi nômades e criadores de gado miúdo⁵⁹. Por mais que alguns relatos mencionem a criação de gado vacum, provavelmente foram inseridos posteriormente, pois este tipo de criação pertence a uma época em que os hebreus viviam a transição para a vida sedentária, com instalações permanentes e presença constante no povoado⁶⁰.

Um outro exemplo de relato que sofreu acréscimo em uma época posterior pode ser observado em Gênesis: *Iahweh cumulou meu senhor de bênçãos e ele tornou-se muito rico: deu-lhe ovelhas e bois, prata e ouro, servas, servos, camelos, jumentos*⁶¹. Esse versículo teve sua redação final possivelmente entre os séculos X e IX a.C. e pertence a corrente Javeísta. Deveria relatar bens da época dos israelitas primitivos mas reflete posses que não condizem com esse momento – por exemplo, camelos que só existiram na época de sedentarização, muito posterior aos relatos do Gênesis.

Os patriarcas viviam em tendas. Esse fato pode ser comprovado nas narrativas de mudanças de localidade, quando os hebreus armavam suas tendas ou acampavam em uma nova região: *Seus acampamentos conduziram-no do Negueb até Betel, no lugar onde primeiro armara sua tenda, entre Betel e Hai*⁶². É interessante uma citação de Winfried, sobre a permanência do vocabulário tenda na vida do povo hebreu: “depois que os

ouvira falar. Abraão se saiu bem nas provações colocadas por Deus para medir sua fidelidade e obediência. O seu modelo deveria ser seguido por todos os israelitas.

⁵⁹ Caprinos e ovinos.

⁶⁰ THIEL, p. 25.

⁶¹ *Deuteronômio*, 24: 35.

⁶² *Gênesis*, 13: 3.

israelitas há muito se haviam tornado sedentários e moravam em casas sólidas, preservou-se a expressão tradicional da tenda, que, no entanto, agora denominava as cabanas e as casas nas quais moravam”⁶³.

Os patriarcas viviam como semi nômades percorrendo determinadas regiões da Palestina. Seu objetivo era encontrar novas pastagens para seus rebanhos. Na época, os hebreus não tiveram grande contato com os grandes centros agrícolas, as regiões de concentração das cidades-estados dos cananeus, repletas de planícies férteis. O local no qual exerceram influência englobava essencialmente as regiões montanhosas da Palestina central, áreas de população reduzida, com poucas cidades fortificadas e repletas de montanhas que mais serviam para a pecuária do que para a agricultura. Outra região ligada a tradição dos patriarcas é a terra da Transjordânia, mais precisamente o território de Gileade. O sul da Palestina também esteve ligado ao campo de atuação patriarcal, especialmente as regiões de Hebron, Manre, Gerar, Berseba e Neguebe. Estas eram áreas de pastagens encontradas no cinturão de estepes que separavam a terra cultivada do deserto, região preferida de grupos nômades, criadores de gado miúdo⁶⁴.

Podemos admitir que os grupos israelitas primários retratados nessas tradições praticavam uma agricultura esporádica de semi nômades em terras apropriadas e desocupadas, entre as emigrações pastoris. O produto dessa agricultura modesta foi certamente pouco considerável e representava apenas uma fonte de mantimentos complementar ao lado da pecuária dominante⁶⁵.

A zona de estepes possibilitava além da pecuária também práticas agrícolas, por isso, era a ideal para semi nômades como os patriarcas hebreus. Graças a sua importância

⁶³ Citação da página 26 do livro *A sociedade de Israel na época pré-estatal*, retirada de DELCOR, M. *Quelques cas de survivances du vocabulaire nomade en hébreu biblique*, VT, 25:307-322, 1975.

⁶⁴ THIEL, p. 25.

⁶⁵ THIEL, p. 28.

observamos na Bíblia relatos de conflitos provocados por causa do uso dos pastos⁶⁶ e dos poços⁶⁷. Mesmo assim, eles são poucos. Os rebanhos dos semi nômades necessitavam de pastagem e acesso aos bebedouros, por isso, tiveram muito interesse em políticas de boas relações com os habitantes sedentários, assim que entravam em contato com eles. Os relatos bíblicos deixam claro que os nômades eram relativamente pacíficos e tratáveis e que somente recorriam a ações guerreiras em situações de extrema dificuldade.

As histórias dos israelitas de Gênesis estão muito distantes da rivalidade absoluta entre Israel e Canaã que aparece a partir do livro de Êxodo. Os incidentes entre os dois povos se limitam a contatos com cidades cananéias como Sodoma, Siqueem e Gerar.

2.7.4 ORGANIZAÇÃO, CONDIÇÕES SOCIAIS E COSTUMES

Na época patriarcal, as relações sociais ocorriam no âmbito familiar. Os grupos de israelitas primitivos eram, na maioria dos casos, unidades de parentesco consanguíneo⁶⁸, clãs e grandes famílias. A grande família é patriarcal. O *pater familias* é seu centro e conserva essa posição até a morte. Tinha direito a poligínia⁶⁹. Decidia sobre as questões que diziam respeito a toda a comunidade, exercia o direito à propriedade e à jurisdição sobre todos os membros da família. Ele ordenava e regulava o convívio na grande família. Era responsável pelo exercício do culto. A grande família semi nômade era uma comunidade familiar, econômica, de direito e cultural. Nela responsabilidades e deveres

⁶⁶ “Houve uma disputa entre os pastores dos rebanhos de Abraão e os dos rebanhos de Ló (...)”. (Gênesis, 13:7).

⁶⁷ “Abraão repreendeu a Abimelec a respeito do poço que os servos de Abimelec tinham usurpado”. (Gênesis, 21:25)

⁶⁸ O grupo de parentesco consanguíneo é a base social dos semi nômades israelitas primitivos. Ele abrangia o círculo de parentes que peregrinavam juntos e moravam em conjunto em acampamentos ou povoados de tendas. A melhor descrição bíblica desse tipo de grupo pode ser encontrada na história da grande família de Jacó que se inicia no Livro de *Gênesis*, capítulo 29.

estavam regulamentados para proteção de todos os membros da comunidade. O patrimônio da família – rebanhos e terras – era administrado pelo patriarca, servindo para o proveito e alimentação de todos⁷⁰.

As famílias individuais estavam sob a responsabilidade dos irmãos e filhos do patriarca. O filho mais velho tinha compromissos especiais em questões econômicas e sociais da grande família; tinha uma posição de honra logo abaixo do pai, ainda durante seu tempo de vida (após a morte do pai assumia o posto de chefe da família).

A mulher, na época aqui referida, era uma pessoa sujeita à autoridade, destino semelhante aos dos demais membros da família. Era dona de casa e mãe, além de ser responsável por gerar os varões que dariam continuidade à família. Devido a isso, a mulher estéril sofria uma difícil situação. A concubina também devia obediência e se encontrava numa posição de inferioridade. Viúvas e órfãos eram sustentados pela grande família.

Quanto ao aspecto militar, uma família com grande descendência tinha muitas vantagens no momento de se defender. Quanto mais homens melhor, pois além de protegerem os bens da família, produziam mais riquezas com seu trabalho.

Próximos a grande família e buscando proteção estavam os forasteiros que muitas vezes eram expulsos ou fugiam de outros grupos. O protegido não era parente do grupo que oferecia a ele proteção, não tinha posses e ocupava uma posição de inferioridade, provavelmente entre os membros da família e os escravos. Os estrangeiros também deviam obediência ao patriarca. Ainda existe um grupo de pessoas desclassificadas e muitas vezes desprezadas pelos semi nômades como caldeireiros e ferreiros, que procuravam sobreviver na área entre a terra cultivada e o deserto.

⁶⁹ Podia casar-se com muitas mulheres.

⁷⁰ THIEL, p. 32.

Os escravos eram a camada social inferior. A maioria deles havia se tornado cativo por ocasião de assaltos e incursões guerreiras. O número de escravos nessa fase da história hebraica era mínimo. Eles executavam os serviços normais de um nômade, cavavam poços ou pastoreavam rebanhos. Devido a seu valor, recebiam um bom tratamento dentro da grande família.

Entre tantos costumes podemos citar alguns: os primitivos israelitas praticavam a hospitalidade – que implicava o dever de proteção do hóspede. A vingança de sangue também era praticada quando necessária – atingia rigorosamente aquele que incorrera em culpa de sangue⁷¹.

Essa estrutura israelita começa a se modificar devido a fatores como a transição da pecuária de pequeno porte em regime semi nômade para o modo de vida agrário e a entrada de elementos e idéias cananéias no mundo hebreu, fatos que acarretaram necessariamente mudanças sociais entre os grupos israelitas primitivos.

2.8 CANANEUS

Os cananeus, segundo a Bíblia, eram os descendentes de Cam – um dos filhos de Noé. Podemos observar o que *Gênesis* 10 – capítulo que trata do povoamento da terra e da descendência de Noé – nos fala sobre Cam: *Filhos de Cam: Cush, Mesraim, Fut, Canaã*⁷².

A descendência de Canaã pode ser encontrada em *Gênesis*:

Canaã gerou Sídón, seu primogênito, depois Het, e o jebuseu, o amorreu, o gergeseu, o heveu, o araceu, o sineu, o arádio, o sarameu, o emateu; em seguida dispersaram-se os clãs dos cananeus. As fronteira dos cananeus ia de Sidônia em direção de Gerara, até Gaza,

⁷¹ A maior parte dos dados sobre a organização dos israelitas aqui descritos pode ser encontrada no livro de: THIEL, Winfried. *A sociedade de Israel na época pré-estatal*. São Leopoldo : Sinodal; São Paulo : Paulinas, 1993. p. 32 – 36.

⁷² *Gênesis*, 10: 6.

depois em direção de Sodoma, Gomorra, Adama e Seboim, até Lesa. Esses foram os filhos de Cam, segundo seus clãs e suas línguas, segundo suas terras e suas nações⁷³.

Um dos aspectos mais interessantes encontrado nos versículos é o nome do primogênito de Canaã, Sídôn – nome que depois tomou uma das principais cidades da Síria. Outro fato interessante, é a narração e descrição da dispersão dos descendentes de Canaã no território palestino – infelizmente não podemos localizar geograficamente todas as cidades citadas, o que não invalida o trecho. Talvez, o ponto alto do texto esteja em nos mostrar como os hebreus viam a presença dos cananeus na Palestina. O versículo aponta a origem deles, como descendentes de um dos filhos de Noé e sua dispersão em clãs, dentro do território de Canaã. Mesmo não concordando com a presença dos cananeus na Terra Prometida, os hebreus reconheciam o pioneirismo deles na posse da região e traçavam em seus relatos – mesmo que de maneira breve – a gênese da história desse povo na Palestina.

Agora que conhecemos a origem – segundo a Bíblia – dos cananeus, vamos ver o que um Dicionário especializado nos relata sobre eles:

CANANEUS. Esta designação é usada em sentido restrito, e também em sentido lato. Implica ou a tribo que habitava uma particular porção da terra ao ocidente do Jordão antes da conquista, ou o povo que habitava, duma maneira geral, todo o país de Canaã. Quanto a sua significação restrita: a região baixa da parte ocidental compreendia as planícies que ficavam entre a praia do Mediterrâneo e a base dos montes de Benjamim, de Judá, e de Efraim, a planície de Filistia do sul, e de Sharom entre Jafa e o Carmelo, a grande planície de Esdrelom, junto à baía de Aca, a planície da Fenícia, contendo Tiro, Sidom, e todas as outras cidades daquela nação, e finalmente, o vale do Jordão, que se estendia desde o mar de Genesaré até o sul do mar Morto, cerca de cento e noventa quilômetros de comprimento, por treze a vinte e dois quilômetros de largura. A tribo cananéia habitava desde Sidom até Gaza, e dali até à extremidade sul do Mar Morto (Gn 10.18, 19). (...) Na sua significação mais ampla, o termo “cananeus” incluía todos os habitantes não israelitas da terra, antes da conquista.⁷⁴

⁷³ *Gênesis* 10: 15-20.

⁷⁴ BUCKLAND, A. R. Dicionário Bíblico Universal. São Paulo : Vida, 1999. p. 80

As pesquisas relativas a história dos cananeus evoluíram consideravelmente após as descobertas dos textos de Ugarite e Alalake⁷⁵. São informações acerca dessas cidades que nos possibilitaram um panorama mais amplo sobre os cananeus e sua organização.

Na organização política cananéia, prevaleciam os mini-estados locais. Ugarite dominava sobre um território considerável e era uma importante metrópole comercial. Com uma localização estratégica⁷⁶, lucrava com o comércio em trânsito e com o transporte marítimo. Era uma cidade que possuía uma posição de destaque no mundo da época. Já Alalake também dominava um território considerável, mas levava uma desvantagem quando comparada a Ugarite – estava localizada no interior e portanto, lucrava somente com o comércio em trânsito⁷⁷.

Nas sociedades de Ugarite e Alalake, a autoridade máxima era o rei. Estava cercado de sofisticados funcionários que mantinham o sistema administrativo e exerciam enorme influência sobre os assuntos jurídicos de seus súditos⁷⁸. O rei era o maior proprietário de terras do país. Ampliava seu domínio através de trocas e de confisco das possessões de súditos que não obedeciam seus compromissos e, também de terras de homens executados e criminosos fugitivos. O rei cedia parte de suas terras a funcionários e serviçais, além de repassar muitas vezes parte dos impostos a eles. Além de ser proprietário

⁷⁵ Os textos ugaríticos aqui comentados graças aos estudos de Winfried Thiel, são documentos jurídicos e administrativos, redigidos em caracteres cuneiformes acádicos. Originam-se quase que exclusivamente do palácio. Fazem parte da camada I (séculos XIV e XIII a.C.) e refletem as condições de Ugarite na idade do bronze recente. Os textos de Alalake são da camada IV (século XV a.C.) e VII (séculos XIII e XII a.C.) e elucidam condições sócio-econômicas.

⁷⁶ Observe a localização de Ugarite no Anexo Ilustrações, mapa 01.

⁷⁷ THIEL, p. 38.

⁷⁸ A influência do rei nos assuntos jurídicos do povo pode ser percebida através da quantidade de documentos jurídicos encontradas no palácio de Ugarite e da frase “na presença do rei”, encontrada nesses documentos.

de terras, o rei participava de transações comerciais, lucrando com as vendas e com a cobrança de impostos⁷⁹.

Segundo Thiel⁸⁰, na família real de Ugarite, a rainha-mãe tinha posição de destaque. Seus privilégios eram de ordem política, econômica e cerimonial. Ela substituíam o rei quando ausente e tinha acesso aos documentos políticos e influência política. Tinha sua corte, cortesãos e comerciantes próprios. Desempenhava papel importante na vida econômica e comercial, dispondo de bens próprios – lavouras, construções, vinhas – com as quais negociava.

Quando Thiel observou a estratificação social em Ugarite através de pesquisas e documentos, notou que a população era dividida em três camadas: “empregados do rei de Ugarite”, “filhos de Ugarite” e “empregados dos empregados do rei de Ugarite”. Tratavam-se de: funcionários e serviçais do rei, cidadãos livres do país e subordinados aos funcionários e serviçais do rei.

“Dentre os ‘empregados do rei’ vinham primeiro os funcionários reais. Integram esse grupo o ‘governador do país’ e numerosos funcionários graduados como, por exemplo, o ‘administrador do palácio’, o ‘administrador da casa da rainha’, o ‘supervisor do palácio’, o ‘supervisor do tesouro real’, o ‘supervisor dos carros de guerra’ e o ‘escrivão’.(...)”⁸¹ Essa lista de funcionários não deixa de ser interessante, pois nela aparece uma categoria fundamental para essa pesquisa: os supervisores de carro de combate, homens de sumária importância em tempo de guerra.

Abaixo dos funcionários encontravam-se os serviçais do rei, eles estavam divididos em grupos profissionais como: militares (lutadores de carro de combate, soldados, soldados de guarda, etc.) e artesãos (guarda-portões, cantores, pastores, mestres de obra,

⁷⁹ THIEL, p. 39 - 40.

⁸⁰ THIEL, p. 40.

ferreiros, construtores de carroça, marceneiros, etc.). Ao lado deles, ainda segundo Thiel, aparecem nas listas pessoas como comerciantes, sacerdotes e funcionários subalternos. Mais uma vez os cargos militares aparecem em destaque, fato importante, pois através dessas pequenas observações das listas de Ugarite, podemos ter uma idéia de como era organizado o exército cananeu, o principal opositor dos hebreus na conquista da Terra Prometida.

Ainda dentro dos serviçais dos reis, temos os *maryannu*, tropas de elite especializadas na luta com carros de combate. Representavam uma classe militar privilegiada que formava a camada de senhores de toda a Síria e da Palestina. O grau de *maryannu* era concedido pelo rei e era hereditário para os filhos. Ele vinha associado à concessão de terras das propriedades reais, o fornecimento de prata e dos produtos naturais e segundo Thiel, provavelmente de armas e outros equipamentos móveis dos depósitos do rei. Os valores concedidos em prata eram, em média, superiores aos concedidos a outros grupos. As tropas de elite usufruíam o privilégio de estarem isentas de numerosos tributos e da obrigação de prestar serviços. As terras concedidas pelo rei aos *maryannu*, ficavam no interior. Caso eles não cumprissem os compromissos devidos ao rei, corriam o risco de terem suas terras confiscadas. Embora os *maryannu* fossem uma classe de serviço militar altamente privilegiada, não podemos esquecer que estavam subordinados aos supervisores de carro de combate.

A população livre não era necessariamente forçada a prestar serviços diretamente ao rei, e vivia em sua maioria como população agrícola do país. Ela cultivava a terra comunitária, cujas parcelas estavam em mãos particulares e que podiam ser vendidas e trocadas dentro da comunidade. A base desses povoados eram as famílias, entre elas era subdividida a terra comunitária para uso. A comunidade era responsável como um todo para com o pagamento dos tributos exigidos. Em primeiro lugar, ela tinha que fornecer

⁸¹ THIEL, p. 40.

pequenos contingentes militares (arqueiros e arremessadores), que podiam ser aproveitados para serviços de policiamento e vigilância – a verdadeira “espinha dorsal” do exército era formada por grupos de serviço militar do rei. Os contingentes militares eram sustentados pelo estado enquanto estivessem prestando serviços.

A população livre das aldeias – que constituía a maioria da população de Ugarite –, pagava o tributo ao governo na forma de produtos agrícolas e pecuários: cereais, azeite, vinho, gado.

A sociedade de Alalake era muito parecida com a de Ugarite. Talvez uma das maiores diferenças entre elas esteja na estratificação social. Como para essa pesquisa, nos interessam aspectos relativos a guerra, priorizarei os aspectos militares dessa região. Em Alalake, os *maryann*, integravam a camada superior da sociedade e viviam distribuídos sobre os povoados do reino. Como condutores de carro de combate, estavam subordinados diretamente ao rei.

Os escravos formavam a classe inferior da sociedade (tanto de Alalake quanto de Ugarite). Nos documentos encontrados nessas cidades, consta que eles estavam listados junto com os objetos de valor de seus proprietários. Seu número era pequeno nas cidade e seu preço, exorbitante. Devemos lembrar que as duas cidades estudadas eram relativamente pacíficas, voltadas mais ao comércio do que à guerra. Mesmo assim, a guerra e prisioneiros de guerra eram uma das principais fontes de obtenção dessa mão-de-obra.

2.8.1 PALESTINA E SÍRIA MERIDIONAL NA ÉPOCA DO BRONZE RECENTE

As principais fontes para o estudo da Palestina na época do bronze recente são: informações do Antigo Testamento; textos de El-Amarna; alguns documentos cuneiformes – encontrados em escavações na Palestina – e informações arqueológicas.

Ao estudar qualquer povo da antigüidade é sempre importante dedicar tempo na busca de características geográficas da região de sua atuação. No caso da Palestina, conhecer aspectos do local podem nos auxiliar a desvendar importantes questões. O primeiro aspecto geográfico a ser observado é o litoral. Ele não oferecia ancoradouros naturais, o que, portanto, dificultou o desenvolvimento da navegação e do comércio marítimo e os fez desempenhar um papel secundário. Já no litoral fenício, existiram importantes cidades portuárias – ao norte do Monte Carmelo – que estiveram no auge de sua atividade na idade de ferro (1200 – 900 a.C.), depois da destruição de Ugarite e da decadência das cidades-estados da idade do bronze recente⁸².

As configurações territoriais palestinas mostram um quadro de ampla fragmentação. Listas egípcias e as cartas de Amarna mencionam uma profusão de topônimos⁸³ que causam a impressão de um amontoado de cidades-estados. Elas são raras e distanciadas entre si no interior do país, enquanto proliferam nas planícies férteis, nas regiões planas do litoral palestino, na planície de Jezreel e na orla da planície de Sarom. O território dessas cidades muito próximas uma da outra abrangia, por via de regra, não muito o mais da área da própria cidade, seus campos e alguns povoados sobre seu domínio. Essa formação de pequenos estados dentro de um território limitado impedia os detentores do poder a desenvolverem uma expansão efetiva e os envolvia em uma constante luta do poder entre si. A densidade populacional correspondia à distribuição das cidades: a maior densidade encontra-se nas planícies, enquanto a região montanhosa central era pouco povoada. As áreas de colonização preferidas eram as terras férteis e próprias para a agricultura, enquanto as regiões montanhosas e cobertas de florestas, difíceis de serem exploradas, especialmente na Palestina Central, apresentavam povoações maiores (p. ex., Jerusalém, Siquém) apenas em regiões favoráveis do ponto de vista topográfico ou do trânsito. No mais, ficavam relegadas aos semi nômades para pastagens de verão⁸⁴.

Segundo Winfried Thiel, as cidades eram populosas, e os cidadãos sustentavam-se por meio da agricultura. Somente uma pequena parcela da população urbana dedicava-se ao artesanato. A cidade abrigava a corte e a classe superior – principalmente a ligada às

⁸² Para conferir a localização do Monte Carmelo e de algumas cidades ao norte, observe o mapa 02 do Anexo Ilustrações.

⁸³ Topônimo significa nome próprio de lugar.

⁸⁴ THIEL, p. 47.

atividades militares. Especialmente esta diferenciação distinguia a cidade das povoações. Cabia à cidade a tarefa da administração e da defesa, enquanto as povoações tinham que suprir especialmente as cidades com produtos coloniais⁸⁵.

Durante toda a era do bronze recente,⁸⁶ a Palestina esteve sob o domínio do Novo Império do Egito. Para o Egito, a influência na região tinha um aspecto estratégico: fornecia segurança aos seus limites, trânsito livre pelas rotas militares e uma especial importância econômica⁸⁷.

A Palestina era a etapa necessária do grande caminho que unia o Egito e a Arábia ao sul da Síria, a Mesopotâmia e a Ásia Menor, passagem obrigatória de mercadores, embaixadores, exércitos e povos em migração. Assim, para o Egito, o domínio da região garantia um intercâmbio comercial relativamente seguro e o fornecimento de produtos indispensáveis como metal, madeira, azeite, seja por via do intercâmbio normal, seja por cobrança de tributos de países subjugados⁸⁸.

A Palestina supria o Egito com tributos provenientes da agricultura e pecuária. Ao lado dos tributos regulares, os príncipes tinham a obrigação de abastecer as tropas egípcias garantindo víveres às tropas expedicionárias que transitavam por seus territórios. Também deviam abastecer as tropas de ocupação. No caso de uma expedição egípcia a Ásia Menor, os governantes da Palestina deveriam equipar as cidades portuárias com todos os recursos necessários e juntar-se com suas próprias tropas ao exército egípcio.

⁸⁵ THIEL, p. 48.

⁸⁶ Para localizar a Palestina e os povos vizinhos na era do bronze recente, ver Anexo Cronologia: Quadro Cronológico da vida cotidiana dos hebreus, extraído de: CHOURAQUI, p. 302-303.

⁸⁷ Observe no mapa 03, algumas rotas comerciais utilizadas pelo Egito no período do Êxodo.

⁸⁸ THIEL, p. 48.

Winfried Thiel coletou informações relacionadas à estratificação social das cidades cananéias a partir de vestígios arqueológicos obtidos nas cidades de Ugarite e Alalake. Vejamos o que nos relata sobre esse assunto:

O castelo que dominava a cidade não servia apenas de palácio residencial para a família real, de centro representativo e administrativo e de último refúgio quando o resto da cidade estava conquistado, mas decerto tinha também a finalidade de proteger o rei e as famílias notáveis contra seus próprios súditos. Mas o contraste reflete-se também nas construções residenciais. Ao lado de residências amplas, que serviam de moradia às camadas altas, existiam pobres choças para o povo simples, e existiam bairros urbanos que os arqueólogos denominaram de “favelas”. Somente os membros da camada superior tinham condições de mandar erigir túmulos ricos⁸⁹

A partir desse relato, podemos notar como a condição dos membros das cidades cananéias se modificou desde o início da ocupação das cidades de Ugarite e Alalake até o período do bronze recente. A desigualdade social cresceu e constataremos os motivos adiante.

A agricultura fornecia a base econômica das cidades-estados, e os cereais eram os produtos de maior destaque. Constituía uma catástrofe para o rei e seus cidadãos quando, devido a guerras, grande parte do território não estava disponível para as práticas agrícolas. As conseqüência das guerras, portanto, se faziam sentir principalmente pela população agrícola que, sem condições de produzir, passou a empobrecer junto com as cidades. “O crescente empobrecimento e o conseqüente esfacelamento social foi um dos motivos principais para a decadência do sistema das cidades-estados cananéias na era do bronze-recente, o que possibilitou a tomada da terra pelos dos proto-israelitas”.⁹⁰

A pecuária também desempenhava um importante papel na economia, predominando a criação de gado vacum. A criação de eqüinos parece pouco provável. É presumível que os cavalos existentes na região tenham sido adquiridos através de relações

⁸⁹ THIEL, p. 49.

⁹⁰ THIEL, p. 50.

comerciais com a Ásia Menor. Não podemos esquecer que os cavalos eram essenciais no combate aos inimigos dos cananeus. Os cavalos disponíveis, portanto, eram propriedade do rei e dos condutores de carros de combate.

As manufaturas, indústria e comércio também possuíam um papel importante na região. Farinha, azeitona e azeite de oliva eram produtos comercializados e exportados da Palestina. A cerâmica – produzida pelo oleiro – também era uma importante mercadoria para exportação.

Se nos detivermos um pouco no comércio, notaremos algumas características dos cananeus:

Os cananeus que viviam na costa eram grandes comerciantes (tanto que o termo “cananeu” chegou a significar, em hebraico, “mercador”). Os portos mais importantes eram Tiro, Sidom, Berito (atual Beirute) e Gebal (a qual os gregos chamavam Biblos). Todos estavam no atual Líbano. (...) Os barcos destas regiões levavam madeira de cedro, azeite, vinho e outros produtos ao Egito, Creta e Grécia. A Canaã regressavam com linho egípcio e artesanato grego⁹¹.

O poderio militar de um governante de cidade baseava-se sobretudo em sua força de carros de combate. Os membros desse contingente formavam, junto com funcionários e comerciantes ricos, a maior parte da camada superior. Os soldados ligados aos carros de combate eram sustentados com recursos provindos dos tributos pagos pela população.

Pertenciam também a camada superior os sacerdotes dos santuários das cidades. Os templos representavam um poder econômico de importância considerável na cidade-estado, pois neles se encontravam ofertas de sacrifício e oferendas das mais diferentes espécies. O tesouro do templo possivelmente ficava a disposição do rei quando esse se encontrava na contingência de ter que levantar recursos especiais.

⁹¹ BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Almeida**. Barueri : Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p.310. (Comentários sobre cananeus e filisteus)

A massa da camada inferior entre os cananeus era formada principalmente pela população agrícola. Muitos dos agricultores que possuíam uma posição privilegiada, com o tempo e as guerras acabaram perdendo suas terras para o rei. Os sem-terras tornavam-se arrendatários ou jornaleiros. Outros caíam em escravidão ou fugiam para regiões inacessíveis, colocando-se fora da ordem social.

Já a população livre, proprietária de terras, era obrigada a pagar uma série de tributos e prestar diversos serviços ao rei, que incluíam desde o cultivo das terras reais, até a prestação de serviço militar. Em tempos de paz, era enviado um contingente menor de soldados e, em tempos de guerra, os agricultores livres formavam o grosso da infantaria.

Quanto aos escravos, nessa época eram adquiridos devido a dívidas, tráfico e principalmente guerras – com povos inimigos ou entre dinastias. Os prisioneiros adquiridos nas guerras (entre dinastias) poderiam ser resgatados mediante pagamento.

Para finalizarmos o relato dos povos cananeus, vamos observar algumas considerações de Winfried Thiel quanto a decadência desse povo:

O fim da idade do bronze recente está marcado por uma crescente decadência do sistema de cidades-estados. As cidades-estados e seus moradores se depauperaram em consequência das constantes guerrilhas que arruinaram a economia, o comércio em trânsito e o comércio em geral; em consequência das expedições repressivas do Egito e da exploração do país pelo governo egípcio e por funcionários corruptos; em consequência do depauperamento da população agrícola e da tensão latente provocada pelo acentuado contraste social. Esse processo atingiu também as camadas superiores, como o comprovam os restos de cultura material. Agora surgiram novas cidades-estados. Ao crescimento de seu número correspondia um decréscimo do respectivo território e uma diminuição do poder das cidades-estados existentes. A crescente incapacidade do Egito de conservar suas províncias asiáticas desonerou a Palestina, por um lado, da constante pressão dos tributos, mas, por outro, deu às cidades-estados a possibilidade de passarem a satisfazer livremente suas tendências de meter-se em aventuras guerreiras. Por fim, a fraqueza do Egito e a desunião dos cananeus franquearam a terra totalmente ao afluxo de povos estranhos.⁹²

⁹² THIEL, p. 50.

Dentre os povos que invadiram o território cananeu estavam “os povos do mar” – uma parte deles, os filisteus, fixou-se na planície litorânea da Palestina. Outros povos, também foram se infiltrando lentamente no território. Eram semi nômades que partiram das estepes do Sul e do Leste e ali se fixaram: grupos que recebiam o nome de povo de Israel.

3. O LIVRO DE DEUTERONÔMIO

3.1 APRESENTAÇÃO

O *Deuteronômio* sempre foi um livro muito importante para a história do povo hebreu e para o judaísmo. É nele que se encontra o *Shemá Israel*⁹³, a declaração de fé no Deus único, que os judeus até hoje recitam diariamente. Para termos idéia da importância do *Deuteronômio* para o mundo antigo, basta citar que na biblioteca de Qmram⁹⁴ foram encontradas quinze cópias (manuscritos) do *Deuteronômio*, ao passo que, de outros livros foram encontrados no máximo cinco cópias⁹⁵.

Deuteronômio é o quinto livro da Bíblia. *Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico* e *Números* o antecedem⁹⁶. Unidos, esses cinco livros formam um conjunto que os judeus denominam Torá⁹⁷ e os cristãos, Pentateuco.

Deuteronômio é uma palavra de origem grega; é a junção de duas palavras *deutéros* (segundo) e *nomos* (lei). O nome grego já fornece uma pista para se identificar o conteúdo do livro: uma segunda lei ou a repetição da lei. Recebeu esse nome quando os alexandrinos

⁹³ O *Shemá* é encontrado em *Deuteronômio* 6: 4-9.

⁹⁴ O termo Biblioteca de Qmram, refere-se aos rolos do Mar Morto, “coleção de manuscritos antigos descobertos em 1947 por um pastor árabe que procurava uma ovelha perdida. O maço desses rolos, segundo se pensa, representa a biblioteca da comunidade dos essênios, em Qmram, localizada junto ao Mar Morto. Eles estavam escondidos por segurança, em cavernas próximas quando o povoado foi destruído pelos romanos em 70 d.C., já no fim da revolta judaica contra o domínio romano na Palestina. Os textos foram preservados pelo clima seco da região, e alguns deles remontam ao século II a.C.” Todos os livros da Bíblia hebraica, exceto Ester, estão representados no todo ou em parte no manuscrito. UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1992. p. 165.

⁹⁵ Informações extraídas do livro de: STORNILOLO, Ivo. **O livro do Deuteronômio**. São Paulo : Paulus, 1992. p. 7.

⁹⁶ O conteúdo desses livros é bem diversificado. *Gênesis* trata da origem do mundo e dos primeiros passos do povo de Israel; *Êxodo*, aborda a fuga do povo hebreu do Egito; *Levítico*, contém a lei que deveria ser observada pelos sacerdotes da tribo de Levi e *Números*, que recebe esse nome, devido aos recenseamentos anotados no livro, contém recenseamentos.

⁹⁷ Torá, quer dizer, a lei escrita revelada por Deus. Nela encontram-se prescrições que regulavam a vida moral, social e religiosa do povo de Israel.

traduziram o Antigo Testamento para o grego – versão Setenta⁹⁸. Através do latim *deuteronomion*, o nome passou para as demais traduções. Provavelmente os alexandrinos quiseram salientar que o livro é uma atualização da Lei contida no Código da Aliança, encontrado em Êxodo, capítulo 20-23. O *Deuterônomo* realmente é uma atualização da antiga Lei, que retoma, em parte, algumas normas promulgadas principalmente nos livros de Êxodo e Levítico, na tentativa de adaptá-las a novos tempos e situações.

Deuterônomo é um conjunto de leis civis e religiosas enquadrado num grande discurso de Moisés. Segundo a narrativa bíblica, o local onde se passa a história do livro é o deserto de Arabá⁹⁹. É nele, e do outro lado do rio Jordão que o líder de Israel, Moisés, vai dirigir-se a seu povo, lembrando alguns dos principais acontecimentos de seu passado. Esse momento é chamado pelos estudiosos da Bíblia de Discurso Introdutório, ou Primeiro Discurso de Moisés. Esse fala do passado do povo, da providência divina, e da eleição de Israel. O foco e tema central da narrativa é a posse da Terra Prometida. Também a Aliança de Deus com o povo, obediência e desobediência são algumas temáticas que aparecem constantemente.

3.2 DIVISÃO

O livro de *Deuterônomo* pode ser dividido em 8 partes, segundo as temáticas abordadas.

⁹⁸ A versão dos Setenta ou Septuaginta, “foi uma versão em grego do Antigo Testamento hebraico, feita em Alexandria, onde havia muitos judeus que falavam grego. Reza a tradição que a pedido de Ptolomeu Fidelfo (285-247 a.C.), 70 judeus, hábeis lingüistas, foram mandados de Jerusalém ao Egito. Traduziram primeiro o Pentateuco. Depois os restantes livros do A.T. Chamou-se Septuaginta porque setenta foram os tradutores conforme se diz”. Texto extraído do livro de HALLEY, Henry H. **Manual Bíblico**. São Paulo : Vida Nova, 1993. p. 361.

⁹⁹ Arabá é uma região desértica que se estende ao redor do Mar Salgado. Um local de peregrinação do povo de Israel, uma região desolada. *Deuterônomo* 1: 1,2 “São estas as palavras que Moisés dirigiu a todo Israel, no outro lado do Jordão. (No deserto do Arabá, diante de Suf, entre Farã e Tofel, Labã, Haserot e Dizaab. Há onze dias de marcha, pelo caminho da montanha de Seir, desde o Horeb até Cades Barne)”.

A primeira começa com o discurso introdutório de Moisés, proferido para todo o Israel e pronunciado no quadragésimo ano após a saída do Egito. Tem como objetivo relatar o que Iahweh ordenou sobre o povo. Nesse contexto, traz uma descrição da trajetória e dos feitos dos hebreus até aquele momento, insiste sobre a necessidade de submeter-se à disciplina divina e apela aos seus espectadores para se prevenirem contra os cultos idólatras, além de exaltar a escolha de Israel como povo separado por Iahweh¹⁰⁰.

A segunda parte do livro pode ser chamada de novo discurso de Moisés¹⁰¹. Nessa fase são repetidos os 10 Mandamentos ou 10 palavras, ou melhor, o Decálogo¹⁰². Alguns temas já tratados no Pentateuco são corroborados, como a fidelidade, a ‘eleição’ dos hebreus como povo separado, a força divina, entre outros¹⁰³.

A terceira parte pode ser chamada de Código Deuterônômico. Ela contempla inúmeros temas: lugar de culto, sacrifícios, luta contra a idolatria, animais puros e imundos, dízimo, ano sabático, condição dos escravos, festas, juízes, reis, sacerdócio, profetas, cidades de refúgio, testemunhas, talião, a guerra e os combatentes, a conquista das cidades¹⁰⁴, homicídio, prisioneiros de guerra, direito a primogenitura, filhos, atentados à reputação de uma jovem, adultério, participação nas assembléias, pureza no acampamento, leis sociais, leis relativas ao culto, medidas de proteção, a lei do levirato, brigas, primícias, entre outros¹⁰⁵.

¹⁰⁰ Essas temáticas se encontram nos capítulos 1, 2, 3 e 4 (até o versículo 43) de *Deuterônômio*.

¹⁰¹ Começa no capítulo 4 de *Deuterônômio*, versículo 44.

¹⁰² *Deuterônômio* 5: 1-33.

¹⁰³ *Deuterônômio* 6: 1-32.

¹⁰⁴ O tema referente a guerra e os combatentes e a conquista das cidades é a fonte principal da pesquisa proposta e será abordada mais detalhadamente em capítulos posteriores.

¹⁰⁵ O código deuterônômico pode ser encontrado nos capítulos de 12 a 26 (até o versículo 15).

A quarta parte do livro aborda a temática de Israel ser o povo de Iahweh¹⁰⁶, além de tratar das cerimônias cultuais e de bênçãos e maldições...¹⁰⁷. Após narrar as bênçãos e maldições, o *Deuteronômio* apresenta o terceiro discurso de Moisés, que pode ser considerado uma quinta parte do livro¹⁰⁸. Nele, a história do pacto dos hebreus com Iahweh é lembrada.

A sexta parte descreve os últimos atos de Moisés. A nomeação oficial de Josué como líder dos hebreus, a leitura da lei e sua colocação ao lado da arca¹⁰⁹. A sétima parte¹¹⁰ contém o poema ou cântico de Moisés que exalta a lei como fonte de vida, e a oitava e última parte do livro, traz o anúncio e o relato da morte de Moisés, e entre esses dois relatos encontra-se a bênção para as tribos¹¹¹.

3.3 A CRÍTICA DO PENTATEUCO

A primeira questão apontada pelos críticos do Pentateuco é a “questão da autoria”. A tradição judaica, seguida pela tradição cristã, viu em Moisés o autor dos cinco primeiros livros da Bíblia. Esta tradição levou naturalmente à designação do Pentateuco como “os cinco livros de Moisés”. Os rabinos fizeram dele o autor não só da “Torá escrita” mas também da “Torá oral”¹¹². O Antigo Testamento só atribuiu a Moisés o “Código da

¹⁰⁶ *Deuteronômio* 26: 16-19.

¹⁰⁷ A finalização do discurso ocorre em *Deuteronômio* 28: 69.

¹⁰⁸ O terceiro discurso começa no capítulo 29: 1 e vai até o capítulo 30: 20.

¹⁰⁹ Os últimos atos de Moisés podem ser encontrados no capítulo 31.

¹¹⁰ Encontrada no capítulo 32.

¹¹¹ A oitava parte começa no capítulo 32: 48 e termina no capítulo 34.

¹¹² A ‘Tora oral’ é chamada de Michná.

Aliança”¹¹³, a “Renovação da Aliança”¹¹⁴, o grande discurso histórico e legislativo do *Deuteronomio*, assim como outros pequenos trechos do Pentateuco¹¹⁵. Portanto, a Lei estava associada a pessoa de Moisés e só a partir do período pós-bíblico o Pentateuco foi lhe atribuído como um todo, concepção que predominou até o século XVIII¹¹⁶.

A partir do século XVIII, os estudiosos da Bíblia passaram a questionar com mais fervor a autoria de Moisés. Ao estudar as fontes e analisar a redação do Pentateuco, chegaram a conclusão de que existiam quatro fontes e redações principais dentro desse conjunto de livros, isto é, quatro autorias diferentes, que foram nomeadas com as letras J, E, D, P (ou S) – javista (ou javeísta), eloísta, deuteronomista (ou deuteronomica) e sacerdotal. O todo do Pentateuco, segundo esses críticos bíblicos¹¹⁷, havia sido compilado por diferentes redatores, de diferentes épocas. Cada redator sempre tentava dar um todo coerente ao que hoje chamamos de Bíblia.

Segundo os pesquisadores, a fonte javeísta é a mais antiga, – possivelmente data do século X ou IX a.C. – e assim foi nomeada por chamar Deus de Javé. A fonte eloísta, ligeiramente mais recente, recebeu esse nome por tratar Deus de Elohim. A fonte sacerdotal, a mais recente de todas – datando provavelmente do século V a.C. (cerca de 445) – foi possivelmente obra de sacerdotes e insistia sobre o culto e a lei¹¹⁸. A

¹¹³ *Êxodo* 24:4 “Moisés escreveu todas as palavras de Iahweh (...)”

¹¹⁴ *Êxodo* 34: 27 “Disse ainda Iahweh a Moisés: “Escreve estas palavras; porque segundo o teor destas palavras fiz aliança contigo e com Israel.”

¹¹⁵ *Êxodo* 17: 14; *Números* 32: 2; *Deuteronomio* 31: 30, etc.

¹¹⁶ PURY, Albert de. **O Pentateuco em questão**: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes. Petrópolis : Vozes, 1996. p. 18.

¹¹⁷ Muitos críticos estudaram os problemas das fontes mas os que mais se sobressairam no estudo – pelo menos no princípio – foram Graf e Wellhausen, que formularam a “Hipótese dos Documentos”, um modelo científico de análise bíblica que muitos pesquisadores após eles adotaram. Esse modelo é o descrito acima (fontes J, E, D e P).

¹¹⁸ Um exemplo da fonte sacerdotal pode ser encontrado no Código Sacerdotal (ou Lei da Santidade), inserido no *Levítico* (capítulos 17 a 24) que contém o ritual dos sacrifícios e da consagração dos sacerdotes, trazendo também leis sobre o casamento e o direito penal.

deuteronomica é a fonte que se encontra quase que exclusivamente no *Deuteronomio* – o livro dataria provavelmente do século VII a.C. e é atribuído pela tradição ao rei Josias (621), mas teria sido remodelado no século V a.C.¹¹⁹.

André Chouraqui, em sua análise do *Deuteronomio*, chega a seguinte conclusão: “O *Deuteronomio*, tal como o lemos atualmente, não poderia ser obra do próprio Moshè¹²⁰. Com efeito, o texto não afirma que Moshè tenha composto o livro. O estilo da obra se reporta obviamente a uma época posterior¹²¹.”

Segundo Yehezkel Kaufmann, a Torá é produto literário da fase mais antiga da religião israelita, a fase anterior a profecia literária. Foi compilada e codificada posteriormente, mas suas fontes são comprovadamente antigas.

A obra **O Pentateuco em questão: a origem e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes** faz uma breve análise sobre a situação atual das pesquisas relacionadas ao Pentateuco e levanta as seguintes questões:

- a) A costumeira datação das fontes já não é mais aceita. O “Javista” (J) especialmente, que constituía de certo modo a espinha dorsal do sistema (pelo menos desde Von Rad¹²²) já não pode ser datado sem mais da época salomônica, pois a maioria dos critérios que permitiam uma datação tão remota foram considerados suspeitos pela crítica dos últimos anos.
- b) Também a teoria das fontes não constitui mais unanimidade entre os exegetas. Novas formas da “teoria dos complementos” ou da “teoria dos fragmentos” – teorias que outrora foram afastadas pela “hipótese dos documentos” (Graf – Wellhausen) reapareceram.
- c) Alguns pesquisadores chegam até a rejeitar qualquer recurso às fontes, documentos ou camadas literárias e se esforçam por considerar o Pentateuco como o produto exclusivo de sua “redação final”.

¹¹⁹ A história da elaboração do *Deuteronomio* será discutida mais adiante, incluindo alguns momentos anteriores ao reinado de Josias, quando provavelmente ocorreu a gênese do *Deuteronomio*.

¹²⁰ Moisés em hebraico.

¹²¹ CHOURAQUI, André. **A Bíblia** : Palavras (Deuteronomio). Rio de Janeiro : Imago Ed., 1997. p.24.

¹²² Von Rad foi um importante estudioso das fontes existentes no Pentateuco. Ele expôs sua teoria na obra *Die Priesterschrift in Hexateuch*, Stuttgart, 1934. Dados sobre os estudos de Von Rad podem ser encontrados no livro de YOUNG, Edward J. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo : Vida Nova, 1964. p. 155, 157 e 159.

d) De modo geral – e seja qual for o esquema apresentado – o processo que leva à constituição do Pentateuco é atribuído a um período tardio da história de Israel, o que, bem entendido, implica numa revolução para a nossa concepção dessa história como tal¹²³.

Enfim, para concluirmos uma rápida análise do Pentateuco, podemos dizer que ele é um corpo de escrituras constituído de textos e orientações diversas que representam, por certo, tradições orais bastante antigas, mas reinterpretadas, corrigidas e redigidas durante vários séculos e em diferentes meios.

3.4 ESTILO E GÊNERO LITERÁRIO

Alguns autores contribuíram para nos auxiliar no relato do estilo e gênero literário do *Deuterônomo*, são eles: Ivo Storniolo¹²⁴ e Robert Polzin¹²⁵.

O estilo do *Deuterônomo* é marcado e individual, diferente do de qualquer outro livro do Antigo Testamento. Nele encontramos uma oratória fluente e solene, que serve aos propósitos do autor de comover, convencer e influenciar os ouvintes não só pelo intelecto mas também pelo sentimento. Estilo direto, uso de frases longas e envolventes, repetição freqüente das idéias principais marcam o livro¹²⁶.

Segundo Storniolo, o autor do *Deuterônomo* conseguiu produzir uma obra cheia de vida e de força persuasiva mesmo dentro de um gênero monótono como é o texto legislativo. No livro encontramos três elementos: leis, narrativas e exortações. As leis são apresentadas de modo caloroso, apelando ao bom-senso e ao sentimento, ao apoiar-se em argumentos que questionam diretamente a consciência. As narrativas falam de um passado,

¹²³ PURY, p. 16.

¹²⁴ STORNILOLO, p. 10-13.

¹²⁵ O artigo de Robert Polzin sobre o *Deuterônomo* se encontra no livro de: ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. São Paulo : Fundação Editora da UNESP, 1997. p.105-114.

¹²⁶ STORNILOLO, p.12.

mas dirigem-se ao presente e, por usar um tratamento direto, visam a formar uma consciência histórica. As exortações se dirigem a liberdade e pedem uma decisão.

Storniolo ainda nos diz que o gênero literário do livro é bastante complexo e resulta de uma confluência das instituições do tempo do reino dividido¹²⁷. Muitos personagens acabam aparecendo como centrais, com suas funções e literaturas próprias, como é o caso do sacerdote, do profeta e do sábio. O sacerdote aparece no texto com a lei ou instrução, indicando uma linha de conduta a ser seguida em questões difíceis e conflitivas. Neste sentido, o *Deuteronômio* é lei¹²⁸. Já o profeta, com sua oratória fluente e emotiva, busca atingir os ouvintes com sua leitura dos acontecimentos e convencê-los a uma mudança radical. Neste sentido, o *Deuteronômio* é uma lei proclamada, um anúncio profético que tem por função provocar a conversão¹²⁹. O sábio é o personagem que com um conselho perspicaz, busca fazer ver a realidade. Quer educar e levar o povo a felicidade e a prosperidade. Neste sentido a lei do *Deuteronômio* é um conselho que, se fosse seguido a risca, levaria a vida¹³⁰.

¹²⁷ A divisão do reino de Israel em dois – Judá e Israel – ocorreu após o fim do reinado de Salomão em cerca de 930 a.C.

¹²⁸ Um caso típico que exemplifica esse personagem (o sacerdote) pode ser encontrado em *Deuteronômio* 17: 8-13, momento em que são passadas instruções para os levitas. Veja o que diz o versículo 12: “O homem que agir com presunção, não obedecendo ao sacerdote, que está ali para servir a Iahweh teu Deus, nem ao juiz, tal homem deverá ser morto. Deste modo extirparás o mal de Israel”.

¹²⁹ O texto do profeta aparece, entre outros locais, em *Deuteronômio* 11 : 26-28: “Vede: hoje estou colocando a bênção e a maldição diante de vós: A bênção, se obedecerdes aos mandamentos de Iahweh vosso Deus que hoje vos ordeno; a maldição, se não obedecerdes aos mandamentos de Iahweh vosso Deus, desviando-vos do caminho que hoje vos ordeno, para seguirdes outros deuses, que não conhecestes.”

¹³⁰ Os conselhos do sábio aparecem em *Deuteronômio* 4: 6-8: “Portanto, cuidai de pô-los em prática, pois isto vos tornará sábios e inteligentes aos olhos dos povos. Ao ouvir todos esses estatutos, eles vão dizer: ‘Só existe um povo sábio e inteligente: é esta grande nação!’ De fato! Qual a grande nação cujos deuses lhe estejam tão próximos como Iahweh nosso Deus, todas as vezes que o invocamos? E qual é a grande nação que tenha estatutos e normas tão justas como toda essa Lei que eu vos proponho hoje?”

3.5 AS LEIS E O DEUS ÚNICO: TEMÁTICAS DO *DEUTERONÔMIO*

*Ouve , ó Israel: Iahweh vosso Deus é o único Iahweh! Portanto, amarás a Iahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com toda a tua força. Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração! Tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé(...)*¹³¹ .

O nome de Deus é representado pelas letras IHVH, um acrônimo que em hebraico significa “eu sou quem sou”. O acrônimo passou a ser lido como “Jeová” ou Javé, porém o nome real é tão sagrado que sempre se usa algum sinônimo, como “o Senhor” ou “o nome”.

Para viver em comunhão com esse Deus todo poderoso, toda a vida do homem deve ser consagrada, deve ser pura, e a partir da necessidade da pureza e consagração, surgem as leis. Leis alimentares, de culto, higiênicas, etc.

Os hebreus presumem simplesmente a pré-existência de um Deus onipotente, que age, mas nunca é descrito ou caracterizado, e tem assim a força e a invisibilidade da própria natureza. Embora nunca visualizado, Deus é apresentado nos termos mais enfáticos como uma pessoa. O Livro de *Deuteronômio*, por exemplo, esforça-se para estabelecer uma distinção entre os povos pagãos desprezados, que adoram a natureza e os deuses da natureza, e os hebreus que adoram Deus, a pessoa, advertindo-os: *Levantando teus olhos ao céu e vendo o sol, a lua, as estrelas e todo o exército do céu, não te deixes seduzir para adorá-los e servi-los! São coisas que Iahweh teu Deus repartiu entre todos os povos que vivem sob o céu.*¹³²

¹³¹ *Deuteronômio*, 6: 4-7.

¹³² *Deuteronômio*, 4: 19.

“Jeová manifesta o seu poder na tempestade; o trovão é a sua voz e o relâmpago é ‘o fogo’ de Jeová ou as suas flechas. O Senhor de Israel anuncia-se pelo trovão, pelo relâmpago e por uma espessa fumaça no momento em que transmite as leis a Moisés¹³³.”

Para os hebreus, o Senhor é o verdadeiro e único dono do cosmos. Pode fazer tudo, aniquilar tudo. O seu poder é absoluto, e por isso a sua liberdade deixa de ter limites. Como soberano incontestado, mede a sua misericórdia e a sua cólera ao seu bel-prazer; tem para isso liberdade absoluta. Uma ótima definição e resumo de quem é o Deus dos hebreus e de sua relação com a lei pode ser encontrado no *Tratado de História das Religiões*.

É nesta instituição do poder de Deus como única realidade absoluta que encontram o seu ponto de partida todas as místicas e especulações ulteriores à volta da liberdade do homem e das suas possibilidades de salvação pelo respeito das leis e uma moral rigorosa. À face de Deus, ninguém é “inocente”. Jeová estabeleceu “aliança” com o seu povo, mas a sua soberania permite-lhe aniquilá-la a qualquer momento. Se não o faz, não é em virtude da “aliança” – pois nada pode “obrigar” Deus, nem sequer as suas promessas – mas sim em virtude da sua bondade infinita. Jeová mostra-se em toda a história de Israel como um Deus celeste e da tempestade, criador e todo-poderoso, soberano absoluto e “Senhor dos exércitos”, apoio dos reis da linhagem de Davi, autor de todas as normas e de todas as leis que permitem à vida continuar sobre a terra. A “lei”, sob qualquer forma que seja, tem o seu fundamento e justificação numa revelação de Jeová. Mas, ao contrário dos outros deuses supremos, que não podem eles próprios agir contra as leis, Jeová conserva a sua liberdade absoluta¹³⁴.

A religião de Israel é sustentada por um conjunto de leis e por um pacto feito entre Deus e seu povo. Esse é relatado no Decálogo¹³⁵ e no Código da Aliança de Iahweh¹³⁶; o *Deuteronomio*¹³⁷ é também uma forma de aliança.

¹³³ ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo : Martins Fontes, 1998. p. 86.

¹³⁴ ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo : Martins Fontes, 1998. p. 87.

¹³⁵ O **Decálogo**, que segundo a tradição, teria sido ditado a Moisés no Monte Sinai por Jeová, é conhecido por duas versões, uma no Êxodo (20: 2-17), outra no *Deuteronomio* (5: 6-18); contém prescrições muito gerais de caráter moral, religioso, jurídico redigidas sob forma de máximas imperativas muito curtas: “Tu não matarás”, “Tu não levantarás falso testemunho contra o teu próximo”, etc.

¹³⁶ O **Código da Aliança**, conservado no Êxodo (20: 22 a 23: 33); pela sua forma e pelo seu fundo, assemelha-se às codificações mesopotâmicas e hititas, nomeadamente ao Código Hammurabi, o que permite supor que uma primeira formulação (talvez oral) poderia remontar a época anterior à estada no Egito. Na sua forma final, o texto dataria da época dita “dos Juizes”, isto é, do início da fixação em Canaã. O Código da

Para poder entender que força as leis de guerra poderiam ter durante um conflito, é necessário conhecer um pouco do espírito da lei mosaica, encontrada no livro de *Deuteronômio* e nos demais livros do Pentateuco. Veja como Paul Johnson compara o código mosaico com os outros códigos da antigüidade:

Não obstante, embora o código mosaico fosse, num sentido, parte de uma tradição do Oriente Próximo, suas divergências de todos os outros códigos antigos são tantas e tão fundamentais que o tornam algo de inteiramente novo. Em primeiro lugar, os outros códigos legais, embora atribuídos à inspiração de Deus, são dados e redigidos por reis individuais, tais como Hamurábi ou Ichtar; são, portanto, revogáveis, mutáveis e essencialmente seculares. Em contraste, na Bíblia, somente Deus escreve a lei – através do Pentateuco, toda a legislação é dele – e nenhum rei israelita sequer tentou, ou lhe foi permitido formular um código de leis. Moisés (e muito mais tarde Ezequiel, transmissor das reformas legais) era um profeta, e não um rei, e um agente divino, e não um soberano legislador. Disso procede que, em seu código, não há distinção entre o religioso e o secular – tudo é uma coisa só – ou entre lei civil, penal e moral¹³⁸.

O direito hebraico é um direito religioso. É imutável para os homens, só Deus o pode modificar. Na Bíblia, ele é concebido como de origem divina; Deus é a última fonte e sanção de toda a regra de comportamento; todo o crime é um pecado, pelo qual a comunidade é responsável perante Deus, e não perante um governo humano. Na Bíblia, as prescrições jurídicas morais e religiosas estão confundidas.

Essa indivisibilidade teve importantes conseqüências práticas. Na teoria legal mosaica, todas as infrações da lei ofendem a Deus. Portanto, todos os crimes são pecados e

Aliança contém prescrições religiosas, regras relativas ao direito penal, à reparação de danos, etc. Reflete costumes da época de sedentarização.

¹³⁷ O **Deuteronômio** (do grego δευτερονόμιον, a segunda lei, a repetição ou a cópia da lei) constitui uma nova versão do código da Aliança. Na verdade, é uma codificação de antigos costumes que tendem sobretudo à manutenção da pureza do monoteísmo, mas compreendendo também disposições que interessam ao direito público e ao direito familiar.

¹³⁸ JOHNSON, p. 44.

necessitam de purificação. Não é bastante indenizar a vítima – como prega o Talião¹³⁹ – Deus também exige a expiação, e isso pode implicar numa punição drástica.

Essas informações sobre Deus e a Lei foram inseridos no capítulo destinado ao livro do *Deuteronômio* por ele, ser repleto de leis, inclusive religiosas.

3.6 A HISTÓRIA DO LIVRO

A complexidade dos temas abordados no livro de *Deuteronômio* supõe que sua autoria é de uma época diferente à qual o texto se refere, mostrando que seus verdadeiros destinatários não viveram no século XIII a.C., mas, possivelmente, no século VII a.C.¹⁴⁰

“As variações de estilo, as quebras de seqüência e as pequenas unidades auto-suficientes fazem pensar que o livro se formou aos poucos”¹⁴¹. E, realmente alguns estudos recentes permitem admitir que o *Deuteronômio* tem uma história de pelo menos 350 anos – período que pode ir do ano 750 a.C. a 400 a.C. Esse intervalo de tempo representa na história do povo hebreu um momento de grandes agitações nacionais e internacionais, com problemas econômicos, políticos, sociais e religiosos que trouxeram desafios profundos para a vida de Israel. Basta lembrar que em 721 a.C. ocorreu a tomada de Samaria – capital do reino de Israel –, o que pôs fim a esse reino; e em Judá, entre outros acontecimentos, destacam-se a deportação dos hebreus para Babilônia, a tomada de Jerusalém, o domínio persa, a construção do segundo templo, etc.

¹³⁹ A Pena de talião é a pena antiga pela qual se vingava o delito, infligindo o mesmo dano ou mal que ele praticara. (retaliação)

¹⁴⁰ Grande parte do conteúdo “História do Livro” foi composto graças ao estudo de STORNIOLO, p.23-31.

¹⁴¹ STORNIOLO, p. 23.

3.6.1 OS LEVITAS ITINERANTES

Para que fosse possível chegar a alguma conclusão sobre a trajetória percorrida pelo *Deuteronômio* até se constituir em um livro, os críticos passaram a observar, além das fontes, as idéias contidas em cada livro do Pentateuco. No *Deuteronômio*, as que chamaram mais a atenção foram as relacionadas com a preocupação social e exortação. Essas diferem das idéias dos outros livros do conjunto – Gênesis, Êxodo... – porque apresentam uma legislação avançada que dificilmente poderia ser aplicada na época anterior a conquista da Terra Prometida.

No *Deuteronômio*, algumas leis sobre os levitas devem ser observadas, pois lançam algumas pistas para descobrirmos o caminho percorrido pelo livro. (...) *nunca abandone o levita em tua terra, todos os dias*¹⁴². *Quanto ao levita que mora nas tuas cidades, não o abandonarás, pois ele não tem parte nem herança contigo*¹⁴³. As leis acima são curiosas, e meio confusas, mas após entendemos algumas características dos levitas, podemos compreendê-las melhor.

Os levitas eram os membros da tribo de Levi. Tinham a tarefa especial de cuidar do tabernáculo e, após a construção do templo, passaram a cuidar do edifício e das atividades desenvolvidas nele. Eram cantores, músicos e pessoal de apoio, mas o dado mais importante sobre eles, que nos possibilitará compreender os versículos citados acima, é o seguinte: aos levitas não foi dada uma porção na Terra de Israel. Após a conquista da Terra Prometida, os membros de cada uma das tribos tiveram direito de receber um pedaço de terra, porém, os da tribo de Levi não, pois sua porção era Deus¹⁴⁴. Devido a esse fator, após

¹⁴² *Deuteronômio*, 12: 19.

¹⁴³ *Deuteronômio*, 14: 27.

¹⁴⁴ A herança que a tribo de Levi recebeu foi a oportunidade de cuidar das coisas sagradas ligadas ao culto de Iahweh.

a conquista, passaram a viver em cidades levíticas, espalhadas pelo país, que serviam de cidades de refúgio. Como os levitas não tinham como adquirir sustento com atividades agrícolas ou pecuária – pois se dedicavam em tempo integral ao serviço de Iahweh – tinham que ser sustentados através dos dízimos dos membros das outras tribos que usufruíam de seu serviço religioso¹⁴⁵.

A partir dessas informações, podemos entender melhor os versículos. Os hebreus não deveriam abandonar os levitas, ao invés, deveriam lhes prover sustento. Também respeitar e deles cuidar aonde quer que morassem, porque a eles o pedaço de terra na “Terra Prometida” foi vetado. Essas leis parecem ter sido elaboradas num período posterior a conquista da Terra Prometida, já que abordam uma temática futura, relacionada com a divisão de terras para as tribos, que só ocorreu no final do Livro de Josué. Portanto, podemos concluir que algumas das leis referentes aos levitas encontradas no *Deuteronômio* são de uma época posterior ao governo de Moisés sobre os hebreus.

Mas como os levitas se relacionam com a trajetória do *Deuteronômio*? O livro traz diversas informações sobre os levitas, colocando-os em duas categorias: os que exerciam uma atividade cultural no santuário e os itinerantes, sem ofício litúrgico estável. Estes aparecem no *Deuteronômio* ao lado dos pobres e desamparados¹⁴⁶. A sua função era a pregação, e por onde passavam, tinham a missão de ensinar a lei¹⁴⁷.

Possivelmente, o *Deuteronômio* é fruto do esforço desses levitas itinerantes que criticavam as instituições e as relações sociais corrompidas, buscando restaurar a aliança do povo com Deus, pelo caminho da conversão. Que textos do *Deuteronômio* esses

¹⁴⁵ Algumas das informações sobre os levitas descritas acima podem ser encontradas no livro de UNTERMAN, p. 153.

¹⁴⁶ Esse versículo exemplifica muito bem a posição desses levitas, observe: “E ficarás alegre com a tua festa, tu, teu filho, tua filha, teu servo, tua serva, o levita que vive em tua cidade, e o estrangeiro, o órfão e a viúva que vivem nas tuas cidades.” (*Deuteronômio*, 16: 14). O levita, vem depois do servo e da serva.

¹⁴⁷ A descrição da leitura ritual da lei – outra função dos levitas que era executada durante as festas – pode ser encontrada em *Deuteronômio* 31: 9-13.

homens utilizavam em suas pregações? Provavelmente o Decálogo (mais conhecido como os Dez Mandamentos). Outros pesquisadores acreditam que o *Deuteronômio* nasceu nos meios levíticos do Reino do Norte (c. 750 a.C.). Os levitas que habitavam essa região tinham uma forte influência dos profetas – que eram intransigentes quanto a religião cananéia, nacionalistas agressivos, entre muitas outras características. A redação original do primeiro volume do *Deuteronômio* poderia ter sido feita por um levita que reuniu as pregações espalhadas e as redigiu com um único estilo.

3.6.2 A REFORMA DE EZEQUIAS (715-687 A.C.)

Ezequias promoveu uma reforma política e religiosa durante o seu reinado que incluiu uma revalorização das tradições religiosas no território hebreu. Alguns especialistas acreditam que essa reforma pode ter sido influenciada pela existência de uma cópia do primitivo livro de *Deuteronômio*, provavelmente trazida para Jerusalém durante o reinado de Ezequias, que aproveitando o conteúdo religioso do livro, começou a realizar modificações em seu governo, principalmente combatendo a idolatria. Com a invasão de Senaqueribe – rei assírio –, as reformas foram interrompidas e os rolos do *Deuteronômio* guardados ou escondidos no templo.

3.6.3 A REFORMA DE JOSIAS (640-609 A.C.)

Já foi mencionado anteriormente que o Livro de *Deuteronômio* tenha possivelmente passado por uma de suas redações durante o reinado de Josias – é importante lembrar que segundo os críticos, o *Deuteronômio* passou por algumas adaptações até sua forma final.

Devido a isso, torna-se importante conhecer rapidamente alguns dados sobre esse reinado e sobre a Escola Deuteronomista.

No tempo do rei Josias, o poder da Assíria se enfraquecera e a Babilônia ainda não estava em ascensão. Esse parecia o melhor momento para restabelecer a unidade entre os dois reinos – Israel e Judá. Josias aproveitou a ocasião e se empenhou no objetivo de centralizá-los político e religiosamente. Foi um tempo de reforma material e de atividade renovada dos sacerdotes, profetas e sábios.

Um momento marcante dessa época foram os trabalhos de restauração do templo, datados de cerca de 622 a.C. Durante a obra, foi encontrado um código de leis – o “Livro da Lei.” Observe o que a Bíblia nos relata acerca dessa descoberta: *O sumo sacerdote Helcias disse ao secretário Safã: ‘Achei o Livro da Lei no Templo de Iahweh.’*¹⁴⁸

Os estudiosos estão de acordo em afirmar que esse “Livro da Lei” era o *Deuteronomio*, pelo menos no seu núcleo central (pode ter sido o livro escondido durante o reinado de Ezequias). Por isso, há muita semelhança entre a reforma religiosa operada por Josias e a legislação deuteronomica. Eis aqui alguns pontos dessa reforma que podem ser conferidos em 2 Reis 23: renovação da aliança; extermínio dos lugares de culto pagãos em Judá e Israel; celebração da Páscoa; centralização do culto em Jerusalém. Embora, o *Deuteronomio* não deva ter sido o causador da reforma de Josias, sua descoberta forneceu subsídios para tornar a mudança eminentemente religiosa¹⁴⁹.

¹⁴⁸ 2 Reis, 22: 8.

¹⁴⁹ O conteúdo do título “A reforma de Josias” foi elaborado com o auxílio do texto de STORNILO, p. 29.

3.6.4 A ESCOLA DEUTERONOMISTA (A PARTIR DE 620 A.C.)

Depois da reforma de Josias, o *Deuteronômio* exerceu uma grande influência em Judá. Os especialistas chamam essa influência – que atingiu os sábios do povo hebreu – de Escola Deuteronômica. Tal escola, formada por escribas imbuídos do espírito e das idéias do *Deuteronômio*, foi responsável por várias produções, inclusive uma reedição do livro.

Segundo os críticos, é nessa nova edição do livro – possivelmente a terceira – que alguns capítulos foram acrescentados, como os de elementos históricos (encontrados em *Deuteronômio* capítulos 1, 2, 3, 4, 9, 11 e 31); os de elementos teológicos, que aprofundaram a visão da aliança (encontrados nos capítulos 10 e 29), e os de documentos anexos (encontrados nos capítulos 27 e 32).

3.6.5 O EXÍLIO DA BABILÔNIA (587-538 A.C.)

A escola deuteronomista continuou sua atividade até no exílio. Durante o exílio da Babilônia (586-538 a.C.), uma quarta edição do *Deuteronômio* foi redigida. Naquela oportunidade foram acrescentados materiais para explicar o motivo do exílio. Segundo os críticos, os trechos bíblicos que provariam esses acréscimos encontram-se em *Deuteronômio*, 4: 29-40 e 28: 47-69. Os versículos do capítulo 28, citados anteriormente, têm como título: “Perspectivas de guerra e exílio” – que ocorreriam ao povo hebreu pelo fato de ele não ter servido a Iahweh com alegria e generosidade. Observe a punição enviada por Iahweh para o povo segundo *Deuteronômio*:

“(…) servirás então o inimigo que Iahweh enviará contra ti, na fome e na sede, com nudez e privação total. Ele porá em teu pescoço um jugo de ferro até que sejas exterminado. Iahweh erguerá contra ti uma nação longínqua, dos confins da terra, como águia veloz, uma nação cuja língua não compreendes, nação de rosto duro, que não respeita o ancião e não tem piedade do jovem. (...) ela te sitiara em todas

as tuas cidades, até que venham abaixo por toda a terra os muros altos e fortificados em que punhas a tua segurança; ele te sitiara em todas as tuas cidades, por toda a terra que Iahweh teu Deus te houver dado.”¹⁵⁰

3.6.6 O PÓS-EXÍLIO (CERCA DE 400 A.C.)

Após o exílio, Esdras, sacerdote e escriba hebreu, iniciou uma reforma religiosa em que novamente os levitas tiveram um papel fundamental na explicação da lei ao povo, provavelmente utilizando um esboço do Pentateuco. O Livro de Deuteronômio nessa época recebeu seus últimos retoques, para ser inserido no conjunto do Pentateuco.

A longa história do *Deuteronômio* nos mostra que o livro serviu aos interesses religiosos dos levitas e de centralização política dos reis hebreus Ezequias e Josias. Além disso, sua quarta edição se preocupou em acrescentar a situação dos exilados, e a quinta serviu aos interesses da classe sacerdotal. Portanto, na sua forma atual, o *Deuteronômio* reflete as transformações econômicas e sociais do passar do tempo e da transmissão.

Para finalizar uma análise histórica e literária do livro, contamos com um texto de Robert Polzin, autor do artigo sobre *Deuteronômio* do livro *Guia literário da Bíblia*, que traz uma perspectiva interessante sobre a narrativa de Moisés e a dos demais períodos – até o pós-exílico – já citadas anteriormente:

O *Deuteronômio* oferece uma visão geral da história inteira de Israel, que será em breve recontada com detalhes de Josué e II Reis¹⁵¹. É a composição de abertura e síntese panorâmica dessa história. As perspectivas espaciais do público de Moisés e do público subentendido do narrador são similares: Moisés e seu público estão em Moabe, isto é, fora da Terra Prometida, esperando conquistá-la com a ajuda do poder e misericórdia de Deus; o narrador e seu público estão aparentemente no exílio, isto é, também fora da Terra, esperando entrar nela, mais uma vez graças à misericórdia e poder de Deus. A um público é revelado sob que condições ele irá *reter* a Terra; a outro, sob quais condições ele a irá *recobrar*. As perspectivas

¹⁵⁰ *Deuteronômio*, 28: 48-52.

¹⁵¹ Josué e II Reis são livros bíblicos que apresentam a história de Israel. Quando são classificados por estudiosos, muitas vezes recebem o nome de Livros Históricos.

temporais de ambos os públicos unem-se no livro por meio das frases “aquele dia” e “este dia”. “Aquele dia” de Moisés torna-se “este dia (presente)” do narrador. As vozes separadas de Moisés e do narrador gradualmente se fundem à medida que o livro progride em direção à conclusão.¹⁵²

Quando estivermos trabalhando com alguns textos do *Deuteronômio* temos que ter essa história em mente. Em alguns casos, trechos do livro refletirão problemáticas que não estão relacionadas com o momento anterior à conquista da Terra Prometida, época em que Moisés governava o povo hebreu.

¹⁵² POLZIN, Robert. Deuteronômio. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank. **Guia literário da Bíblia**. São Paulo : Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 105.

4. AS LEIS DE GUERRA – DEUTERONÔMIO CAPÍTULO 20

O capítulo 20 do livro de *Deuteronômio* é dividido em 20 versículos. Cada versículo traz um aspecto que os hebreus deveriam observar durante uma campanha militar. A questão da guerra é abordada no encorajamento aos que vão à batalha, na isenção do serviço militar e no assédio contra as cidades.

A temática abordada no capítulo é nova e ainda não havia sido tratada nos demais livros do Pentateuco. Novas leis foram inseridas e principalmente, leis avançadas para a época de Moisés, como as citadas nos versículos 19 e 20, referentes à Ecologia.

O povo errante de Israel necessitava de uma terra. A terra era um dom de Deus e para conquistá-la, a morte dos habitantes da região não estava descartada – pelo menos no que diz respeito à legislação. Homens, mulheres e crianças deveriam ser exterminados na guerra santa contra os cananeus.

4.1 DEUTERONÔMIO 20:

Quando saíres para guerrear contra teus inimigos, se vires cavalos e carros e um povo mais numeroso do que tu, não fiques com medo, pois contigo está Iahweh teu Deus, que te fez subir da terra do Egito¹⁵³.

A primeira lei do capítulo 1 refere-se ao começo de uma guerra, ao momento em que os hebreus se preparavam para combater seus inimigos. O texto da lei não se refere a inimigos frágeis e despreparados, mas sim a inimigos numerosos – mais numerosos do que os hebreus – e adversários que dominavam uma tecnologia mais avançada: os carros de guerra.

¹⁵³ *Deuteronômio*, 20: 1.

O carro de guerra, também chamado de biga, apareceu pela primeira vez na história na primeira metade do terceiro milênio, entre os sumérios da Mesopotâmia¹⁵⁴. Além de ser útil para a caça, era uma arma poderosíssima de guerra. Até o período da conquista de Canaã, os carros ferrados eram uma tecnologia dominada por alguns povos conhecidos dos hebreus: sumérios¹⁵⁵, cananeus e egípcios¹⁵⁶. Num período posterior, passou a fazer parte do armamento de filisteus, sírios, assírios, etíopes, babilônios, persas e até de hebreus. As bigas, quando utilizadas em terra plana, conferiam vantagem a seus possuidores, pois eram manobrados com grande facilidade. Comandados por capitães experientes – os aurigas – com certeza amedrontavam e imprimiam terror aos inimigos¹⁵⁷. Segundo A. R. Buckland, o poder militar de uma nação era avaliado, principalmente, pelo número de carros de guerra que ela possuía. Até o tempo de Davi, os israelitas possuíam poucos ou nenhum carro dessa espécie¹⁵⁸.

¹⁵⁴ CHOURAQUI, *Os homens...*, p. 167.

¹⁵⁵ Para conhecer um pouco mais sobre o carro de guerra e os combates dos sumérios observe o Anexo Ilustrações, imagem 04: “Insignia de Ur”, lado da guerra.

¹⁵⁶ O *Dicionário Bíblico Universal* descreve os carros egípcios da seguinte maneira: “O carro egípcio constava de uma armação de madeira semicircular com os seus lados retos, pousando a parte de traz sobre o eixo de suas rodas; tinha um parapeito de madeira ou de marfim, preso à armação por tiras de couro, achando-se na frente uma peça perpendicular de madeira. O pavimento do carro era feito de cordas em forma de rede (...). Subia-se para o carro pela parte de trás, que era aberta, sendo os lados fortalecidos com guarnições de couro e metal. Ajustada ao lado direito, e atravessada em diagonal, estava a caixa de arcos, e, tomando uma direção inclinada para cima, a aljava e o estojo das lanças. (...) Cada uma das duas rodas tinha seis raios. Não havia tirantes; uma correia achava-se segura a um gancho, e as rédeas passavam por argolas, que estavam de cada lado dos dois cavalos. O condutor permanecia do lado direito, e quando despedia a seta, tinha o chicote pendurado no pulso. (...) Os carros de guerra assírios e persas eram muito semelhantes aos do Egito.” (BUCKLAND, p. 84.)

¹⁵⁷ Os carros de guerra são citados em duas passagens do capítulo 17 do livro bíblico de Josué. Josué 17:16: “(...) a montanha não nos é suficiente e, além disso, todos os cananeus que habitam a terra da planície têm carros de ferro, bem como os de Betsã e das cidades que dela dependem, como os da planície de Jesrael.” Josué 17: 18 “(...) além disso, expulsará os cananeus, não obstante possuam carros de ferro e sejam fortes.” Também em Gênesis 41:43 e Êxodo 14:7, encontramos referências aos carros de guerra. Veja a passagem de Êxodo 14: 6-7: “Faraó mandou aprontar o seu carro e tomou consigo o seu povo; tomou seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egito, com oficiais sobre todos eles.”

¹⁵⁸ “A adoção do carro de guerra dependia de muitos desdobramentos – em metalurgia, carpintaria, curtimento e trabalho em couro e no uso de colas, ossos e tendões – , mas sobretudo da domesticação e aprimoramento físico do cavalo selvagem” (KEEGAN, p. 171). Além disso, precisava ser mantido por uma mão de obra especializada composta por cavaleiros, seleiros, fazedores e consertadores de rodas, carpinteiros, fabricantes de flechas - essenciais para manter os carros de guerras e os cavalos na estrada.

Graças aos dados colhidos em fontes egípcias e bíblicas, sabemos que os cananeus usavam o cavalo de batalha e a biga, os quais desapareceram quando Israel ocupou Canaã¹⁵⁹. Os carros armados de ferro, pertencentes aos cananeus, eram um sério obstáculo à ocupação da terra pelos israelitas. Não é sem propósito que no versículo analisado aparece a frase “não fiquem com medo”, pois numa batalha, a visão de carros de guerra e de cavaleiros preparados deveria exercer um efeito psicológico aterrorizador.

Cercando os soldados a pé sem armadura a uma distância de cem ou duzentos metros, uma tripulação de biga – um para dirigir, outro para atirar – poderia flechar seis homens por minuto. Um trabalho de dez minutos de dez carros de guerra poderia causar quinhentas ou mais baixas aos pequenos exércitos da época (...). Diante de um ataque desses, só havia duas saídas: fugir ou render-se. Em ambos os casos, o resultado para os atacantes seria um grande butim de prisioneiros, provavelmente destinados a se tornarem em seguida escravos¹⁶⁰.

Existiam alguns poucos modos de defesa para um ataque de bigas. O historiador militar John Keegan apresenta alguns: “Aqueles atacados por aurigas adquirem bigas; os que não usam carros de guerra aprendem a atirar nos cavalos das bigas inimigas, a formar fileiras à prova de bigas, a usar escudos à prova de flechas, a fazer uso do terreno acidentado, onde os condutores de cavalos não conseguem manobrar”. Para os hebreus, a primeira solução, pelo menos no período que antecedeu a monarquia, estava totalmente descartada. A proibição pode ser comprovada no livro de Josué: *Iahweh disse então a Josué: “não temas diante deles, pois amanhã, a esta mesma hora, eu os entregarei todos, traspassados a Israel; cortarás os jarretes¹⁶¹ de seus cavalos e queimarás os seus carros.”*

¹⁵⁹ KAUFMANN, p. 253.

¹⁶⁰ KEEGAN, p. 182.

¹⁶¹ Jarretar: jarretar um cavalo é cortar os importantes tendões e nervos, movidos pelos músculos da curva da perna; e desta maneira, cortados os jarretes, torna-se o cavalo, ou outro animal, incapaz de andar. A prática era comum em tempo de guerra. BUCKLAND, p. 207.

*Josué os tratou como Iahweh os havia dito: cortou o jarrete dos seus cavalos e queimou os seus carros*¹⁶².

Tanto no versículo acima, quanto em *Deuteronômio* 20:1, a principal arma dos hebreus é citada. Não é uma tática de defesa, mas sim uma força sobrenatural, a força de Iahweh, o aliado e protetor poderoso na batalha, o chefe sobrenatural dos exércitos de Israel, que conduzia seu povo nos momentos mais cruciais, como a libertação do Egito. Em *Deuteronômio* 20:1, o exemplo do Êxodo serve para encorajar a população que ia lutar. Eles haviam vencido uma vez e, com o auxílio divino, poderiam vencer novamente. A vitória da força divina é brilhantemente destacada em *Deuteronômio*:

A força divina – Talvez digas em teu coração: “Estas nações são mais numerosas do que eu, como poderei conquistá-las?” Não debes ter medo delas! Lembra-te bem do que Iahweh teu Deus fez ao Faraó e a todo o Egito: as grandes provas que teus olhos viram, os sinais e os prodígios, a mão forte e o braço estendido com que Iahweh teu Deus te fez sair! Iahweh teu Deus tratará do mesmo modo todos os povos de que tens medo! Além disso, Iahweh teu Deus enviará vespas contra eles, perecendo até os que tiverem restado e se tiverem escondido de ti.

Não fiquéis aterrorizado diante deles, pois Iahweh teu Deus, que habita em teu meio, é Deus grande e terrível. Iahweh teu Deus pouco a pouco irá expulsando estas nações da tua frente; não poderás exterminá-las rapidamente: as feras do campo se multiplicariam contra ti. É Iahweh teu Deus quem vai entregá-las a ti: elas ficarão profundamente perturbadas até que sejam exterminadas. Ele vai entregar seus reis em tua mão, e tu apagarás o seu nome de sob o céu: ninguém resistirá em tua presença, até que os tenhas exterminado¹⁶³.

A força divina certamente dava coragem aos combatentes, mas a tática de guerrilha e o uso do terreno acidentado provavelmente eram os esquemas de guerra adotados pelos hebreus.

¹⁶² *Deuteronômio*, 11: 16.

¹⁶³ *Deuteronômio*, 7: 17-24.

4.2 DEUTERONÓMIO 20: 2, 3 e 4

Quando estiverdes para começar o combate, o sacerdote se aproximará para falar ao povo, e lhe dirá: "ouve ó Israel! Estais hoje prestes a guerrear contra os vossos inimigos. Não vos acovardeis, nem fiqueis com medo, nem tremais ou vos aterrorizeis diante deles, porque Iahweh vosso Deus marcha convosco, lutando a vosso favor contra os vossos inimigos, para salvar-vos!"¹⁶⁴.

O sacerdote que falava estas palavras era denominado *Cohen Mashúach Milchamá* (Sacerdote ungido de guerra). Antes de sair para a guerra, ele pronunciava as palavras dos versículos três e quatro, e um outro sacerdote as transmitia ao povo¹⁶⁵.

Nas teocracias da antigüidade, os sacerdotes exerceram um papel fundamental. Não foi diferente entre os hebreus, cujos sacerdotes e levitas representaram um papel preponderante na vida cotidiana do povo e também na guerra. Como líderes religiosos, eram eles que lembravam ao povo que Deus lutava ao seu lado. Sua função era preparar espiritualmente e levantar o moral dos guerreiros antes da batalha.

Sacerdote, entre os hebreus, era aquele que fazia ou ministrava os sacrifícios a Deus. Seu trabalho era oposto ao do profeta. Enquanto o sacerdote apresentava as ofertas do homem a Deus; o profeta, apresentava Deus ao homem. O sacerdote era o mediador entre Deus e os homens; desempenhava uma função vital, permitindo que o povo ficasse em condições de receber os dons do céu. Durante uma batalha, o principal "dom do céu" era a vitória e era o sacerdote que intercederia a Iahweh por ela.

Durante o período patriarcal, os chefes de família agiam como sacerdotes, representando sua família diante de Deus¹⁶⁶. Na época do Êxodo, essa situação mudou. Os membros de uma tribo, a tribo de Levi, passaram a ser designados para a função. Desta

¹⁶⁴ *Deuteronômio*, 20: 2, 3 e 4.

¹⁶⁵ Comentário da Torá sobre a função do sacerdote. MELAMED, Meir Matziliah. *A Lei de Moisés: Torá*. São Paulo : Sêfer, 2001. p. 562.

¹⁶⁶ Noé, Abraão, Isaque e Jacó podem ser assim considerados.

tribo saíram os sacerdotes arônicos – os filhos e descendentes de Aarão – que foram nomeados sacerdotes por estatuto perpétuo¹⁶⁷, a menos que fossem excluídos por qualquer incapacidade legal.

Os sacerdotes eram santificados por Deus para exercer seu ofício e eram publicamente consagrados¹⁶⁸. Entre suas diversas funções, as mais importantes eram tomar conta do tabernáculo, cobrir os objetos sagrados do santuário antes de sua remoção, acender e conservar em ordem as lâmpadas do santuário, conservar sempre aceso o fogo do altar, queimar o incenso, colocar e remover os pães da proposição, oferecer os primeiros frutos, abençoar o povo, purificar os imundos, decidir os casos de ciúme, decidir os casos de lepra, julgar os casos de controvérsia, avaliar as coisas devotas, ensinar a lei, tocar a trombeta em diversas ocasiões, transportar a arca e encorajar o povo a ir a guerra¹⁶⁹. As funções dos sacerdotes cobriam os mais diversos aspectos da vida da comunidade. Eram eles que durante uma determinada parte da história de Israel exerceram o papel de juizes para muitas questões da vida quotidiana da população.

Dentre as várias funções citadas, as fundamentais num período de guerra eram encorajar o povo a participar da guerra, tocar a trombeta orientando os soldados para o começo do combate¹⁷⁰ e transportar a arca da aliança – talvez um dos mais importantes ofícios sacerdotais. *Quando a arca partia, dizia Moisés: ‘Levanta-te, Iahweh, e sejam*

¹⁶⁷ “Depois farás Aarão e seus filhos se aproximarem da entrada da Tenda da Reunião; tu os lavarás com água e revestirás Aarão com as vestimentas sagradas; tu o ungirás e o consagrarás para que exerça o meu sacerdócio. Os seus filhos, tu os farás se aproximar e os revestirás com as túnicas. Tu os ungirás como ungiste o pai deles, para que exerçam o meu sacerdócio. Isto se fará para que a unção deles lhes confira um sacerdócio perpétuo, em suas gerações.” *Êxodo*, 40: 12-15.

¹⁶⁸ A descrição da cerimônia de consagração de um sacerdote pode ser encontrada no livro de *Êxodo*, capítulo 29.

¹⁶⁹ As funções dos sacerdotes são descritas detalhadamente nos livros de *Êxodo*, *Levítico* e *Números*.

¹⁷⁰ O toque das trombetas em períodos de guerra é descrito em *Números* 10: 9: “Quando, no vosso país, tiverdes de partir para a guerra contra um inimigo que vos oprime, tocareis as trombetas com fragor e aclamações: a vossa lembrança será evocada diante de Iahweh, vosso Deus, e sereis salvos dos vossos inimigos.”

*dispersos os teus inimigos. e fujam diante de ti os que te aborrecem!*¹⁷¹. A arca do pacto era o local real da presença do Deus vivo entre seu povo. Na época nômade, os sacerdotes eram encarregados do transporte da arca. Em tempo de guerra, eles deviam levar a arca ao campo de batalha, para que Iahweh Elohim Sebaot pudesse combater com o exército do seu povo¹⁷².

As palavras *não vos acovardeis, nem fiqueis com medo, nem tremais ou vos aterrorizeis diante deles, porque Iahweh vosso Deus marcha convosco, lutando a vosso favor contra os vossos inimigos, para salvar-vos!*¹⁷³, ditas pelos sacerdotes e que aparecem nos versículos 3 e 4 são muito comuns na guerra santa que é relatada e estimulada no *Deuteronômio*. Além de aparecerem no *Deuteronômio* 20:1, também aparecem em *Deuteronômio* 1:29 e 7:21¹⁷⁴. O que fica claro novamente é que não é a força de armas ou o exército bem organizado que salvará os hebreus, mas sim, a intervenção divina a favor deles.

4.3 DEUTERONÔMIO 20: 5, 6 e 7

*Os escribas também falarão ao povo, dizendo: “Quem construiu uma casa nova e ainda não a consagrou? Que se retire, e volte para casa, para que não morra na batalha e outro a consagre. Quem plantou uma vinha e ainda não colheu seus primeiros frutos? Que se retire e volte para casa, para que não morra na batalha e outro colha os primeiros frutos. Quem desposou a mulher e ainda não a tomou? Que se retire e volte para casa, para que não morra na batalha e outro a tome.”*¹⁷⁵

¹⁷¹ *Números*, 10: 35.

¹⁷² CHOURAQUI, *Os homens...*, p. 263.

¹⁷³ *Deuteronômio* 20: 3 e 4.

¹⁷⁴ *Deuteronômio* 1: 29 e 30 “(...) Não fiqueis aterrorizados, nem tenhais medo deles! Iahweh vosso Deus é quem vai à vossa frente. Ele combaterá a vosso favor, do mesmo modo como já fez convosco no Egito, aos vossos olhos”. *Deuteronômio* 7: 21 “Não fiqueis aterrorizados diante deles, pois Iahweh teu Deus, que habita em teu meio, é grande e terrível!”

¹⁷⁵ *Deuteronômio* 20: 5, 6 e 7.

A primeira pessoa que falava a seqüência de palavras “Quem construiu (...)”, era o Sacerdote ungido de guerra – *Cohen Mashúach Milchamá* – e um escriba as repetia para o povo.

Quem eram os escribas para os hebreus? No período da história de Israel anterior ao cativeiro, a palavra escriba era empregada para designar a pessoa que tinha certos cargos no exército¹⁷⁶. No contexto de *Deuteronômio* 20, os escribas parecem ter a função de controlar o alistamento de guerreiros. Eram eles que apresentavam ao povo todos os casos de dispensa do serviço militar.

Se compararmos *Deuteronômio* 20:5, aqui transcrito (versão Bíblia de Jerusalém) com as versões de outras Bíblias, veremos que existem algumas diferenças na tradução dada a palavra escriba. Na versão de Chouraqui¹⁷⁷, a palavra recebeu a tradução de comissários. Na Bíblia Vida Nova¹⁷⁸, recebeu o significado de oficiais e na Bíblia publicada pela Editora Abril¹⁷⁹, recebeu a tradução de chefes. Já a Torá¹⁸⁰, traduziu a palavra como policiais (a palavra utilizada é *shmrin*, ligada ao verbo *leshamer* que significa: vigiar, cuidar, proteger). As diferentes traduções dão uma visão melhor sobre a ampla função dos escribas, que também poderiam ser chamados de comissários, oficiais, chefes, e policiais.

É relacionado com moradia o primeiro caso de isenção do serviço militar arrolado pelos escribas. Quem construiu uma casa nova e ainda não a consagrou? Que se retire, e volte para casa, para que não morra na batalha e outro a consagre. O versículo 7, que

¹⁷⁶ Na monarquia, os escribas eram secretários dos reis, e possuíam uma alta posição. Na história judaica dos tempos mais modernos, os escribas são os intérpretes ou copistas da lei.

¹⁷⁷ CHOURAQUI, *A Bíblia*, p. 209.

¹⁷⁸ BÍBLIA. Português. *Bíblia Vida Nova*. Trad. João Ferreira de Almeida. 13. ed. rev. São Paulo : Vida Nova, 1990. p. 214.

¹⁷⁹ BÍBLIA. Português. *A Bíblia*. São Paulo : Abril Cultural, 1973. v. 1, p. 310.

¹⁸⁰ MELAMED, Meir Matziliah. *A Lei de Moisés : Torá* . São Paulo : Séfer, 2001. p. 562

apresenta o terceiro caso de dispensa militar pode ser muito bem relacionado com o primeiro caso: Quem desposou a mulher e ainda não a tomou? Que se retire e volte para casa, para que não morra na batalha e outro a tome. Lar e casamento são instituições que andam juntas.

O casamento era uma instituição muito importante para o hebreu, tanto que no Pentateuco encontramos diversas leis a respeito. Uma delas confirma muito bem a citação acima: *Quando um homem for recém-casado, não deverá ir para a guerra, nem será requisitado para qualquer coisa. Ele ficará em casa, de licença por um ano, alegrando a esposa que tomou*¹⁸¹.

A lei hebraica protegia e isentava o recém-casado do serviço militar. Durante um ano, o esposo poderia usufruir de liberdade, não participando de nenhuma atividade que exigisse sua ausência do convívio familiar. Era muito mais importante que o hebreu constituísse uma descendência do que participasse da guerra. *Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra*¹⁸², esse era o mandamento.

O segundo caso de dispensa do serviço militar estava relacionado com a plantação de vinhas. Quem plantou uma vinha e ainda não colheu seus primeiros frutos? Que se retire e volte para casa, para que não morra na batalha e outro colha os primeiros frutos. A videira e seu produto eram muito valiosos para os hebreus. Prova disso pode ser encontrada nas diversas leis e passagens bíblicas que mencionam a plantação e a colheita do fruto.

Plantar uma vinha era uma atividade que merecia especial atenção dos envolvidos. As vinhas não deviam ser plantadas com diferentes espécies de sementes; não podiam ser

¹⁸¹ Deuteronômio 24: 5.

¹⁸² Gênesis, 9: 1.

cultivadas durante o Ano Sabático nem seu fruto colhido ocorrendo o mesmo no ano do Jubileu.

O processo de colheita seguia as seguintes regras: os primeiros frutos não deveriam ser colhidos por três anos, no quarto ano, seriam consagrados ao Senhor. Só a partir do quinto ano poderiam ser efetivamente consumidos por seus plantadores¹⁸³.

O fato de uma lei relativa a plantação de vinhas estar inserida num capítulo que aborda leis de guerra mostra quão importante era essa atividade para os hebreus. Um agricultor não deveria abandonar suas plantações para guerrear. Deveria acompanhar o desenvolvimento de sua vinha. O versículo levanta outro fato importante: um homem que exerce uma atividade fundamental para a sobrevivência do povo não deve ser desperdiçado na guerra.

4.4 DEUTERONÓMIO 20:8

*E os escribas continuarão a falar ao povo: "Quem está com medo e se sente covarde? Que se retire e volte para casa, para que sua covardia não contagie seus irmãos!"*¹⁸⁴

Tímidos, medrosos e covardes não tinham lugar no exército de Israel. Talvez a melhor explicação para isso venha da crença no auxílio e proteção de Iahweh. Por que temer se tinham a seu lado um general tão poderoso que já garantia a vitória nas batalhas?

As principais características de um soldado, pelo menos no que diz respeito a lei, deveriam ser a coragem e a fé. Um guerreiro deveria acreditar na intervenção divina, crer

¹⁸³ “Quando tiverdes entrado na terra e tiverdes plantado alguma árvore frutífera, considerareis o seu fruto como se fossem o seu prepúcio. Durante três anos serão para vós como coisa incircuncisa e não se comerá deles. No quarto ano, todos os frutos serão sagrados em uma festa de louvor a Iahweh. No quinto ano, podereis comer o seu fruto e recolher para vós mesmos o seu produto. Eu sou Iahweh vosso Deus”. (Levítico 19: 23-25)

¹⁸⁴ Deuterônimo, 20: 8.

que seria um instrumento nas mãos de seu Deus, sem desconfiar em nenhum momento. O soldado que se sentisse com medo, deveria se retirar, voltar para casa, pois não servia para a função. Pelo menos na lei vemos que ninguém era obrigado a participar do combate, só quem tivesse realmente a certeza de que poderia ser um bom soldado. Essas normas são reflexo de um tempo em que o serviço militar se fazia na tribo, com base num alistamento voluntário.

Quantos guerreiros restavam depois de tantas baixas? Esta é uma questão complicada de resolver. Poderemos ter uma idéia observando o exemplo de Juízes capítulo 7, em que Gedeão, um Juiz de Israel e comandante militar dos hebreus, numa guerra contra os midianitas¹⁸⁵, dispensou um grande número de soldados ficando somente com os homens que realmente estavam aptos para guerrear.

Iahweh reduz o exército de Gedeão – Jeroboal (isto é, Gedeão) se levantou de madrugada bem como todo o povo que estava com ele, e veio acampar em En-Harod; o acampamento de Madiã se achava ao norte do seu, ao pé da colina de Moré, no vale. Então Iahweh disse a Gedeão: “O povo que está contigo é numeroso demais para que eu entregue Madiã nas suas mãos; Israel poderia gloriar-se disso às minhas custas, e dizer: ‘Foi a minha própria mão que me livrou!’ Agora, pois, proclama aos ouvidos de todo o povo: ‘Quem estiver tremendo de medo volte e observe do monte Gelboé.’ ” Vinte e dois mil homens voltaram e restaram ainda dez mil (...)¹⁸⁶.

O exemplo de Gedeão, além de mostrar as isenções por medo e covardia, também serve para exemplificar a ação dos escribas ou no caso, do chefe do exército, durante a batalha. O que fica claro na análise dos motivos das dispensas é que não são os números que concederão vitória ao povo, mas sim, a intervenção divina. Trata-se de uma guerra santa, na qual é Deus quem dá a vitória. O tamanho do exército era menos importante do que a fé daqueles que o compunham.

¹⁸⁵ Os midianitas ou madianitas eram um povo que habitava principalmente ao norte da Arábia. Eram descendentes de Abraão, gerados de sua relação com Cetura (ou Quetura) – sua terceira mulher, com quem se casou após a morte de Sara. No momento aqui relatado, eles não estavam em aliança com os hebreus, mas sim, eram opressores desse povo, devastando as suas searas e roubando suas colheitas.

4.5 DEUTERONÔMIO 20:9

*Quando acabarem de falar ao povo, os escribas designarão os chefes das tropas para o comando do povo*¹⁸⁷.

Este seria o ato final de preparação para a guerra: a indicação de capitães do exército para conduzirem o povo. É essencial dizer que a palavra povo aqui refere-se a homens capazes de guerrear, não a mulheres, idosos e crianças. A guerra entre os hebreus, como entre muitos povos da antigüidade, tratava-se de uma atividade inteiramente masculina.

Encontramos informações muito interessantes relacionadas aos comandantes do exército na obra de Winfried Thiel¹⁸⁸. Quando ele descreve a sociedade de Israel em um momento em que começam a sobressair as diferenças sociais, os comandantes do exército são um dos grupos mais bem colocados socialmente, que ocupavam uma temporária posição de poder. Ser comandante era uma função materialmente rendosa, pois, após uma conquista, cabia a ele uma parte especial dos despojos. O cargo de comandante de um exército popular podia levar também ao estabelecimento de uma posição política de poder permanente¹⁸⁹.

¹⁸⁶ Juizes 7: 1-3.

¹⁸⁷ Deuterônimo, 20: 9.

¹⁸⁸ THIEL, p.101-102.

¹⁸⁹ No livro de Juizes, capítulo 8, podemos confirmar essas informações utilizando para isso, o exemplo de Gideão. Gideão, um comandante militar, possuía grande riqueza e a ele foi oferecido um governo hereditário.

4.6 DEUTERONÓMIO 20:10-14

Quando estiveres para combater uma cidade, primeiro propõe-lhe a paz. Se ela aceitar a paz e abrir-te as portas, todo o povo que nela se encontra ficará sujeito ao trabalho forçado e te servirá. Todavia, se ela não aceitar a paz e declarar guerra contra ti, tu a sitiáras. Iahweh teu Deus a entregará em tua mão, e passarás todos os seus homens ao fio da espada. Quanto às mulheres, crianças, animais e tudo o que houver na cidade, todos os seus despojos, tu os tomarás como presa. E comerás o despojo dos inimigos que Iahweh teu Deus te entregou¹⁹⁰.

Aqui começa o relato da conquista das cidades, mas antes de comentá-lo, é necessário descrever o exército de Israel.

No momento anterior a conquista da “Terra Prometida”, o exército dos hebreus não era profissional, não possuía grande desenvolvimento tático nem tecnologia bélica. Era composto por soldados que ao mesmo tempo eram mal preparados e mal equipados.

Antes da época real, o exército não se distinguia do povo. A tribo era organizada como um exército em campanha, sempre em movimento e sempre pronta para se defender contra eventuais ataques. Os homens eram mobilizados por “casas patriarcais”, clãs e tribos para melhor defender suas famílias e bens. A unidade militar chamava-se milhar (*alef*), ou “miríade”. (...) Os guerreiros eram homens livres, não mercenários, e suficientemente ricos para comprar equipamentos e armas. Na sociedade tribal, o comando militar se confunde com a direção política; os chefes das “casas patriarcais”, do clã e da tribo, controlam o abastecimento de armas, a mobilização e a conduta das operações¹⁹¹.

A Bíblia e a literatura geral da época falam muito de guerras, mas infelizmente – para os historiadores – só as descrevem de modo sucinto. Para termos uma idéia das operações militares, dispomos de importantes vestígios arqueológicos, que nos permitem representar as táticas e as estratégias geralmente adotadas – as que vão além da intervenção divina. A guerra se resumia, forçosamente, em ataques surpresa, limitados no espaço e sobretudo no tempo. As táticas preferidas eram a rápida incursão de tropas em território

¹⁹⁰ Deuteronômio 20: 10-14.

¹⁹¹ CHORUAQUI, **Os homens...**, p. 164.

inimigo e a armação de emboscadas para surpreender o adversário e, na medida do possível, desnorteá-lo com todo o tipo de estratagemas, a fim de vencê-lo antes que ele recuperasse suas forças. Os momentos preferidos para as ciladas eram durante a noite e de madrugada¹⁹².

Outra prática muito comum realizada alguns dias antes da batalha era o envio de espias. Estes tinham por objetivo principal explorar a região que seria conquistada. Traziam informações sobre o melhor caminho para chegar com o exército a localidade e colhiam dados sobre as cidades que seriam atacadas. *Enviemos homens a nossa frente para que explorem a região por nós e nos informem por qual caminho deveremos subir e a respeito das cidades em que poderemos entrar*¹⁹³.

O Deus de Israel era um “Deus das montanhas”. Devido a isso, e conscientes de que a luta em terreno plano era perigosa – por causa dos carros de guerra – os hebreus evitavam lutar em planícies. Preferiam atrair o inimigo para as montanhas onde conheciam os esconderijos e onde os terríveis carros de guerra não tinham acesso.

O capítulo 20 de *Deuteronômio* não cita nenhuma arma utilizada pelos hebreus mas as escavações arqueológicas realizadas em alguns locais onde combates foram travados mostram alguns dos armamentos utilizados pelo povo. O arsenal dos hebreus compreendia armas de longo alcance para a agressão, armas destinadas ao corpo-a-corpo e armas propriamente defensivas. A funda¹⁹⁴, o arco e a lança serviam de armas ofensivas de longo alcance.

O arco era uma das armas decisivas dos combates. Ele tem uma longa história. Uma revolução técnica multiplicou sua potência: em vez de um simples pedaço de

¹⁹² CHORUAQUI, *Os homens...*, p. 170.

¹⁹³ *Deuteronômio* 1: 22.

¹⁹⁴ Para obter mais informações sobre essa arma procure o Anexo Ilustrações, imagem 05, “soldado fazendo mira com uma funda”.

pau vergado por uma corda esticada, o arco é composto de madeiras de diferentes espécies, previamente montadas para provar sua flexibilidade, de chifres destinados a reforçar a madeira em que eram colocados e cordas de tripa. Os arcos mediam de um metro e cinqüenta a um metro e setenta e tinham um alcance de trezentos a quatrocentos metros. Alguns deles podiam lançar flechas a quase um quilômetro. As flechas eram compostas de três partes: a ponta, feita de sílex, madeira ou metal; o suporte, de madeira, ou melhor, de caniço; e, enfim, a emplumagem, feita de penas que permitiam à flecha alcançar maiores distâncias. As flechas eram levadas pelo arqueiro numa aljava, às vezes ricamente decorada que continha cerca de trinta delas”.¹⁹⁵

As pedras também eram utilizadas como armamento. Eram lançadas com a mão quando o inimigo se aproximava na planície ou perto dos muros da cidade. Durante um cerco, o aríete¹⁹⁶ era utilizado abrindo brechas nas muralhas. Os guerreiros, protegidos por uma carapaça de escudos, golpeavam a muralha com um aríete, até por abaixo a parede de pedras de tijolos. Para o corpo-a-corpo, as armas utilizadas eram: cacetes, espadas – de comprimento e formas distintas – clavas, machados e gládios de dimensões e utilidade diversas¹⁹⁷.

A derrota numa guerra era sintoma da falta da presença de Iahweh, que deixou de apoiar seu povo para puni-lo por seus pecados. Portanto, a pureza durante uma batalha era essencial. Em tempos de guerra, um soldado não deveria se aproximar de sua mulher. Tornando-se impuro – até por acidente – deveria se afastar do campo para se purificar.

Pureza no acampamento. Quando tiveres saído para acampar contra os teus inimigos, procura guardar-te de todo o mal. Se em teu meio houver algum homem que ficou impuro por causa de uma poluição noturna, ele deverá sair para fora do acampamento e não voltará. Ao cair da tarde ele se lavará e, ao por-do-sol, poderá voltar ao acampamento. Deverás promover um lugar fora do acampamento para as tuas necessidades. Junto com o teu equipamento, tenhas também uma pá. Quando saíres para fazer as tuas necessidades, cava com ela, e ao terminar cobre as fezes. Pois Iahweh teu Deus anda pelo acampamento para te proteger e para entregar-te

¹⁹⁵ CHORUAQUI, *Os homens...*, p. 166.

¹⁹⁶ Ariete: antiga máquina de guerra para abater muralhas.

¹⁹⁷ Observe um soldado sumério, portando todo o aparato militar na imagem 6, do Anexo Ilustrações.

teus inimigos. Portanto, teu acampamento deve ser santo, para que Iahweh não veja em ti algo de inconveniente e te volte as costas¹⁹⁸.

Essa lei não deixa de ser interessante, pois mostra a preocupação do hebreu com a higiene e com as normas sanitárias. Também representa uma preocupação cultural. Era no acampamento que Iahweh passeava e onde sua presença era representada pela arca da aliança; perante ela, nenhuma coisa impura poderia ser tolerada. Para que Iahweh habitasse dentro do acampamento dos hebreus, este deveria ser puro de toda a contaminação, condição essencial da vitória que sempre dependia de Iahweh.

A promessa de Deus ao povo puro e obediente é o fortalecimento do exército: *Persegureis os vossos inimigos, que cairão à espada diante de vós. Cinco de vós perseguirão cem, e cem dos vossos perseguirão dez mil, e os vossos inimigos cairão à espada diante de vós*¹⁹⁹.

*Quando estiveres para combater uma cidade, primeiro propõe-lhe a paz. Se ela aceitar a paz e abrir-te as portas, todo o povo que nela se encontra ficará sujeito ao trabalho forçado e te servirá*²⁰⁰.

A primeira linha de ação – antes da declaração de guerra – era a proposta de paz. O objetivo principal da lei era desviar o povo da prática guerreira, e assim evitar o desgaste dos soldados e a matança. Devemos sempre recordar o Decálogo²⁰¹, que pregava o *Não Matarás*²⁰². A paz deve ser proposta e incentivada. Os povos que aceitavam as alianças de

¹⁹⁸ Deuteronomio, 23: 10-15.

¹⁹⁹ Levítico 26: 7 e 8.

²⁰⁰ Deuteronomio 20: 10 e 11

²⁰¹ Decálogo: os dez mandamentos bíblicos da lei de Deus.

²⁰² Deuteronomio 5:17.

paz, tornavam-se escravos²⁰³ dos hebreus, para serem utilizados nos trabalhos forçados. Geralmente os que aceitavam tais condições eram os povos inferiores aos israelitas na guerra.

*Todavia, se ela não aceitar a paz e declarar guerra contra ti, tu a sitiars. Iahweh teu Deus a entregará em tua mão, e passarás todos os seus homens ao fio da espada*²⁰⁴.

A cidade que recusasse a rendição e o acordo de paz estava condenada a sofrer o sítio e a morte de todos os cidadão do sexo masculino; enfim, declarava guerra contra Israel e sofreria as conseqüências.

A guerra de sítio foi muito comum na Antigüidade. John Keegan, comenta esse fato: “Os historiadores da Antigüidade ficam fascinados com as representações de práticas de sítio e máquinas de assédio que as escavações na Mesopotâmia e no Egito revelaram – aríetes, escadas de escalar, torres de assédio, galerias subterrâneas”²⁰⁵. O cerco às cidades foi uma tática que esteve muito presente nos combates hebreus. Ao fim do cerco, quando a população sitiada se rendia, a lei mandava que todos os habitantes do sexo masculino, principalmente os soldados, fossem mortos a fio da espada.

Quanto às mulheres, crianças, animais e tudo o que houver na cidade, todos os seus despojos, tu os tomarás como presa. E comerás o despojo dos inimigos que Iahweh teu Deus te entregou. Nas guerras desenvolvidas pelos hebreus com cidades estrangeiras distantes, era permitido tomar como butim²⁰⁶ objetos, animais e pessoas – fato que esteve presente em grande parte das guerras da Antigüidade. A pilhagem trazia riqueza e escravos. Após ter conquistado uma cidade, o vencedor contava os prisioneiros machos e

²⁰³ Os escravos do tempo do Antigo Testamento eram obtidos de vários modos: guerras, dívidas, nascimento ou mal comportamento – hebreus que roubaram ou causaram um grande mal para a comunidade estavam sujeitos a se tornarem escravos.

²⁰⁴ *Deuteronômio* 20: 12 e 13.

²⁰⁵ KEEGAN, p. 167.

²⁰⁶ Despojo do inimigo, de que o vencedor se apropria; saque, pilhagem.

fêmeas dos quais tiraria proveito dando-os como butim a seus soldados ou vendendo-os a bom preço nos mercados de escravos do Oriente Próximo e do Mediterrâneo²⁰⁷. Os despojos deveriam ser divididos eqüitativamente entre os combatentes e o conjunto do povo, como relata Números: *Dividirás, pois, os despojos pela metade, entre os combatentes que foram à guerra e o restante da comunidade*²⁰⁸.

As mulheres estavam na lista dos artigos considerados como despojo e eram muito cobiçadas. Se a mulher cativa não pertencesse a nação de Canaã, era permitido a um hebreu tomá-la por esposa. Esse fato é relatado em *Deuteronômio*:

Quando saíres para guerrear contra os teus inimigos, e Iahweh teu Deus os entregará em tua mão, e tiveres feito prisioneiros, caso vejas entre eles uma mulher formosa e te enamores dela, tu a poderás tomar como mulher e trazê-la para casa. Ela então raspará a cabeça, cortará as unhas, despirá a veste de prisioneira e permanecerá em tua casa. Durante um mês ela chorará seu pai e sua mãe. Depois disso, irás a ela, desposá-la-ás, e ela será tua mulher. Mais tarde, caso não gostes mais dela, tu a deixarás ir em liberdade, mas de modo algum a venderás por dinheiro: não tirarás à sua custa, após ter abusado dela²⁰⁹.

A particularidade do capítulo 21 é que nele, uma nova lei – não citada anteriormente, é criada, garantindo os direitos da estrangeira que fosse desposada e capturada por um israelita. O ritual de aceitação de uma prisioneira de guerra na comunidade era bem interessante: primeiro, ela raspava os cabelos, manifestando seu desprendimento da antiga condição e de seu passado; depois, teria um tempo para chorar “seu pai e sua mãe” – muitas vezes mortos durante a batalha e, finalmente, estava apta para ser desposada. Se depois de um certo tempo, o guerreiro não mais a desejasse, ele se comportaria como se tivesse desposado uma mulher livre. Deveria conceder-lhe o divórcio, deixando-a desprendida para voltar para casa com quem quisesse. A mulher não poderia

²⁰⁷ CHOURAQUI, *A Bíblia*, p. 218.

²⁰⁸ *Números*, 31: 27.

²⁰⁹ *Deuteronômio*, 21: 10-14.

ser vendida – tratada como um bem de consumo – a partir desse momento, já que ganhara o estatuto de mulher livre.

4.7 DEUTERONÓMIO 20: 15-18

Farás o mesmo com todas as cidades que estiverem muito distantes de ti, as cidades que não pertencem a estas nações. Todavia, quanto às cidades destas nações que Iahweh teu Deus te dará como herança, não deixarás sobreviver nenhum ser vivo. Sim, sacrificarás como anátema os heteus, os amorreus, os cananeus, os ferezeus, os heveus, os jebuseus, conforme Iahweh teu Deus te ordenou, para que não vos ensinem a praticar todas as abominações que elas praticavam para seus deuses: estarieis pecando contra Iahweh vosso Deus²¹⁰.

As leis de guerra mudavam drasticamente quando os povos a serem conquistados habitavam a “Terra Prometida”. A paz não deveria ser oferecida. A guerra santa era a única alternativa. O extermínio completo dos habitantes da região era ordenado e incentivado.

Os cananeus são os principais povos e os mais conhecidos dentre os citados acima e a ordem de guerra contra eles não é novidade, aparece muitas vezes nos textos bíblicos, inclusive em *Deuteronômio*:

Quando Iahweh teu Deus te houver introduzido na terra em que estás entrando para possuí-la, e expulsado nações mais numerosas que tu – os heteus, os gergezeus, os amorreus, os cananeus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus –, sete nações mais numerosas e poderosas do que tu; quando Iahweh teu Deus entregá-las a ti, tu as derrotarás e as sacrificarás como anátema. Não contrairás matrimônio com elas, não darás tua filha a um de seus filhos, nem tomarás uma de suas filhas para teu filho; pois deste modo, o teu filho se afastaria de mim para servir a outros deuses, e a cólera de Iahweh se inflamaria contra vós, exterminando-te rapidamente. Eis como deveis tratá-los: demolir seus altares, despedaçar suas estelas, cortar seus postes sagrados e queimar seus ídolos. Pois tu és um povo consagrado a Iahweh teu Deus; foi a ti que Iahweh teu Deus escolheu para que pertenças a ele como seu povo próprio, dentre todos os povos que existem sobre a face da terra²¹¹.

²¹⁰ *Deuteronômio*, 20: 15-18.

²¹¹ *Deuteronômio*, 7: 1-6.

O primeiro passo para a análise de *Deuteronômio* 20:15-18 é levantar algumas das características dos povos citados nesses versículos. As particularidades que serão referenciadas abaixo foram extraídas dos comentários da tradução do *Deuteronômio* feita por André Chouraqui²¹².

Segundo Chouraqui, os heteus eram os hititas, povo indo-europeu que vivia na Ásia Menor ou Anatólia, no território que pertence hoje a Turquia. Ocuparam o noroeste da Síria, onde entraram em conflito com o Egito durante o Novo Império. Seu domínio jamais se estendeu até Canaã. Cabe pensar que pequenas colônias hititas se fixaram em algumas cidades cananéias, em particular Hebron. O reino dos hititas foi destruído pelos povos do mar, entre eles, os filisteus.

Os amorreus são muito citados na Bíblia. Na Transjordânia, estavam organizados em dois reinos de importância considerável que se unificaram pouco antes da chegada dos hebreus. Na Cisjordânia, se organizaram em cinco pequenos reinos. As cidades pertencentes aos amorreus eram fortificadas e cercadas de uma faixa agrícola.

Em geral, a Bíblia considera que os amorreus habitavam a montanha, sobretudo no sul do país, enquanto os cananeus habitavam a planície²¹³. Seu rei, Seon, fez os moabitas²¹⁴ recuarem para o sul e os amonitas²¹⁵ para o leste, no deserto quase inabitável. A importância dos amorreus foi determinante, a tal ponto que o conjunto do país de Canaã é às vezes chamado “País dos Amorreus”. Nos documentos reais assírios, o nome Amurru estende-se indistintamente à Síria e mesmo a Canaã, até os confins do Egito. A vitória dos hebreus sobre os amorreus tornou-se o símbolo da queda do conjunto dos reinos cananeus.

²¹² CHOURAQUI, *A Bíblia*, p. 104 -07.

²¹³ Os amalecitas ocupam a região do Negueb; os heteus, os amorreus e os jebuzeus, a montanha; os cananeus, a orla marítima e ao longo do Jordão. (*Números*, 13: 29)

²¹⁴ Indivíduo dos moabitas, povo do antigo reino de Moabe (na atual Jordânia).

²¹⁵ Povo que habitava a Palestina. Conta a Bíblia que era uma raça de terríveis salteadores.

O nome cananeu é muito familiar nos textos bíblicos e também em documentos egípcios como os de Tell el-Amarna. Canaã era apresentado nos documentos egípcios como um país, repartido em cidades reais independentes e rivais, vassalãs indóceis do Faraó. As cidades cananéias eram dominadas por uma casta guerreira e tinham grande parte de sua população composta por povos de etnia ocidental semítica.

Essa civilização complexa se estendeu largamente pela costa da Síria. Seu povo habitava várias divisões territoriais: da planície costeira ao norte do país e a depressão do Jordão. O tratado de 1273 a.C., entre Ramsés II e o rei dos hititas, traçou uma fronteira que delimitou o território de Canaã. A tradição bíblica situou-o na planície.

As cidades reais cananéias eram ao mesmo tempo comerciais e agrícolas. Sua maior cidade foi Hasor, na Galiléia. Ela era ao mesmo tempo uma fortaleza e uma metrópole regional. Uma particularidade dos cananeus é que seu nome, tornou-se com o tempo um nome que designava os comerciantes. Os cananeus deram seu nome ao conjunto do país. Graças a isso, sua história chegou a nossos dias. A partir do século II, o país dos cananeus ficou conhecido como Palestina – por referência aos filisteus – invasores da região.

Os ferezeus são um povo desconhecido dos historiadores. A palavra *perazot*, significa “aldeias não fortificadas”.

Os heveus não são conhecidos fora da Bíblia. No quadro dos povos de Gênesis²¹⁶, eles são aparentados dos cananeus. De acordo com os relatos do livro de Josué, existiam heveus aos pés do monte Hermôn e na cidade de Gabaon.

Os jebuzeus viviam em Jerusalém. Permaneceram ali até a tomada da cidade por Davi. De acordo com Josué 10:5, os jebuzeus eram um ramo dos amorreus.

²¹⁶ Encontrado em *Gênesis* 10:15.

Encontramos poucas descrições como as de Chouraqui, citadas acima, que narram um pouco mais sobre as nações cananéias, geralmente marginalizadas na história bíblica. Sua exposição, relatando povo a povo, ficou muito atrelada a localização geográfica e não partiu para o âmago da questão: por que essas nações foram tão perseguidas pelos hebreus? Qual era a religião tão abominável, que deveria ser combatida e extirpada da terra? Essa lacuna deixada por Chouraqui pode ser preenchida através dos relatos do pesquisador Adolphe Lods, que apresentou em seu livro *La religion de Israel*²¹⁷ um tratado sobre a crença dos hebreus, opondo-a ou identificando-a com aspectos da crença de outros povos do Oriente. Lods deu atenção especial ao modo de vida e à religião dos cananeus e alguns dados de sua pesquisas podem ser encontrados no relato abaixo.

Por mais diversa que fosse a origem dos cananeus e ainda que estivessem longe de constituir uma unidade política, os habitantes de Canaã possuíam uma civilização comum. Falavam todos a mesma língua, o hebreu. Esses habitantes da Palestina apresentavam um nível de civilização relativamente elevado. Seus artesãos já haviam trabalhado o bronze e, aproximadamente a partir de 1200 a.C., o ferro. Chegaram a ser mestres na construção de carros de ferro, armas que espalharam o terror a povos vizinhos que ainda não dominavam essa tecnologia, como os hebreus. Os cananeus dispunham relativamente de um bom exército. Sabe-se pela arqueologia que todas as pequenas cidades possuíam guarnições, defesas e até mercenários, levando nítida superioridade sobre Israel. Sabiam edificar muralhas que se elevavam “até o céu”, cavavam subterrâneos para permitir que os defensores de suas fortalezas recebessem recursos.

Eram hábeis para tecer telas multicores e modelar e decorar vasos. Seus príncipes possuíam escribas versados na ciência da escrita e no estudo das línguas estrangeiras, necessárias para as exigências do comércio e sobretudo para acordos diplomáticos. As

²¹⁷ LODS, Adolphe. *La religion de Israel*. Buenos Aires : Hachette, 1939.

descobertas da arqueologia tem revelado que os cananeus também possuíam uma verdadeira literatura, que compreendia poemas mitológicos e hinos. Essa civilização apresentava traços múltiplos e profundos de influências estrangeiras, babilônicas, egípcias e de povos do Mediterrâneo.

A religião dos cananeus talvez seja o aspecto desse povo que mais irá nos interessar, pois se confronta quase que totalmente com os princípios que a legislação religiosa hebraica previa. Os cananeus tinham por sagrado uma quantidade de árvores, montanhas, fontes, rios, cavernas e pedras. Também tinham como santas as “estátuas sagradas” ou *ascherin*. Uma *ascherá* era um tronco de árvore, sem ramos, que era colocado ao lado do altar, para substituir, em caso de ausência, uma árvore sagrada.

Os cananeus possuíam lugares santos como santuários primitivos, cavernas e até templos. Esses podem ser identificados graças a expedições arqueológicas em localidades como Tell es-Safy, Tell Duweir, Beisán, Balata (antiga Siquém), Sídon, Biblos e Ras-Schamra²¹⁸.

Os poemas encontrados em Ras-Shamra encerram numerosas descrições de sacrifícios. As principais vítimas que se ofereciam em sacrifício eram bois – em especial os mais gordos – , cordeiros e pássaros. Muitas vezes também eram sacrificados cervos, cabras e asnos. Também ofereciam-se pães aos deuses – oferenda típica de povos agricultores e sedentários. Os sacrifícios humanos eram freqüentes entre os cananeus. As escavações arqueológicas encontraram nas regiões em que habitavam numerosos esqueletos de adultos e de crianças que certamente foram imolados e colocados em baixo da base de casas, palácios e portas das cidades. Essa prática mostra a preocupação dos cananeus de providenciarem a seus edifícios um guardião perpétuo, na pessoa da alma do defunto.

²¹⁸ Das escavações em Ras-Schamra (Ugarit) resultaram as principais informações que possuímos do povo cananeu. Entre os arqueólogos que pesquisaram a região estão Claude Schaffer e Georges Chenet que trouxeram diversas informações do local no final da década de 20.

As festas entre os cananeus possuíam um caráter agrário. Os poemas encontrados em Ras-Schamra aludem a um grande número de ritos que tem como objetivo principal o sucesso nos trabalhos agrícolas. Um exemplo desses rituais consistia em colocar jarras no solo e enchê-las de uma oferenda líquida para que as árvores resistissem ao calor do verão. Cozinhavam um cabrito no leite para que os seus vinhedos prosperassem.

Os cananeus possuíam desde o século XIII a.C. uma hierarquia sacerdotal. Isso é comprovado por uma carta dirigida ao chefe dos sacerdotes encontrada em Ras-Schamra, bem como outros objetos pertencentes a ele. Os cananeus possuíam profetas, “santos” e “santas” – homens e mulheres que se consagravam a prostituição sagrada na crença de que ela ajudaria na fecundação do solo. A fertilidade e fecundação do solo eram vistas pelos cananeus como consequência do casamento entre o deus do céu e a deusa da terra.

Os cananeus adoravam um grande número de divindades locais. O título mais comum dado a elas era o de baal, “senhor”, tratando-se de um deus; ou baalat, “senhora”, tratando-se de uma deusa. Em muitos casos, a divindade assim designada era o espírito de um manancial, de uma árvore sagrada, de uma montanha. Por exemplo: Baalat Beer, seria a “senhora do poço”; Baal Tamar, o “senhor da palmeira”; Baal Lebanón, “o senhor do Líbano”. O deus Bethel era primitivamente o deus que residia na pedra santa. O caráter local da divindade é também evidente quando encontramos o nome de um deus ligado ao da cidade que protegia, como é o caso de Baal Guebal e Baalat Guebal – o “senhor” e a “senhora” de Guebal – Baal Meón, Baal Peor, Baal Hesor, etc. Existiam também deuses nacionais como Milkon, o deus nacional dos amonitas.

Os cananeus adoravam grandes divindades cujo poder, segundo acreditavam, estendia-se sobre todo o universo. Essas tinham entre si relações de parentesco, de subordinação, de amizade e hostilidade. Os cananeus possuíam no século XIV a.C. um

panteão hierarquizado e uma rica mitologia que referia não só as aventuras de certas divindades isoladas, mas das muitas relações entre elas.

A partir dos hinos e poemas encontrados em Ras Shamra podemos levantar algumas relações existentes entre os deuses cananeus: Baal e Mot eram rivais. Baal representava as águas fertilizantes, da chuva, das fontes assim como a vegetação que brotava nos bosques e pradarias durante a estação chuvosa. Mot, o espírito do trigo, personificava o calor tórrido do verão, o calor que fazia madurar as colheitas. Cada um dos deuses triunfava ao chegar sua estação e morria no seu final, depois de receber golpes de seu adversário. Ainda há de se considerar que entre os povos agrícolas, a colheita era interpretada como o assassinato do deus que animava os cereais; assassinato necessário para que os humanos pudessem comer o grão sem perigo. Era essencial que o espírito que havia sido assassinado, reencarnasse na colheita do ano seguinte. Para que isso realmente ocorresse, uma parte da carne do deus – os grãos – eram derramados nos campos, como sementes, e assim, o ciclo do deus se completava e renascia a cada ano.

Os poemas revelam que os cananeus tinham já no século XIV a.C. não só uma multidão de pequenas divindades locais, mas algumas figuras de deuses cósmicos que constituíam um panteão relativamente organizado, uma família divina cujo pai era El e a mãe Ascherat. Isso, de certa forma, demonstra como os cananeus possuíam uma mitologia desenvolvida. Se ocupavam em explicar o universo criando mitos vivos e coloridos que tinham geralmente um caráter agrário. Por isso, seus grandes deuses personificavam as forças da natureza. Divindades combativas indomáveis, voluntariamente sanguinárias, geralmente representados em postura de combate, com o braço levantado e a lança ou machado na mão.

Nas lutas entre deuses, os homens não tomavam parte. Só sentiam o resultado e veneravam tanto um quanto outro deus. Deviam, assim, aproveitar o triunfo alternado das

forças rivais para assegurar o amadurecimento dos seus cultivos. Na estação e no momento correto, estimulam os demais deuses, por meio de rituais propiciatórios ou mágicos.

Na essência, a religião dos cananeus foi naturista, fundamentalmente politeísta, estreitamente ligada a vida agrícola, feita para golpear a imaginação com seus mitos e para trabalhar fortemente com os sentidos pelo caráter orgiástico de algumas manifestações: lamentações pelo motivo da morte do deus, prostituição sagrada e profecia²¹⁹.

É contra esse povo e contra essa visão de mundo que os hebreus teriam que se debater para conquistar a Terra Prometida. Os cananeus, com sua religião organizada e voltada para a agricultura, podiam muito bem seduzir os hebreus, que na época anterior a conquista ainda não possuíam uma religião fundamentada.

Qualquer coisa que viesse a minar a total lealdade de Israel a Iahweh era considerada maldita e devia ser afastada do caminho. Os hebreus necessitavam de uma terra que lhes fora dada como herança²²⁰, mas que era dos cananeus por posse. Além disso, precisavam fortalecer sua religião, que ainda estava em processo de construção. Dessa maneira, deveriam combater os cananeus, visando a extirpar da terra suas práticas religiosas e evitar qualquer concorrência ou retomada da terra.

*Sim, sacrificarás como anátema os heteus, os amorreus, os cananeus, os ferezeus, os heveus, os jebuseus, conforme Iahweh teu Deus te ordenou, para que não vos ensinem a praticar todas as abominações que elas praticavam para seus deuses: estaríeis pecando contra Iahweh vosso Deus*²²¹.

O sacrifício dos anátemas, aqui citado, é conhecido pelo nome de *hérèm* e já havia aparecido no Pentateuco, em Levítico: *Contudo, nada do que alguém consagra a Iahweh,*

²¹⁹ Mais informações sobre os deuses cananeus podem ser obtidas no Anexo – Glossário – deuses cananeus.

²²⁰ “Eis a terra que eu vos dei! Entrai para possuir a terra que Iahweh sob juramento, prometera dar a vossos pais, Abraão, Isaac e Jacó, e depois deles a sua descendência”. (*Deuteronômio* 1:8)

²²¹ *Deuteronômio*, 17: 18.

*por anátema, pode ser vendido ou resgatado, quer seja homem, animais ou campos do seu patrimônio. Todo o anátema é coisa santíssima que pertence a Iahweh. Nenhum ser humano votado ao anátema poderá ser resgatado; será morto*²²². André Chouraqui também formulou uma boa definição do *hérem*, apresentando a etimologia dessa palavra:

A palavra *hérem* significa “proibido”, “interdito porque é consagrado. Ela é conhecida na nossa língua por intermédio do árabe sob a forma “harém”. Com efeito, na sociedade muçulmana, o alojamento das mulheres é um lugar particularmente interdito a toda ingerência externa. Na Bíblia, trata-se de pessoas, animais e objetos que não se tem o direito de tocar e que não podem ser utilizados a título privado. O *hérem* não pode de modo algum servir de butim. É a parte de Elohim ou dos deuses. Na inscrição do rei moabita Méisha‘ (Mesha) (conservada no Museu do Louvre), pode-se ler (linhas 14,17) que o rei Méisha‘ conquistou o monte Nébo, que o tomou de Israel por ordem de Kemosh, seu deus, e fez um *hérem* dessa localidade. Na Torá, a obrigação do *hérem* está sempre ligada ao temor da contaminação dos cultos idólatras. É uma medida de profilaxia religiosa que implica a destruição das pessoas, dos animais ou dos objetos por ela atingidos.²²³

4.8 DEUTERONÓMIO 20:19 e 20

*Quando tiveres que sitiá-la durante muito tempo antes de atacá-la e tomá-la, não debes abater suas árvores a golpe de machado; alimentar-te-ás delas, sem cortá-las: uma árvore do campo é por acaso um homem, para que a trates como um sitiado? Contudo, se sabes que tal árvore não é frutífera podes então cortá-la e talhá-la para fazer instrumentos de assédio contra a cidade que está guerreando contigo, até que a tenhas conquistado*²²⁴.

O emprego de cerco nas guerras é muito anterior a Moisés. Escavações revelaram que haviam cidades muradas na Palestina, muitos séculos antes da chegada dos israelitas – caso de Jericó, uma cidade murada que surgiu aproximadamente no ano 8000 a.C.²²⁵ Em

²²² Deuteronomio, 27: 28-29.

²²³ CHOURAQUI, André. *A Bíblia : Palavras (Deuteronomio)*. Rio de Janeiro : Imago Ed., 1997. p.108.

²²⁴ Deuteronomio, 20: 19 e 20.

²²⁵ Os relatos sobre a fortaleza de Jericó e sua função podem ser encontrados nas descrições de fortificações do livro *Uma História da Guerra*, no capítulo Fortificação. KEEGAN, p. 155.

épocas de cerco, os exércitos invasores desnudavam as colinas, utilizando a madeira das árvores para fabricar máquinas de cerco e lenha.

Os responsáveis pela elaboração das leis contidas em *Deuteronômio* certamente conheciam esses procedimentos e decidiram impedi-los, criando uma proibição: *não debes abater suas árvores a golpe de machado*. A lei do versículo 19, respeita a vida, o ambiente e a saúde dos soldados, que poderiam se beneficiar dos recursos alimentícios produzidos pela natureza. A fim de evitar a destruição indiscriminada de todas as árvores, há a instrução de que somente árvores não-frutíferas devem ser utilizadas na construção de baluartes contra as cidades.

Essa norma, nova para os hebreus e para o *Deuteronômio*, já era conhecida dos babilônios. Provavelmente, a prática de derrubar árvores sem consentimento era proibida pelo código de Hamurabi²²⁶.

Com o versículo 20, encerram-se as leis de guerra do *Deuteronômio*.

²²⁶ Informação extraída do comentário de Thompson, J. A. *Deuteronômio* : introdução e comentários. São Paulo : Vida Nova, 1991. p. 215.

5. CONCLUSÃO

Quando o hebreu começou a se identificar como um povo, sentiu a necessidade de possuir um território para nele habitar e se constituir. O território eleito foi a Palestina. Depois da escolha, o hebreu procurou meios para garantir a posse do local.

A Palestina ou Canaã já estava habitada por um povo, o cananeu. Mesmo observando principalmente a organização militar do cananeu, o hebreu não desistiu do território e passou a se organizar para o momento da conquista.

Os hebreus tencionavam conquistar Canaã seguindo alguns regulamentos que, como vimos, podem ser encontrados no livro de Deuteronômio, capítulo 20. Duas maneiras para a conquista do território eram previstas por lei – pela paz e pela guerra – e dois grupos de inimigos estavam listados – os distantes (que não pertenciam as nações cananéias) e os pertencentes as nações cananéias.

A paz deveria ser imposta às nações distantes e não-relacionadas com o povo cananeu. Essa paz implicava a entrega pacífica dos territórios para os hebreus, abertura das portas da cidade e captura do povo para o trabalho forçado. Eram passos da guerra: o cerco da cidade, a captura e o assassinato dos homens; todavia, mulheres, crianças, animais e tudo o que houvesse na cidade era poupado e se transformava em presa e propriedade do povo hebreu.

As leis de guerra previam um tratamento diferenciado para as nações cananéias: a guerra, o assassinato de todos os seres vivos, o sacrifício como anátema da cidade. O motivo para tal ação era político e religioso, dessa maneira evitava-se a permanência de um povo na terra que os hebreus queriam conquistar e manter, e separava-se o hebreu da contaminação com a idolatria.

Possuindo uma religião politeísta e habitando o território almejado pelos hebreus, os cananeus ofereciam uma ameaça ao culto único a lahweh, que vivia um momento de estruturação. A ameaça também era política e de segurança. Para que o curso da conquista fosse completo e para evitar a retomada do território pelos cananeus, os hebreus deveriam eliminar todos os seus adversários. O pedido de morte aos cananeus vem de encontro com a formação da identidade do povo hebreu, que em processo de afirmação, vencendo os cananeus, teria a força e moral militar fortalecidas; teria obtido um território e garantido a vitória de Israel e do culto a lahweh. Depois de vencer seus inimigos, o hebreu poderia afirmar sua identidade, sua religião e sua força. A partir de então, estaria apto a se fixar num território, deixando de ser um grupo nômade.

A partir do estudo da história do Livro de Deuteronômio, notamos que as leis de guerra não serviram só para o momento da conquista do território de Canaã, mas em diversos outros momentos da história hebraica, principalmente naqueles em que os hebreus precisaram reafirmar sua identidade como povo, após serem aprisionados ou em momentos de crise gerados pela ameaça do inimigo estrangeiro.

Nessa pesquisa, a Bíblia se mostrou uma fonte de dados interessantíssima e riquíssima onde podem ser encontrados elementos para a análise da sociedade hebraica e de sua relação com outros povos, mas somente do ponto de vista interior. Para uma análise do ponto de vista exterior, poderiam ter sido utilizadas e exploradas outras fontes como os vestígios arqueológicos e relatos de povos vizinhos em situação de guerra.

O trabalho apresenta diversas contribuições para os estudiosos da Antigüidade Oriental que têm interesse em conhecer um pouco mais sobre a história militar, religiosa, cultural, política e econômica dos hebreus e cananeus, bem como para pesquisadores da história militar que queiram obter informações sobre a guerra na Palestina arcaica. Essa

pesquisa poderá abrir as portas para a importância de estudar a gênese da guerra entre hebreus, já que, inevitavelmente, faz parte da história desse povo.

As pesquisas relacionadas à guerra e ao povo hebreu podem e devem ser continuadas. O tema é quase que inesgotável se levarmos em conta que o Antigo Testamento está repleto de descrições de guerras que não somente envolveram hebreus e cananeus, mas filisteus, assírios, babilônios, entre outros povos. A história comparativa entre as leis de guerra e sua aplicação em episódios bélicos é um tema que merece continuidade em trabalhos futuros. Outro tema muito interessante para uma análise é o destino dos cananeus. Estudar o que ocorreu com os cananeus após a conquista da Terra Prometida é um tema que desperta curiosidade e que poderá ser estudado a partir da pesquisa aprofundado dos livros bíblicos de Juízes, Reis e Crônicas, assim como fontes arqueológicas encontradas nas cidades de Ugarite e Alalake.

É instigante na época contemporânea se estudar um tema ligado a um período tão distante, cerca de 1200 a.C.; estudar o povo hebreu e suas leis de guerra. O tema passa a ser mais curioso quando relacionamos a história do passado desse povo com a história do presente. No passado, os hebreus lutavam para conquistar e garantir a posse de Canaã. No presente, os israelitas lutam para garantir a posse do mesmo território, mas agora com um outro nome. A guerra continua presente na região e conhecer a gênese dos conflitos é fundamental para entender parte da motivação atual do povo envolvido nele.

As leis de guerra escritas antes de Cristo continuam vivas depois de Cristo. Passaram para o livro sagrado de judeus, e cristãos, influenciando também os escritos islâmicos. A questão territorial dos hebreus continua e até o momento não foi resolvida. A guerra, mais do que a diplomacia, continua sendo o meio pelo qual os israelitas tencionam garantir a posse da Palestina.

ANEXO - CRONOLOGIA

QUADRO CRONOLÓGICO DA VIDA COTIDIANA DOS HEBREUS

FONTE: CHOURAQUI, André. **Os Homens da Bíblia**. São Paulo : Companhia das Letras : Círculo do Livro, 1990. p. 302-303.

	EGITO	TERRA DE ISRAEL	MESOPOTÂMIA
<i>Bronze antigo</i> 3100-2100 a. C. (início da escrita: 3000 a.C.) 3000 a.C.	Antigo Império: Mênfis. Grandes Pirâmides.	Os Cananeus	Sumerianos e acadianos
<i>Bronze médio</i> 2100-1550 a.C. 2000 a.C.	Médio Império: Tebas 2030-1720 a.C. Controle da costa sírio-palestina. Invasão e dominação dos hicsos - 1700-1550 a.C.	Vocação de Abraão. Chegada a Canaã (cerca de 1750 a.C.?). Descida de Jacó ao Egito (cerca de 1600 a.C.)	Sumerianos. depois amorreus: 2050-1750 a. C. Poemas acadianos sobre Criação-Dilúvio. Hamurabi: cerca de 1750 a.C.
<i>Bronze recente</i> 1550-1200 a.C. 1500 a.C.	XVIII e XIX dinastias 1580-1200 a. C. Tutmósis III: 1468-1436 a.C. (Campanhas na Palestina e na Síria). Amenófis IV ou Akhenatom: 1375- 1350 a.C. Adorador de um só deus em Aktaton. Seti I: 1314-1292 a.C. Ramsés II: 1291-1225 a.C. Construção de Pi- Ramsés. - Luta depois aliança com os hititas. Meneptá: 1225-1215 a.C.	Em Canaã, os horreus. Estelas de Seti I e Ramsés II em Betsã. Estela men- cionando uma vitória sobre o povo de Israel.	Na Ásia menor e no norte da Síria. Hititas. Apogeu hitita: 1350 a.C. A partir do século XV, crescimento da potência assíria.
<i>Idade do ferro:</i> 1200-900 a.C. 1200 a.C.	XX dinastia: 1184-1070 a.C. Ramsés III: cerca de 1175 a.C. - vitória sobre os "povos do mar", rechaçados para a costa palestina.	Cerca de 1200. Início da conquista de Josué. Conquista de Hissor; vários "reis".	

ANEXO - AS LEIS ACERCA DA GUERRA²²⁷

A guerra e os soldados

"Quando saíres para guerrear contra os teus inimigos, se vires cavalos e carros e um povo mais numeroso do que tu, não fiques com medo, pois contigo está Iahweh teu Deus, que te fez subir da terra do Egito. Quando estiverdes para começar o combate, o sacerdote se aproximará para falar ao povo, e lhe dirá: "Ouve, ó Israel! Estais hoje prestes a guerrear contra os vossos inimigos. Não vos acovardeis, nem fiquéis com medo, nem tremais ou vos aterrorizeis diante deles, porque Iahweh vosso Deus marcha convosco, lutando em vosso favor contra os vossos inimigos para salvar-vos!"

Os escribas também falarão ao povo dizendo: "Quem construiu uma casa nova e ainda não a consagrou? Que se retire e volte para casa, para que não morra na batalha e outro a consagre.

Quem plantou uma vinha e ainda não colheu seus primeiros frutos? Que se retire e volte para a casa, para que não morra na batalha e o outro a tome.

Quem desposou uma mulher e ainda não a tomou? Que se retire e volte para casa, para que não morra na batalha e outro a tome."

E os escribas continuarão a falar ao povo: "Quem está com medo e se sente covarde? Que se retire e volte para casa, para que sua covardia não contagie seus irmãos!"

Quando acabarem de falar ao povo, os escribas designarão os chefes das tropas para o comando do povo."

²²⁷ O texto foi extraído da BÍBLIA. A. T. *Deuteronômio*. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. 7. ed. rev. São Paulo : Paulus, 1995. p. 302.

A conquista das cidades

"Quando estiveres para combater uma cidade, primeiro propõe-lhe a paz. Se ela aceitar a paz e abrir-te as portas, todo o povo que nela se encontra ficará sujeito ao trabalho forçado e te servirá. Todavia se ela não aceitar a paz e declarar guerra contra ti, tu a sitiáras. Iahweh teu Deus a entregará em tua mão, e passarás todos os seus homens ao fio da espada. Quanto às mulheres, crianças, animais e tudo o que houver na cidade, todos os seus despojos, tu os tomarás como presa. E comerás o despojo dos inimigos que Iahweh teu Deus te entregou.

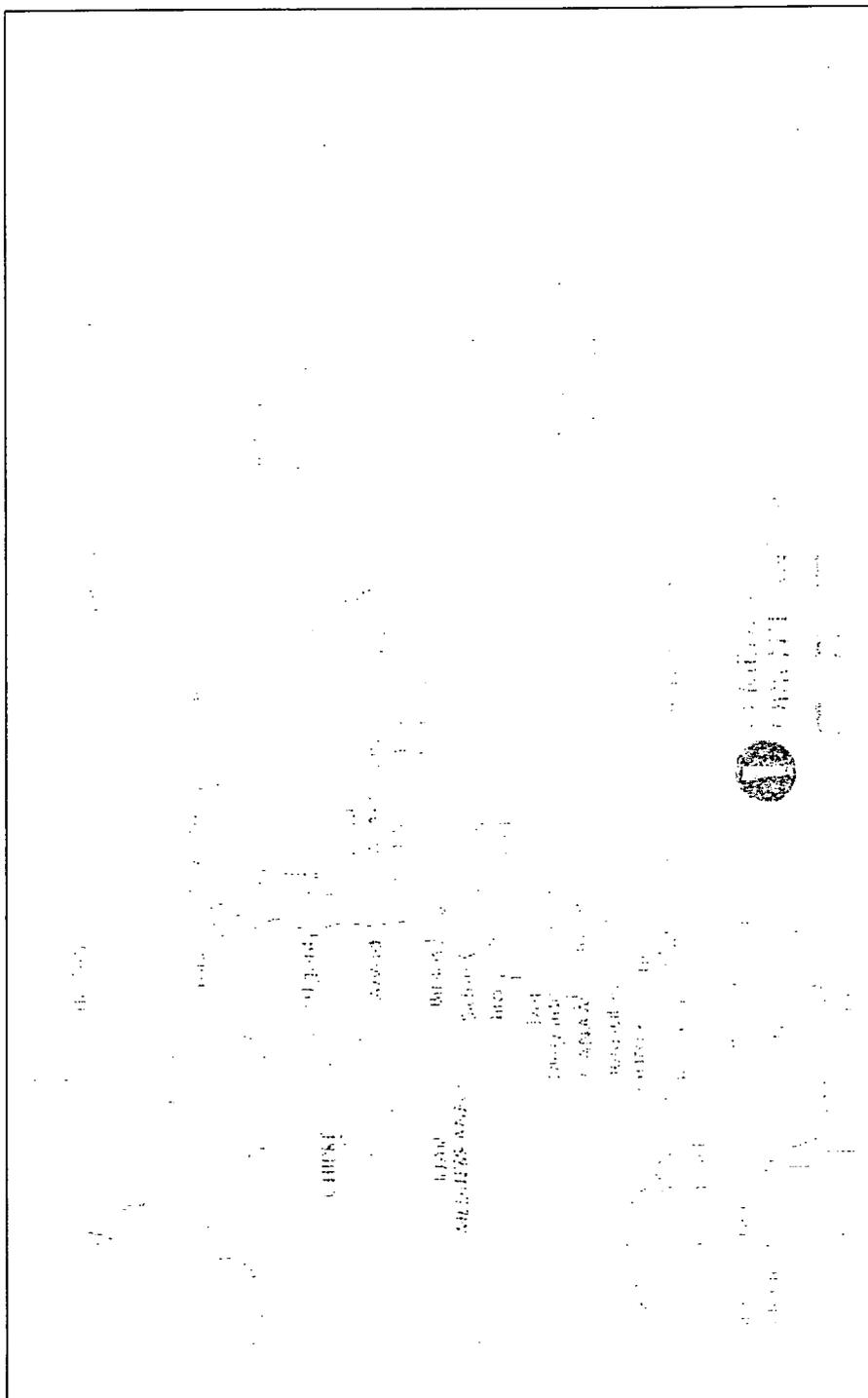
Farás o mesmo com todas as cidades que estiverem muito distantes de ti, as cidades que não pertencem a estas nações. Todavia, quanto as cidades destas nações que Iahweh teu Deus te dará como herança , não deixarás sobreviver nenhum ser vivo. Sim, sacrificarás como anátema os heteus, os amorreus, os cananeus, os ferezeus, os heveus, os jebuseus, conforme Iahweh teu Deus te ordenou, para que não vos ensinem a praticar todas as abominações que elas praticavam para seus deuses: estareis pecando contra Iahweh vosso Deus.

Quando tiveres que sitiar uma cidade durante muito tempo antes de atacá-la e tomá-la, não deves abater suas árvores a golpe de machado; alimentar-te-ás delas, sem cortá-las: uma árvore do campo é por acaso um homem, para que a trates como um sitiado? Contudo, se sabes que tal árvore não é frutífera podes então cortá-la e talhá-la para fazer instrumentos de assédio contra a cidade que está guerreando contigo, até que a tenhas conquistado."

ANEXO – ILUSTRAÇÕES

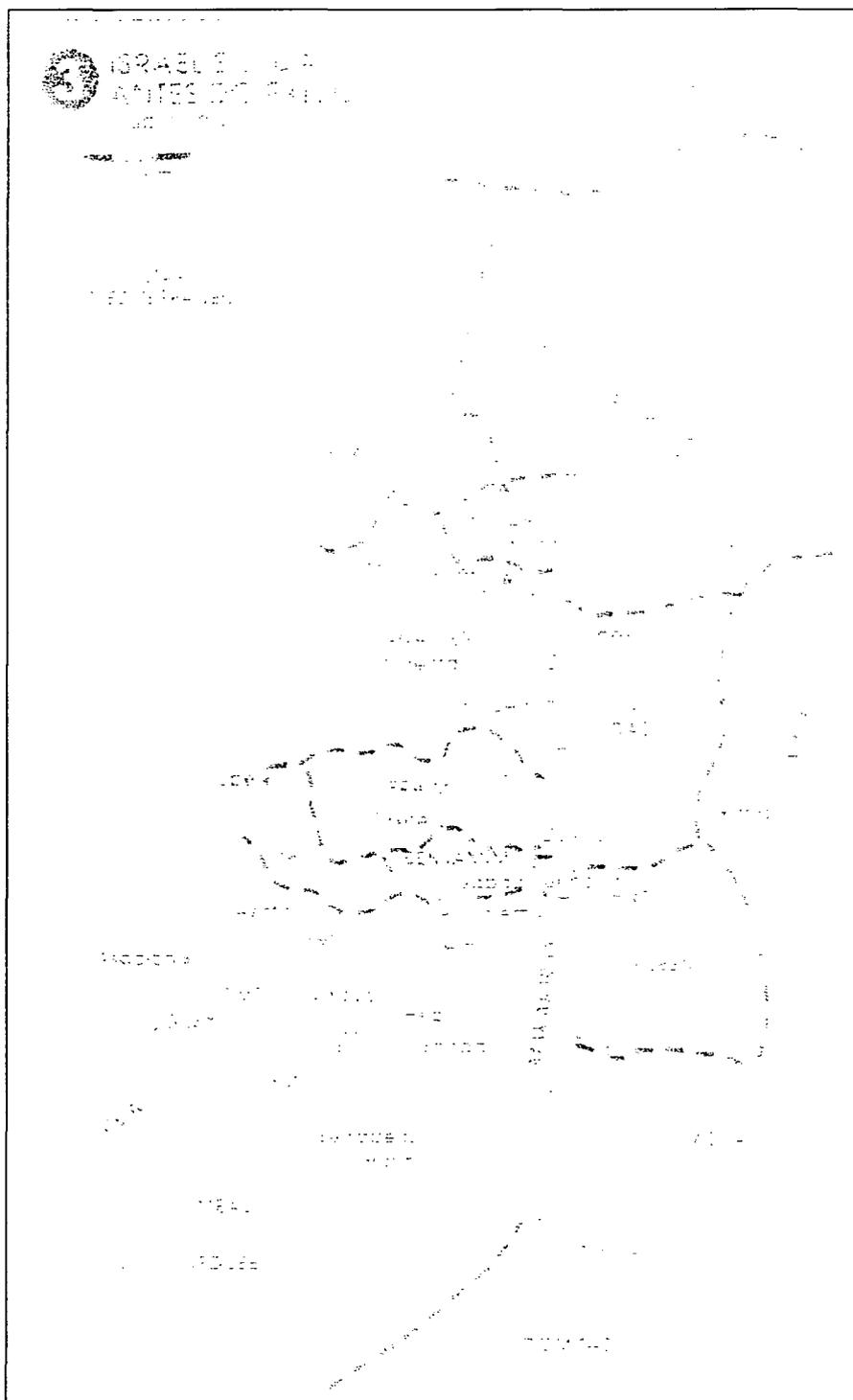
1. MAPA – O ORIENTE MÉDIO ANTIGO

FONTE: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo : Paulus, 2001. p.4.



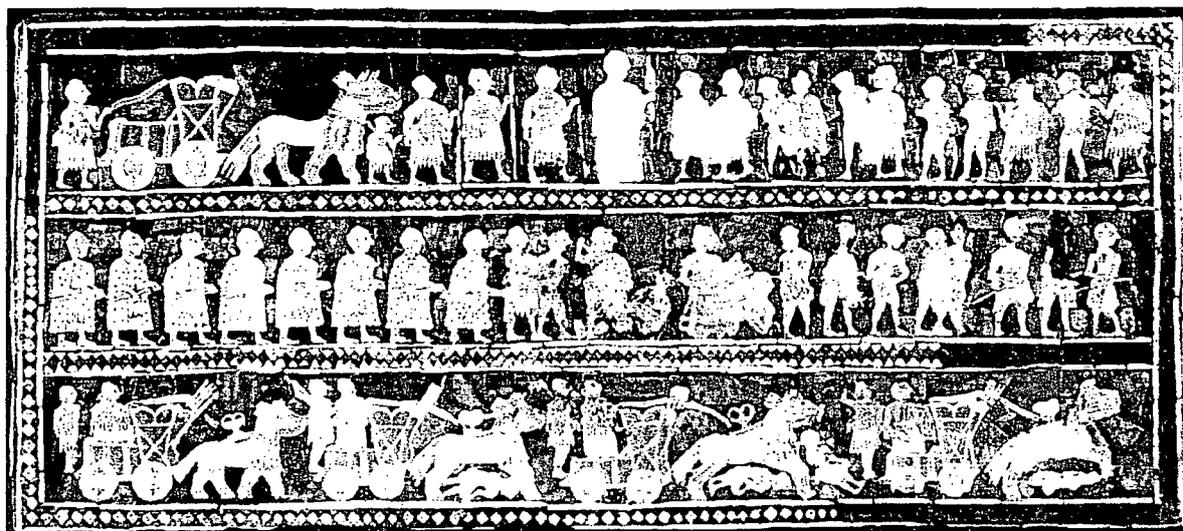
3. MAPA – ISRAEL E JUDÁ ANTES DO EXÍLIO

FONTE: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo : Paulus, 2001. p.6.



4. “INSÍGNIA DE UR” – LADO DA GUERRA

Fonte: <http://www.usc.edu/dept/LAS/religion/arcproj/war/TheStandarfUrupperhalf.jpg>



A imagem acima mostra um dos objetos mais interessantes encontrados nas escavações próximas das muralhas da cidade Suméria de Ur: a insígnia de Ur (c. 2500 a.C). A insígnia, hoje hospedada no Museu Britânico, possui dois lados: o lado da paz e o lado da guerra. Aqui vemos representado o lado da guerra. A parte azul foi feita com a pedra lápis-lazúli, minério abundante na Suméria que inclusive era exportado para outras regiões do Oriente. A parte vermelha foi produzida com calcário vermelho. Observando a primeira linha da insígnia, vemos um carro de guerra, cavalos e um pequeno rapaz perto do cavalo, o cavalariço. Ao lado do cavalariço, observamos alguns guerreiros, e no centro da linha, o governante. Do governante em diante vemos cativos e os soldados que os estão conduzindo para o rei.

Na segunda linha, vemos soldados de infantaria usando elmos, vestindo manto e túnica. Na metade da insígnia vemos os soldados capturando seus inimigos (outros soldados) e no final da linha, os inimigos tornando-se cativos, sendo que alguns, feridos. Na terceira e última linha vemos carros de guerra novamente. Os condutores do segundo e

terceiro carros portam lanças. Em baixo do segundo e terceiro cavalos, observamos homens feridos, possivelmente, soldados caídos.

Esta imagem foi colocada na pesquisa por mostrar alguns elementos presentes nas guerras do mundo antigo como: os carros de guerra, soldados suas armas e indumentária e prisioneiros.

5. SOLDADO FAZENDO MIRA COM UMA FUNDA

Fonte: BOYLE, Charles. **A arte da guerra**. Rio de Janeiro : Abril, 1997. p. 13



A ilustração mostra um soldado mesopotâmico fazendo mira com uma funda. O relevo de pedra data do século X a.C. A funda era normalmente composta por um pedaço de couro unido a dois tirantes; o atirador colocava uma pedra no pedaço de couro e tomava

impulso girando a funda acima da cabeça antes de atirar a pedra contra o alvo. A funda continuou a ser uma das armas mais letais da infantaria, mesmo depois do desenvolvimento da metalurgia. Um atirador habilidoso poderia atingir um alvo a uma distância de 200 metros – uma pedra pontiaguda podia perfurar a roupa e a carne, e um projétil rombudo bastava para atordoar, esmagar ossos ou até mesmo matar.

6. SOLDADO SUMÉRIO COM ARMAS.

Fonte: BOYLE, Charles. **A arte da guerra**. Rio de Janeiro : Abril, 1997. p. 14



Com a cabeça protegida por um elmo, o soldado representado nessa placa Suméria do terceiro milênio antes de Cristo ostenta duas das mais antigas armas de metal. Sua mão direita segura um machado, destinado mais a perfurar do que cortar; um cabo de madeira encaixa-se a uma lâmina arredondada e afiada. Na mão esquerda o soldado traz uma espada na forma de foice, feita de uma única barra de metal, usada por ele contra o inimigo da mesma forma que o agricultor ceifava os cereais.

ANEXO – GLOSSÁRIO – DEUSES CANANEUS

Anat: era a deusa dos guerreiros amonitas, adotada também pelos cananeus. A primeira menção de seu culto apareceu na cidade de Mari, durante o reinado de Zimri-lim (1780-1758 a.C.).

Asherah: era a mãe cananéia de todos os deuses. Ela era a principal deusa das cidades costeiras de Sidom e Tiro. Nas tábuas de Ugarite, Asherah é soletrada “atrt”. Asherah era a esposa do deus criador El, e provavelmente deriva da deusa sumeriana Nammu. Parece ser a equivalente da deusa babilônia das profundezas Mummu-Tiamat. Seus filhos com El são: as ondas, a morte e Rabbin (que significa as muitas gotas de uma tempestade).

Astarte: (do hebreu *astart*) possivelmente signifique vergonha. Astarte era a irmã de Baal. Equivale a deusa acádica Ishtar e deriva da deusa sumeriana Inanna. Ela era a deusa da guerra, do amor, da tempestade, das estrelas da noite e da provisão. Era também chamada de “a rainha dos céus”.

Athar: era o deus cananita da estrela da manhã. Depois de uma tentativa de substituir Baal, ele tornou-se o juiz do submundo.

Baal: significa senhor. Era o deus que trazia a tempestade e que dava a vida após a chuva. Era filho de Dagon e residia em uma montanha chamada Zaphon. Tinha duas filhas – Tallay e Arsay – uma, a empregada da chuva e a outra, a empregada das enchentes.

Dagon: era o pai de Baal. Seu equivalente era o deus sumeriano da lua Suen. A primeira referência da adoração do deus Dagon, foi encontrada na Mesopotâmia, na região ao redor de Mari, dentro de inscrições de Sargão de Acad (um rei semita) – datavam de c. 2.200 a.C. A Bíblia relata que alguns filisteus adotaram Dagon como o deus das cidades de Ashdod, Beth-shan e talvez Gaza.

El: El era o supremo deus criador dos cananeus. Vivia com os outros deuses no monte Zaphon. Era o pai de todas as criaturas. Era o deus da terra e do ar e tinha a forma de um touro em suas representações. Na Bíblia, El é traduzido por deus (ou Deus). Elohim é o plural de El. El é a parte de muitos importantes nomes da Bíblia como Israel (possa Deus perseverar) e Betel (casa de El)

Horon: era provavelmente o deus do subterrâneo, talvez fosse filho de Astarte.

Kothar-wa-hasis: tinha a função de ferreiro. Provavelmente seu nome significa cheio de habilidades²²⁸.

²²⁸ Os dados sobre os cananeus descritos acima foram coletados e traduzidos do seguinte endereço: CANAAN-GODS. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.biblicalheritage.org/Bible%20Studies/canaan-gods.htm>. Arquivo capturado em 29 de agosto de 2001. Título do livro que deu origem ao conteúdo do site: *Stories From Ancient Canaan*, edited and translated by Michael David Coogan, Westminster Press, 1978. Fazem parte de relatos extraídos de tabletes encontrados nas ruínas da cidade cananéia de Ugarite – também conhecida como Ras-Shamra – localizada na moderna costa do Líbano. Estes tabletes foram ditados pelo sumo-sacerdote de Ugarite e escritos entre 1375 e 1345 a.C.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. A.BARUCK [et al.] **Escritos do Oriente antigo e fontes bíblicas**. São Paulo : Paulinas, 1992.
2. ALTER, Robert; KERMODE, Frank. **Guia literário da Bíblia**. São Paulo : Fundação Editora da UNESP, 1997.
3. BARON, Salo W. **História Social y Religiosa del Pueblo Judío**. Buenos Aires : Editorial Paidós, 1968.
4. BEREZZIN, Jaffa Rifka. **Dicionário Hebraico-Português**. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
5. BÍBLIA. Português. **A Bíblia**. São Paulo : Abril Cultural, 1973. v.1 : O Pentateuco.
6. BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Almeida**. Barueri : Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
7. BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. 7. ed. rev. São Paulo : Paulus, 1995.
8. BÍBLIA. Português. **Bíblia Vida Nova**. Trad. João Ferreira de Almeida. 13. ed. rev. São Paulo : Vida Nova, 1990.
9. BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo : Paulus, 2001.
10. BOYLE, Charles. **A arte da guerra**. Rio de Janeiro : Abril, 1997.
11. BORGER, Hans. **Uma História do povo judeu. Volume 1** : de Canaã à Espanha. São Paulo : Sêfer, 1999.
12. BOUTHOU, Gaston. **A Guerra**. São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1964.
13. BRIGHT, John. **História de Israel**. São Paulo : Paulus, 1978.
14. BUCKLAND, A. R. **Dicionário Bíblico Universal**. São Paulo : Vida, 1999.
15. CHOURAQUI, André. **A Bíblia : Palavras (Deuteronômio)**. Rio de Janeiro : Imago Ed., 1997.
16. _____. **Os homens da Bíblia**. São Paulo : Companhia das Letras : Círculo do Livro, 1990.
17. COMAY, Joan. **Quem é quem no Antigo Testamento**. Rio de Janeiro : Imago Ed., 1998.
18. DONNER, Herbert. **História de Israel : e dos povos vizinhos**. São Leopoldo : Sinodal, 1997.
19. DUBNOW, Simón. **História Universal del Pueblo Judío**. Buenos Aires : Editorial S. Sigal, 1951.
20. DUJOVNE, Léon. **La concepción de la Historia en la Biblia Hebrea**. Buenos Aires : Congreso Judío Mundial, 1970.
21. ELIADE, Mircea. **História das crenças e das idéias religiosas**. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.
22. _____. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo : Martins Fontes, 1996.
23. _____. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo : Martins Fontes, 1998.
24. FOHRER, Georg. **História da religião de Israel**. São Paulo : Paulinas, 1982.
25. FRIEDMAN, Richard Elliott. **Who wrote the Bible**. New York : Harper & Row, 1987.
26. GARELLI, Paul. **O Oriente Próximo asiático : das origens às invasões dos povos do mar**. São Paulo : Pioneira : Ed. da Universidade de São Paulo, 1982.
27. _____. **O Oriente Próximo asiático : impérios mesopotâmicos, Israel**. São Paulo : Pioneira : Ed. da Universidade de São Paulo, 1982.
28. GILISSEN, John. **Introdução histórica ao direito**. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

29. GOTTWALD, Norman K. **Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica**. São Paulo : Paulus, 1988.
30. HALLEY, Henry H. **Manual Bíblico**. São Paulo : Vida Nova, 1993.
31. HEATON, E. W. **O Mundo do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro : Zahar, 1965.
32. JOHNSON, Paul. **História dos Judeus**. Rio de Janeiro : Imago, 1995.
33. KAUFMANN, Yehezkel. **A religião de Israel**. São Paulo : Perspectiva : Editora da Universidade de São Paulo : Associação Universitária da Cultura Judaica, 1989.
34. KEEGAN, John. **Umá história da guerra**. São Paulo : Companhia das Letras, 1995.
35. LACLOTTE, Michel. **O melhor do Louvre**. São Paulo : Editora Ática, 1997.
36. LODS, Adolphe. **Israel : desde los orígenes hasta medianos del siglo VIII (a. de C.)**. México : UTEHA, 1956.
37. LODS, Adolphe. **La Religion de Israel**. Buenos Aires : Libreria Hachette, 1939.
38. MELAMED, Meir Matziliah. **A Lei de Moisés : Torá**. São Paulo : Sêfer, 2001.
39. _____. **A Lei de Moisés e as "Haftarót"**. Rio de Janeiro : Danúbio, s/d.
40. MENES, A. **Introdução à ciência bíblica**. Rio de Janeiro : Biblos, s/d.
41. OLIVEIRA, Dennison de. **Cultura e poder nas cerimônias militares das Forças Armadas Brasileiras : o caso de Monte Castelo**. Academia Montese, <http://www.geocities.com/academiamontese/index.htm>.
42. PARKER, Geoffrey. **Atlas da História do Mundo**. São Paulo : Empresa Folha da Manhã, 1993.
43. PURY, Albert de. **O Pentateuco em questão : a origem e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes**. Petrópolis : Vozes, 1996.
44. ROCHEDIEU, Edmond. **Antigos Cultos : ritos, mitos e símbolos da antigüidade a Idade Média**. Lisboa : Verbo, 1983.
45. ROGERSON, John. **Bíblia : os caminhos de Deus**. Madrid : Del Prado, 1996.
46. ROMER, John. **Testamento : os textos sagrados através da História**. São Paulo : Melhoramentos, 1991.
47. SELLIN, E.; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo : Ed. Paulinas, 1977.
48. SHOTWELL, James T. **The Story of Ancient History**. New York : Columbia University Press, 1961.
49. SPINOZA, Baruj. **Tratado Teologico Politico**. Buenos Aires : Lautaro, 1946.
50. STEINMANN, Jean. **A crítica em face da Bíblia**. São Paulo : Flamboyant, 1960.
51. STORNIOLO, Ivo. **O livro do Deuteronomio**. São Paulo : Paulus, 1992.
52. THIEL, Winfried. **A sociedade de Israel na época pré-estatal**. São Leopoldo : Sinodal; São Paulo : Paulinas, 1993.
53. THOMPSON, J. A. **Deuteronomio : introdução e comentários**. São Paulo : Vida Nova, 1991.
54. UNTERMAN, Alan. **Dicionário Judaico de lendas e traduções**. Rio de Janeiro : Zahar, 1992.
55. YOUNG, J. Edward. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1964.

ACADEMIA MONTESE. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.geocities.com/academiamontese/index.htm>. Arquivo capturado em 2 de setembro de 2001.

ACADEMIA MONTESE. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.geocities.com/academiamontese/racaeforcas.pdf>. Arquivo capturado em 2 de setembro de 2001.

- ANCIENT NEAR EASTERN WARFARE. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.usc.edu/dept/LAS/religion/arcproj/war/TheStandarfUrupperhalf.jpg>. Arquivo capturado em 16 de setembro de 2001.
- BAKER'S EVANGELICAL DICTIONARY OF BIBLICAL THEOLOGY. [online] Disponível na Internet via WWW URL: <http://bible.crosswalk.com/Dictionaries/BakersEvangelicalDictionary/bed.cgi?number=T424>. Arquivo capturado em 30 de agosto de 2001.
- CANAAN-GODS. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.biblicalheritage.org/Bible%20Studies/canaan-gods.htm>. Arquivo capturado em 29 de agosto de 2001.
- HISTÓRIA DA BÍBLIA. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.sbb.org.br/portugues/historia/index.html>. Arquivo capturado em 29 de outubro de 1999.